


THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

BRINDE

AOS

SENHORES ASSIGNANTES

DO

DIARIO DE NOTICIAS

INTRODUCÇÃO, pelo sr. *Silva Tullio*, socio da Academia Real das Sciencias.
SANTA CATHARINA DE RIBAMAR, pelo sr. *J. M. d'Andrade Ferreira*, da mesma Academia.
PERO ESTEVES, pelo sr. *Eduardo Coelho*.
AGONIAS OBSCURAS, pelo sr. *M. Pinheiro Chagas*.

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
RUA DOS CALAFATES, 110

1866

BRINDE

AOS

SENHORES ASSIGNANTES

DO

DIARIO DE NOTICIAS

BRINDE

AOS

SENHORES ASSIGNANTES

DO

DIARIO DE NOTICIAS

Andrade Ferreira, José Maria de

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
RUA DOS CALAFATES, 110

1866

INTRODUCÇÃO BIBLIOLOGICA

Quem diria que esta potencia universal, chamada *jornalismo*, havia de ser inventada pela medicina para remedio e cura dos doentes?

E tambem espanta que este gigante de hoje, o *jornal*, começasse por um exiguo *Diario de Noticias* no seculo XVII!

Pois taes foram os começos da imprensa periodica em França, d'essa imprensa que é agora encyclopedica, que abrange e diffunde todos os conhecimentos humanos!

Oiçamos a historia, que será breve.

O dr. Theophrasto Renaudot, medico de Luiz XIII, era amigo do celebre genealogico Pedro de Hozier, que tinha grande correspondencia tanto para as provincias de França como para outros reinos, a fim de colligir informações para a historia da no-

breza que depois publicou. Com as noticias genealogicas, lhe davam outras de casos occorridos, que elle communicava ao dr. Renaudot.

Teve este a feliz lembrança de fazer, nos dias de correio, um extracto d'estas noticias, e ir lê-as aos doentes na occasião das visitas.

É de notar que taes noticias eram pela maior parte de vidas alheias, que é de que tratam os genealogicos.

Viu o dr. Renaudot que esta receita, para certas doenças, era melhor que as de botica, e foi carregando a mão nas dóses. Alargou o formato ao jornal, como hoje se diria, e foi tambem pondo noticias da sua lavra.

Correu o boato do novo receituario, e com elle cresceu o numero dos doentes que queriam ser tratados pelo *medico das noticias.*

Então foi necessario que o doutor tomasse escreventes para multiplicar as copias; porque os doentes já se não contentavam de ouvir ler as noticias, queriam que lh'as deixasse ficar para fazerem a leitura em familia. Eram pilulas que todas enguliam; e quanto mais doiradas melhor.

Deu-se logo a este embryão do jornalismo o nome de *nouvelles à la main* (noticias manuscriptas),

que não só eram solicitadas pelos doentes de Paris, mas tambem pelos das provincias. De sorte que havia enfermiços que passavam sem caldo de gallinha, mas sem as noticias nenhum! E para os são eram já tão indispensaveis como o pão para a bocca.

Renaudot foi augmentando a *tiragem* successivamente. Não se sabe porém a quantos mil exemplares chegou...

O que se sabe é que a receita fez mais curas que a «revalenta arabica»; que as garrafadas iam indo por agua abaixo; que os boticarios se amotinaram; e que os medicos que não tinham *noticiario* andavam aos paus.

Passava-se isto em 1630.

Renaudot vendo que não só os doentes apeteciam o remedio que elle havia manipulado, tratou de aviar a mesma receita para os sãos; isto é, mandando imprimir as noticias para que chegassem a todos.

Para isto era preciso licença regia; mas como elle era amigo do cardeal Richelieu, então ministro omnipotente, facilmente a alcançou.

A 30 de maio de 1631 appareceu o primeiro numero, com o titulo de *Gazeta*, e continuou a sair semanalmente, no formato de quarto, com oito paginas.

Teve logo immensa voga e muitos invejosos, na fórma do costume, o que se vê pelas satyras que por esse tempo se fizeram á nova gazeta.

Na bibliotheca imperial de Paris se conserva uma estampa, com a data de 1631, na qual se figura a *Gazeta* n'uma deusa sentada em seu throno, cercada de presentes, como quem diz, de peitas, tendo á sua direita a *mentira*, altiva e palreira; e á esquerda a *verdade*, humilhada e taciturna, mettida no escuro do quadro. No primeiro plano está o redactor Renaudot a escrever as noticias que lhe trazem os alviçareiros; e á frente um pregoeiro com uma bolsa a tiracollo cheia de gazetas.

Attribue-se esta pungente satyra, assim como outras manuscriptas, aos boticarios, que nunca se reconciliaram com o medico das *noticias*, as quaes lhe suscitaram mais inimigos do que a camphora ao Raspail.

Foi uma guerra viva, não de *alecrim* e *mangerona*, como as da opera do judeu, mas de *grama* e *salsa-parrilha*.

Não deixaremos de notar, que o ver-se na estampa de 1631 um pregoeiro, é signal de que a *Gazeta* se vendia pelas ruas, como hoje se vende o *Diario de Noticias*, invenção que tambem se deve

attribuir ao doutor Renaudot; e ninguem ainda disse que por isto lhe tivessem caido os parentes em deshonra.

Esta gazeta, assim nascida e medrada; que foi a matriarcha do jornalismo francez; que teve por collaboradores o cardeal Richelieu e outros magnates; que chegou a ser por muitos annos o diario official do governo, com o titulo de *Gazette de France*, ainda hoje dura!

Esta macrobia tem 234 annos de edade, e ainda está para durar. Veja-se n'este espelho o seu tetraneto *Diario de Noticias.*

Agora que terminámos a historia da gazeta de Renaudot, como jornal de *noticias*, cuja primaria instituição foi para dar publicidade ao que os francezes chamam *faits divers*, e nós d'antes *noticias diversas, locaes*, e hoje *noticiario*; cumpre dizer, que jornaes politicos, ou antes, de noticias politicas, já os havia fóra da França quando o doutor Renaudot creou o seu. Elle mesmo o declara no artigo de introducção ao primeiro numero, dizendo: *La publication de gazettes est, à la verité, nouvelle, mais en France seulement.*

Quando a republica de Veneza, meiado o seculo XVI, andou em guerra accesa com a Turquia, cos-

tumava mandar pôr em certos logares as participações que recebia do exercito de operações, que interessavam a toda a christandade, e ahi as ia ler o publico mediante a paga de uma *gazeta*, moeda de cobre assim chamada, e que deu o nome ao jornal de Renaudot, e depois a quasi todos os que foram apparecendo em diversas linguas.

Mas estas *notizie scritte*, como se chamavam, eram politicas; e o foram tambem quando sairam impressas.

A Hollanda teve em 1605 uma publicação para noticias da guerra e do commercio, ao qual por esse tempo dava leis.

A Inglaterra só no anno de 1622 publicou a sua primeira gazeta semanal, politica, commercial e litteraria.

A Allemanha, berço da typographia, reclama a prioridade do jornalismo, e na bibliotheca da universidade de Leipzig se conserva o exemplar de uma *relação* volante que tem a data de 1494, e pretendem que ha similhantes papeis publicos de 1457 a 1460, mas periodicamente só desde 1590.

A Hespanha não madrugou para o jornalismo, porque a gazeta de Madrid é posterior á de Lisboa.

Quanto a Portugal, ainda se não pôde dissipar o nevoeiro que encobre as origens do primeiro jornal portuguez!

Julgam os bibliographos que nascera no mez de novembro de 1641, por ser esta a data da primeira gazeta que até agora tem apparecido, e de que ha exemplares na bibliotheca nacional de Lisboa, na de Evora, etc. [1]

Mas sobre este ponto ha suas duvidas.

Combinam todos os auctores de historia litteraria, que os *papeis volantes, relações* e *noticias avulsas,* foram *les origines du journal.* Ora entre nós houve d'estes impressos muito antes da *Gazeta* de 1641.

Borges Carneiro no seu *Resumo Chronologico das Leis,* t. II, pag. 72, aponta uma carta regia, com a seguinte inscripção: — *C. R. para a censura das Gazetas.* Por nos parecer que este documento vinha por extracto incompleto, recorremos á Torre do Tombo, e ahi no livro da «Correspondencia do Desembargo do Paço», de 1627-1628, fol. 19, se acha lançado o seguinte: — «Por carta de Sua Magastade de 26 de janeiro 627. — De alguns annos

[1] Vid. as excellentes *Cartas bibliographicas* do sr. Innocencio F. da Silva publicadas na *Gazeta de Portugal* em outubro de 1863.

a esta parte se tem introduzido n'essa cidade escrever e imprimir relações de novas geraes ; e porque em algumas se falla com pouca certeza e menos consideração, do que resultam graves inconvenientes: ordenareis que se não possam imprimir sem as licenças ordinarias, e que antes de as dar se revejam e examinem com particular cuidado. — *Christovam Soares.* »

Está conforme com o traslado que Borges Carneiro deu no citado *Resumo*, com a differença que não lhe poz a assignatura de Christovam Soares.

A « relação de novas geraes » que d'aquelle tempo se conhece, é a do nosso classico Manuel Severim de Faria, publicada em 1626, com o titulo de *Relação universal do que succedeu em Portugal e mais provincias do occidente e oriente, de março* 625 *até todo o setembro de* 626. Publicada em Lisboa, e outra até agosto de 1827, impressa em Braga.

Dizendo porém a citada carta regia, que o uso de escrever e imprimir taes *relações*, se havia introduzido *de alguns annos a esta parte*, referindo-se ao anno de 1627 em que foi datada, é claro que não alludia só á de Severim de Faria, publicada em Lisboa no anno antecedente, porém a outras *alguns annos* mais antigas.

E note-se que este documento não se póde pôr em duvida como os decretos de 19 de agosto de 1642 e 2 de novembro de 1643, citados por João Pedro Ribeiro no seu *Indice Chron.* t. VI, pag. 7 e 10, pelos quaes el-rei D. João IV — «prohibe imprimirem-se *gazetas* geraes, com noticias do reino ou de fóra d'elle, em razão da pouca verdade de muitas, e do estylo de todas.» — por que estes não apparecem em nenhum registro, e d'aquell'outro temos o original na Torre do Tombo.

Além d'isso, havendo já o alvará de 4 de dezembro de 1576, para que se não imprimissem livros sem licença d'el-rei, e sem primeiro serem vistos e approvados na mesa do desembargo do paço, disposição que passára para o liv. 5, tit. 102 das Ordenações do Reino promulgadas em 1603, infere-se que não estando as *relações* ou *noticias avulso* comprehendidas na lettra da Ordenação, porque não eram *livros*, como hoje o não são os *jornaes*, que teem legislação especial, foi necessario decretar que taes *relações* ficavam tambem sujeitas á censura, podendo-se esta considerar como a primeira lei que houve em Portugal contra os *abusos da imprensa*, que então começava a engatinhar e a balbuciar, e que mais cedo andaria pelo seu pé, se a carta regia philip-

pina não viesse enguiçal-a, retendo-a nas encolhas da censura do desembargo do paço, por mais de doze annos, até se emancipar com a independencia do reino em 1640. D'aqui por diante, além da *Gazeta* mensal, a imprensa foi um dos mais poderosos auxiliares da gloriosa campanha da restauração, em que Portugal, por successivas e assignaladas victorias, obrigou a Hespanha, por um tractado de paz, depois de vinte e oito de guerra, a desistir das vãs pretenções á corôa conquistada por Affonso Henriques.

Como a imprensa costuma ser a trombeta que derruba as Jericós do despotismo, é provavel que os *papeis volantes* que Philippe IV mandava passar pelas forcas caudinas do desembargo do paço, fossem os excitadores dos tumultos de 1623 em Lisboa, e de 1637 em Evora, contra o dominio castelhano, prenuncios temerosos da revolução de 1640.

Como quer que seja, essas *relações* foram os avoengos da *Gazeta*, cujo primeiro numero data de novembro de 1641, com seis paginas de quarto, e continuou até 1647, com maior ou menor numero de paginas, segundo a affluencia de noticias, e vendendo-se regularmente por 10 réis, como o *Diario de Noticias*.

Dezeseis annos depois do ultimo numero da *Ga-*

zeta appareceu o *Mercurio,* tambem mensal, que durou até julho de 1667. N'uma proposta feita ao governo, no principio do reinado de D. Maria I, que suppomos ser de Felix Antonio Castrioto, para se lhe conceder a redacção da *Gazeta,* que obteve, depois de se referir á de 1641-47, e aos mercurios de 1663-67, diz:

«Em 1684, formando-se a liga contra os turcos, foram saindo relações dos successos da liga e outros, com auctorisação do gabinete, até ao fim da guerra com a paz de Santo Eloy, em 1697.»

«Com o seculo presente (XVIII) entrou a guerra da successão de Hespanha, e com ella as gazetas *regulares* em cada mez; e as relações tanto avulsas como numeradas, até á paz de Utrecht em 1715. N'este anno então começaram as *Gazetas* regulares de cada semana até 1762, em que o marquez de Pombal as mandou suspender.» [1]

Ninguem até agora viu as taes *Gazetas* do principio do seculo XVIII, a que o auctor citado chama regulares; entretanto, n'uma proposta feita ao governo, e por um homem de lettras, parece que se não havia de fazer uma asserção leviana. Estará

[1] *Historia do Jornalismo em Portugal,* que opportunamnnte publicaremos.

talvez aqui tomada a palavra gazeta na antiga accepção de papel noticioso.

O que é certo é que o fecundissimo polygrapho, José Freire Monterroyo Mascarenhas, que restaurou a *Gazeta* no reinado de D. João v, e que a redigiu durante 45 annos! poz no rosto do primeiro volume: *Historia annual, chronologica e politica do mundo*, tendo algumas collecções existentes, no primeiro anno, a designação de tomo XVI. Parece tomar-se como sequencia de outros escriptos da mesma indole.

E tambem é para notar, que o primeiro numero d'esta serie, começada em 1715, traz o titulo de *Noticias*; no segundo numero é que vem o nome de *Gazeta*.

Mas todos estes papeis eram escaços de noticias do reino; e se fallavam de casamentos, obitos ou despachos, era só de gente graúda.

Para se conhecer o que era o *noticiario* d'aquelles tempos, basta a transcripção que vamos fazer.

O terremoto de 1755 succedeu a um sabbado. N'esse tempo a *Gazeta* sahia ás quintas feiras. Na immediata á espantosa catastrophe, a folha publicou-se pontualmente, e no fim dizia o seguinte:

« Lisboa 6 de novembro de 1755. O dia primeiro

do corrente ficará memoravel a todos os seculos, pelos terremotos e incendios que arruinaram uma grande parte d'esta cidade; mas tem havido a felicidade de se acharem nas ruinas os cofres da fazenda real e da maior parte dos particulares. »

Mais nada!

Hoje, quando arde um predio da baixa, e morre algum bombeiro, no dia seguinte o noticiario de todos os jornaes é uma Eneida (mal comparado), é como se ardesse Troya! Não se lê outra coisa; é um acontecimento memoravel.

Arrasou-se quasi toda Lisboa; morreram sessenta mil almas[1]; estão fumegando os seus melhores templos e palacios incendiados; ainda os gritos de misericordia estão ferindo os ares; o terror paira ainda sobre a cidade; e *Gazeta* de 1755 cifra todo este quadro em seis linhas de noticiario!

Estaria ainda assombrado o redactor, pelos abalos e pavores da medonha catastrophe, a ponto de não atinar com o que havia de dizer?

Não; porque passados mais oito dias, escrevia elle com o mesmo laconismo, ou antes, com egual seccura e frieza parvoa:

[1] J. de Oliveira Trovão, *carta sobre o lamentavel successo de Lisboa*, 1755.

« Lisboa, 13 de novembro de 1755. — Entre os horrorosos effeitos do terremoto, que se sentiu n'esta cidade no primeiro de novembro, experimentou ruina a grande torre chamada do *Tombo*, em que se guardava o archivo real do reino, o qual se anda restaurando das ruinas da mesma torre, e se anda arrumando; e muitos edificios tiveram a mesma infelicidade.»

Eis o que era um noticiario no tempo do terremoto!

Mas saiba-se, que se a *Gazeta* dava similhantes exemplos de sobriedade noticiosa, o povo achava alimento para a sua curiosidade nos *papeis volantes*, que muito antes do terremoto eram vendidos e apregoados pelos cegos nas ruas e praças de Lisboa, como hoje se vende e apregôa o *Diario de Noticias*.

E era isto um monopolio, como o tabaco e o sabão (quem tal dissera!).

Havia na antiquissima parochial de S. Jorge uma irmandade de cegos, em que apenas eram admittidos doze irmãos com vista, para os guiarem, e para os mesteres da confraria que os pobres cegos não podiam exercer. Eram estes os que com o seu moço ou o seu cão, apregoavam os *papeis*

noticiosos pelas ruas, e tinham armarios ou tendas de livros usados, com os folhetos novos a *cavallo em barbantes.* Assim se isentavam estes infelizes da mendicidade a que a cegueira os condemnava.

E parece que esta industria era bem rendosa, porque teve muitos *atravessadores* com vista; e tantos que faziam sombra aos cegos... porque estes se queixaram ao marquez de Pombal, allegando, que vivendo na miseria por serem pobres, além da sua cegueira, impeditiva de poderem em outro exercicio que não fosse a venda dos papeis, adquirir o sustento quotidiano; o corregedor do civel da cidade, que era o conservador da sua irmandade, não mandava prender os transgressores do privilegio que a irmandade obtivera da real protecção; pois andavam muitas pessoas com vista, e alguns cegos sem serem irmãos, vendendo impressos pelas ruas, e outros tinham posto tendas de livros e papeis, privando a irmandade dos lucros que lhe pertenciam por provisão régia.

Que nas demandas que se viam obrigados a intentar contra os trangressores, padeciam muitas delongas, o que procedia de serem cegos e miseraveis, e por isso menos attendidos que os trangressores, alguns dos quaes *eram poderosos.* Que faziam

no seguimento das causas despezas a que a sua pobreza não podia supprir. E por estas razões pediam a sua magestade que o dito corregedor, sem ordem nem figura de juizo contencioso, fizesse executar o privilegio da irmandade do Menino Jesus. Era este o patrono que os cegos haviam elegido, e não a sua santa Luzia, lembrados talvez do nosso dictado: Quando Deus não quer santos não rogam.

Em vista da allegação que fica extractada, se passou uma provisão regia, datada de 4 de março de 1751, pela qual foi confirmado o privilegio que tinha a irmandade dos cegos, de só elles poderem apregoar e vender pelas ruas, livrinhos, folhinhas, *gazetas, relações, supplementos,* e outros *papeis avulsos impressos,* e que o corregedor passasse mandado geral para que se fizesse tomadia em todos os livros e papeis que fossem vendidos por quem não pertencesse á irmandade dos cegos.

Ora esta irmandade dos cegos *papelistas* (assim os chamavam) data de 1604 [1]. Portanto, o uso de

[1] Devemos ao sr. Mathias José Marques da Silva, livreiro da rua Aurea, a mercê de nos facultar o livro original do compromisso da irmandade, da qual foi o ultimo secretario. N'este livro estão colligidas todas as provisões regias que foram concedidas por differentes soberanos aos cegos *papelistas.*

se imprimirem e venderem noticias pelas ruas, é antiquissimo entre nós.

O ultimo cego *papelista* da irmandade, Manuel Marques da Silva, falleceu em 1863. O celebre livreiro João Henriques, da rua Augusta, tambem já defunto, foi moço de cego.

Estas antigualhas são importantes para a historia da imprensa em Portugal, e para que se saiba que nossos avós eram tão amigos de noticias como nós outros, e que se lh'as sonegavam por falta de liberdade de imprensa, iam para o alto de Santa Catharina, Sequeiro das Chagas, Cotovia, Valle Verde, arcos do Rocio e adro de S. Domingos (passeios favoritos do nosso Camões), caracol do Carmo, Jogo da Pella, campo de S. Barbara, largo da Graça, Penha de França, taboleiro da Sé, arco das Pazes, Terreiro do Paço, Corte Real, Remolares, e outros taes paradeiros, onde se abria praça de novidades para os licitantes que a horas certas alli concorriam (as tardes então davam para tudo), permutando as noticias do reino, e as estrangeiras pelas gazetas que muitos levavam na algibeira. Raros eram os cafés, então, e n'esses não entrava gente de gravata lavada.

Em 1745, o café do Rosa (que era o Marrare

d'aquelle tempo) na rua Nova, hoje dos Capellistas, só o frequentavam os negociantes estrangeiros.

Tal é o esboço historico do *noticiario* em Portugal, até á instituição da liberdade de imprensa em 1820.

N'esse anno houve logo um chuveirão de periodicos, todos politicos, mas que tambem davam suas noticias, postoque fugitivas, e nem sempre.

O mesmo se póde dizer dos jornaes que sairam á luz depois da restauração de 1833, se exceptuarmos o *Periodico dos Pobres do Porto*, que foi mui copioso de noticias, dadas em folhetim epistolar, mas quasi sempre satyricamente, embora com muita graça e originalidade.

Foi a *Revista Universal Lisbonense*, redigida pelo sr. A. F. de Castilho desde 1841 até 1845, a que entre nós creou o verdadeiro, o genuino, o proveitoso *noticiario*. Foi o primeiro jornal que abriu uma secção especial e exclusiva para as noticias.

Se nunca se haviam colligido com tanta abundancia, tambem jámais houvera quem as redigisse com tão enfeitiçado e maravilhoso artificio! O eminente poeta e prosador punha alli todos os encantos do seu estylo, todas as agudezas do seu espirito, as graças ora amenas ora picantes do seu talento attico, do seu genio festivo e amoravel.

Philosophia, arte, elocução, pureza de linguagem, opulencia de phrase, poesia, moção dos affectos, riso, prantos, chistes, epigrammas, tudo emfim quanto póde fazer a escripta para arrebatar a alma, e commover o coração, tudo se acha nos diversissimos paineis que formam a galeria de noticias dos primeiros quatro volumes da *Revista*.

Está alli uma selecta modelo n'este genero de composição litteraria, que é tão difficil, por isso tão raro.

E ha califas, não fabulados, que intentam queimar, com quatro maravalhas que furtaram nos pinhaes germanicos, esta e outras bibliothecas ainda mais ricas do mesmo auctor, onde todos nós aprendemos a escrever portuguez!

Foi na *Revista Universal* que temperámos as armas com que por tantos annos militámos n'essa Argel do *folhetim* e do *noticiario*, no tempo em que por esses aduares se quebravam lanças em refregas e polemicas sem tir-te nem guar-te, e onde de viseira calada tivemos de pelejar com o Abdel-Kader dos folhetinistas d'esse tempo, o sr. *L. C.*

Ambos tinhamos então o sangue na guelra. Hoje tudo isto nos parece já um conto da carochinha!

Foi moda, passou. Agora os escriptores tudes-

cos, desmamados pelas versões francezas dos livros allemães, divertem-se em jogar a cabra-cega com os leitores. E o peior é que os taes meninos saem-se vendados com uma phraseologia tão caliginosa e empastada, que, ninguem á maneira dos farricôcos, é capaz de adivinhar onde elles teem o nariz!

Com o exemplo da *Revista* foram os jornaes alargando o campo das noticias, até que se tornou pratinho obrigado para os leitores. E tanto que em 1851 tivemos de inventar a palavra *noticiario* para titulo de uma das secções da *Semana*, porque o de *noticias diversas*, *chronica*, *locaes*, e outros que se usavam, não eram bem expressivos. O termo vingou, porque foi geralmente adoptado pelos jornaes, e já passou para o diccionario da lingua, na ultima compilação feita pelo sr. D. José de Lacerda.

O noticiario é hoje o melhor visco para engaiolar assignantes. E por isso os jornaes são obrigados a ter passarinheiros de noticias, que andem á caça das mais recônditas, e que venham ainda quentes, porque esta volateria não é como a perdiz que se póde levar á bocca com a mão no nariz.

Tal industria é já antiga em França, e ainda mais na Inglaterra, em Portugal porém é modernissima.

O jornal diario de Lisboa que actualmente conta maior numero de assignantes, deve-os ao noticiario, com quanto tenha outros meritos que o recommendam.

O *Diario de Noticias*, só porque se destina a divulgal-as, sem mistura de outros assumptos, tem já hoje uma tiragem e extracção de que não ha exemplo em Portugal.

Seguindo o trilho de que ainda se não desviou, é de crer que em pouco tempo se aproxime das fabulosas tiragens dos jornaes estrangeiros da mesma indole. *Nos quoque gens sumus.*

E somos, porque o povo gosta de lêr, mas não póde gastar muito. E se não veja-se como elle acudiu logo á offerta barata, áquella a que podiam chegar as suas posses. E hoje, por 10 réis, tem a gente do povo leitura util, não de noticias de ociosa curiosidade, sómente, mas tambem instructivas, e de envolta sua litteratura amena e recreativa. D'aqui, d'este degrau, podem muitos subir até ao magisterio. Tem-se visto. O caso está na applicação; porque sem leitura não ha ventura — pelo menos não ha sabedoria.

Os proprietarios do *Diario de Noticias*, como primorosos e portuguezes, porque o são, querem

manifestar o seu agradecimento aos assignantes do jornal, dando-lhes por consoada este volume, brinde de estimação, por ser obra de tres auctores mui conhecidos e festejados do publico, e expressamente escripta para este fim.

Praticando um acto de bisarria, concorrem tambem para propagar ainda mais a leitura popular, distribuindo este livro gratuitamente a tão crescido numero de assignantes.

O bom humor com que escrevi esta introducção, patenteia o contentamento com que vejo medrar esta empreza, propagadora do genero de escripta por onde tantos annos me correu a penna, então mais veloz, festiva e descuidada.

Sirva isto para se me desculpar algum dito ou gracejo mal cabido.

Dezembro — 10 — 1865.

A. DA SILVA TULLIO.

Meu caro Bulhão Pato

O romance, que vae ler-se, foi escripto entre graves abalos do meu espirito. De alguns sabes tu, como meu intimo amigo que és, e outros deves suppôl-os, como espirito superior capaz de inferir as menores sensações de um caracter como o meu. Tudo isto se deve reflectir n'este pequeno romance. Mas tal qual é, dá-me licença que t'o dedique. A intenção moral é tudo, n'estes casos, e a que me inspira esta dedicatoria é digna de ti, e de teu

18 de novembro
de 1865.

ANTIGO E SINCERO AMIGO

ANDRADE FERREIRA.

SANTA CATHARINA DE RIBAMAR



I

AS RUINAS DO MOSTEIRO

> E eram umas serranias mui asperas e abruptas, e lá em cima, a topetar com as nuvens, o pobrinho e desamparado cenobio.
>
> Frei Luiz de Sousa.— *Vida do Arcebispo.*

Poucas impressões tenho sentido na minha vida tão poeticas e profundamente saudosas, como, ha cinco annos, n'uma tarde, por horas de pôr-o-sol, vogando eu n'um pequeno barco, Tejo abaixo e terra terra da margem septentrional, ao avistar aquellas rochas que se aprumam por detrás da praia do Dáfundo, e que, olhadas do rio, se affiguram talhadas a pique e immensamente erguidas para alevantarem, no mais alto de seus cumes, como vôo desprendido dos intimos seios de alma religiosa, os melancholicos e desamparados restos do antigo mosteiro de Santa Catharina de Ribamar.

manifestar o seu agradecimento aos assignantes do jornal, dando-lhes por consoada este volume, brinde de estimação, por ser obra de tres auctores mui conhecidos e festejados do publico, e expressamente escripta para este fim.

Praticando um acto de bisarria, concorrem tambem para propagar ainda mais a leitura popular, distribuindo este livro gratuitamente a tão crescido numero de assignantes.

O bom humor com que escrevi esta introducção, patenteia o contentamento com que vejo medrar esta empreza, propagadora do genero de escripta por onde tantos annos me correu a penna, então mais veloz, festiva e descuidada.

Sirva isto para se me desculpar algum dito ou gracejo mal cabido.

Dezembro — 10 — 1865.

A. da Silva Tullio.

Meu caro Bulhão Pato

O romance, que vae ler-se, foi escripto entre graves abalos do meu espirito. De alguns sabes tu, como meu intimo amigo que és, e outros deves suppôl-os, como espirito superior capaz de inferir as menores sensações de um caracter como o meu. Tudo isto se deve reflectir n'este pequeno romance. Mas tal qual é, dá-me licença que t'o dedique. A intenção moral é tudo, n'estes casos, e a que me inspira esta dedicatoria é digna de ti, e de teu

18 de novembro
de 1865.

ANTIGO E SINCERO AMIGO

ANDRADE FERREIRA.

SANTA CATHARINA DE RIBAMAR



I

AS RUINAS DO MOSTEIRO

> E eram umas serranias mui asperas e abruptas, e lá em cima, a topetar com as nuvens, o pobrinho e desamparado cenobio.
>
> Frei Luiz de Sousa.—*Vida do Arcebispo.*

Poucas impressões tenho sentido na minha vida tão poeticas e profundamente saudosas, como, ha cinco annos, n'uma tarde, por horas de pôr-o-sol, vogando eu n'um pequeno barco, Tejo abaixo e terra terra da margem septentrional, ao avistar aquellas rochas que se aprumam por detrás da praia do Dáfundo, e que, olhadas do rio, se affiguram talhadas a pique e immensamente erguidas para alevantarem, no mais alto de seus cumes, como vôo desprendido dos intimos seios de alma religiosa, os melancholicos e desamparados restos do antigo mosteiro de Santa Catharina de Ribamar.

1

A hora e o sitio eram dos mais convidativos ás cogitações do espirito contemplativo. Viram já coisa mais suavemente triste do que as aguas do mar a perderem-se de vista nos confins do horisonte, e além, muito além, tres ou quatro velinhas, aqui e alli, como pensamentos perdidos em tamanha immensidade? E a um lado, uns serros negros e escalvados a correrem sobre a margem, parecendo quererem precipitar-se no seio do abysmo; e lá ao longe, sordindo já a custo da linha que corta o azul do céo do azul das ondas, meio disco do sol apenas, suffocado pela cerração de vapores que o entretece de manchas avermelhadas e agonisantes?

Viram já aspectos mais impressionaveis, hora mais espertadora de recordações scismadoras e angustiosas?

Não viram de certo.

E depois, se lhes dissessem que de dentro d'aquelle solitario mosteirinho, que lá em cima, mesmo na crista da serra, lembra o pensamento que se desata de toda a communicação dos homens para voar ás regiões de perfeição infinita; se lhes dissessem que de dentro d'aquelles muros haviam sido expulsos, n'outro tempo que não vae longe, uns pobres velhos que não queriam de nós todos senão

aquella soledade por guarida, o pão da esmola por sustento do corpo, e algumas horas de resa por alimento do espirito; se lhes dissessem e affirmassem isto tudo, como o peso de uma agonia intima lhes não confrangiria o coração?!

Diz Châteaubriand que não ha quadro da natureza que não encerre um significativo sentido moral. E não é mister ser poeta nem pintor para interpretar, com o coração e com a phantasia, esta parte animada dos aspectos naturaes, que as diversas horas do dia nos põem diante dos olhos; para isto basta sentir. E se acaso o coração nos sangra de alguma d'essas feridas que nenhuma força dos annos cicatriza, então a sensibilidade aviva-se-nos, apura-se, torna-se melindrosa, e qualquer objecto, por exemplo um sino soando ao longe ao atravessar de uma floresta, as notas frouxas de uma flauta, quebrando a silenciosa calada da noite, uma ermidinha debruçando-se por entre as fragas da serra, qualquer d'estes objectos, acordando em nossa alma affinidades moraes, excita-a e leva-a finalmente a esses excessos de enfermidade em que o espirito adoece de uma saudade vaga, de uma tristeza indefinida, a que nós chamamos melancholia.

Era exactamente na crise de um d'estes ataques

que eu me achava, quando o dia ia a deixar-me, no seio das aguas do Tejo.

N'este momento a derradeira luz do sol, quasi a mergulhar de todo no Occeano, veiu dourar frouxamente as desmanteladas paredes do convento arrabido, como um adeus de despedida da natureza, que ia adormecer, áquelle de egual sorte bem triste, e quasi extincto adeus das ordens religiosas sobre aquellas ribas do mar!

Depois d'isto fallei d'estas impressões a um amigo, que costuma ir todos os annos para aquelles sitios tomar banhos, e dissertámos por largas horas a tal respeito.

— Havia de tudo; havia bons e havia maus, disse elle, referindo-se aos monges, que tinham habitado o convento de Santa Catharina de Ribamar, e á sua expulsão. O ser frade não fazia da indole ruim um thesouro de virtudes; de certo que não fazia. Mas a disciplina monastica, como a disciplina militar, encaminhava por bom caminho os espiritos escolhidos e tinha mão nas almas damnadas. Diga-me o meu amigo: qual seria o homem pervertido que fosse procurar aquelle ninho de aguia para vivenda?! Não estava aquella aspereza, assim affastada do povoado, mostrando bem quão alheio era tudo

que existia alli dentro do ruido e interesses mundanos?! Não seria aquelle cenobio, e o viver alli, seguro penhor das intenções e costumes dos homens que d'aquelle modo se amortalhavam de todo para os affectos e deslumbramentos da sociedade?! Eu penso que sim; mas se o julgam de outro modo, se intendem que aquillo tudo, aquellas preces, aquelles jejuns, aquellas abstinencias e cilicios não passavam de continuada e embusteira comedia para o mundo, esteril para a moral e offensiva dos verdadeiros principios religiosos, n'esse caso determinassem uma reforma, e não uma devastação. Corrigissem os abusos, para entrar no são, e não se exagerassem os erros, para haver pretexto á espoliação. Ordenassem tudo, menos que os pobres frades fossem esbulhados de seus haveres, haveres grangeados com o sacrificio do patrimonio de uns, e com a perseverança mendicante de outros, e que ao cabo de alguns annos não os vissemos por ahi a desfallecer de fome e as suas antigas moradas vendidas por *titulos azues* a negreiros ricos, ou a desabarem em ruinas que nem pardieiros são. Intende que seria este o pensamento civilisador da revolução liberal? Eu acho que não.

—Eu tambem assim o intendo, e não posso dei-

tar á conta dos principios o que pertence á cubiça dos homens.

— É verdade; diz bem. Mas a verdade é que as riquezas das ordens religiosas ficaram pelas mãos dos patriotas e açambarcadores; no erario da nação não entraram ellas; e os frades ahi expiraram famintos, sem pão nem abrigo. Quer o senhor saber a historia de um, que eu conheci nos ultimos dias da vida? Pois foi um opulento da fortuna: possuia tudo que o mundo nos póde offertar, e com que nos póde tentar. Um grande infortunio levou-o a procurar a paz do claustro, como sereno porto, onde achasse bonança áquella alma debatida por tão desenfreados vendavaes da sorte. Porém, a sua má estrella seguiu-o tambem ao novo refugio, e ahi lhe influenciou o ultimo acto do seu drama excruciante de peripecias atrocissimas. Os antigos personificavam todas as forças vivas da natureza e todas as potencias moraes. Eu por mim, se houvesse de personificar o destino perseguidor d'aquella malaventurada creatura, ideava-o um scelerado de instinctos ferocissimos, d'estes que atenazam a victima com o ferro lento e com o escarneo. Ouça a historia.

II

O MONGE

Pentito e tristo de' miei si spesi anni,
Che spender si deveano in meglior uso,
In cercar pace, ed infuggir affani.
  Signior, che'n questo carcer m' hai rinchiuso,
Trammene salvo dagli eterni danni,
Ch'i' conosco 'l mio fallo, e non lo scuso.

PETRARCH. — *Soneto* LXXXIV.

Preparei-me para escutar a narrativa do meu amigo, e elle começou por estas palavras:

« Ha tres annos, estando eu a tomar banhos no sitio da Boa Viagem, fazia diversos passeios por todos os arredores, não me escapando Caxias, a Cartuxa, Gibaltar, nem a Cruz Quebrada. Mas o que me enlevava sempre, e amiudo attrahia as minhas divagações quotidianas, era aquella espairecida e pintoresca eminencia de Santa Catharina de Ribamar. A rudeza de tão aprumadas fragas, que se despenham quasi até á praia, prendia-me os sentidos. Sentado á sombra das ruinas do mosteiro, e

alargando os olhos por esses horisontes sem fim, que a amplidão das aguas do mar nos representam como imagem do infinito, sentia que o espirito se me volvia para esse passado em que os pobres eremitas d'aquelle êrmo, tão alpestre como a sua regra ascetica e rigida, soltavam d'aquellas mesmas janellinhas as preces que a esperança de uma vida melhor elevava nas suas azas e afervorava.

« Ao cair da tarde, quando o crepusculo final do dia tinge de tintas vagas e sombrias os reconditos d'aquellas ruinarias solitarias, affigurava-se-me ver divagar pelo escuro indeciso das paredes do claustro, os vultos severos dos velhos cenobitas, e todos os sens pensamentos de então e desditas futuras vinham em tumulto inquietar-me a phantasia e confranger-me o peito de saudades e angustias.

« N'uma d'essas tardes atrevi-me a transpôr os derruidos portaes d'aquelles muros ensilveirados. Entrei por uma vasta quadra, onde supponho ter sido a portaria do convento, e de lá segui por cima de montões de abobadas abatidas que mostravam visivelmente terem feito parte da antiga crasta. A arcaria volteava em tôrno, e no centro havia sido de certo o cemiterio, porque por entre pilastras partidas e alvenaria amontoada, surgiam ainda, aqui e

alli, cruzes tumulares, e inscripções sepulchraes afogadas em plantas silvestres.

« A soledade do logar parecia inquebrantavel, e respirar a tristeza taciturna e ao mesmo tempo solemne das ruinas que a religião destinára á ultima morada do homem.

« Duas magestades ennobreciam aquelles muros, a magestade do tempo e a magestade da morte!

« Ia retirar-me, quando um ruido surdo me fez volver a cabeça. Olhei, e vi um velho assentado a scismar sobre uma d'aquellas campas que a hera e o musgo abafavam quasi nos seus alastrados mòuxões.

« O velho não pareceu dar por mim. Engolphavam-no, ao que parecia, profundas cogitações.

« Tive receio de perturbar aquella solitaria meditação.

« No seio d'aquellas ruinas, que o ar mystico da religião ainda perfumava, um velho debruçado sobre uma cova, que poderia ser senão o supremo infortunio, que os invernos da velhice mais desconfortavam, a pedir ao somno eterno do supulchro o descanço do corpo e o socego do espirito? Só uma grande dor, d'estas que desesperam já de todas as consolações do mundo, poderia ir alli collocar-se

frente a frente, com todas as imagens do santo terror da inutilidade das coisas humanas!

« A curiosidade venceu o respeito. Fiquei, e abalancei-me a avançar alguns passos para o sitio, onde cogitava o solitario.

« Quando cheguei proximo, como que quebrou o lethargo que lhe immobilisava os movimentos, ou antes acordou do extasis que lhe arroubava os sentidos em absorta e angustiosa contemplação.

« Ia para balbuciar algumas palavras de desculpa, pela insistencia da minha importunidade, mas elle olhou-me sem repudio nem surpreza.

— « Attrae-o a contemplação das ruinas, mancebo? me perguntou elle.

— « Combina com o estado do meu espirito a grave melancolia d'estes muros, repliquei eu.

— « Admira essa tristeza em annos tão verdes. E sabe por ventura onde está?

— «Sei: no cemiterio dos frades que habitaram este convento.

— « É verdade. E não o apavoram tantos estragos da morte e do tempo, que, porfim, é a morte de tudo?

— « Não.

— « Aberrações da phantasia juvenil, porque des-

gostos do mundo e dos homens... ainda os não póde haver tão incuraveis n'essa alma, que a seiva da mocidade, como balsamo dulcificante, os não cure ou suavise. Quando eu contava a sua edade, não me apraziam cemiterios, e se qualquer magoa me apertava o coração, repellia-a com distracções.

— « Porque vejo a mudança foi grande?...

— « Foi!... em mim, como em tudo em roda de mim!

« Os olhos do velho, humedecidos de lagrimas, vaguearam por aquelles muros derrocados, que pareciam responder com a sua desolação á immensa tristeza d'aquella alma.

— « Persuado-me que adivinho, acudi eu, com o intento de o interromper n'aquelle excesso de angustia; parece-me que adivinho que estou fallando com um dos antigos habitantes d'este mosteiro?...

« Esta minha indiscrição nem o surprehendeu, nem o enfadou: abaixou a cabeça pensativa, ficou algum tempo em silencio, e depois respondeu-me, sem desviar os olhos da campa em que os tinha cravados:

— « Não o nego!... está fallando com um d'esses infelizes, que julgavam poder exhalar aqui em

paz o ultimo alento, porque era a paz do corpo e do espirito que só almejavam dentro d'estes muros. Quem me havia de dizer nunca, quando, á noite, n'aquellas horas solemnes do grande silencio do mundo, eu alongava os olhos por esse firmamento fóra, d'alli, da janellinha da minha pobre cella, entrevendo no espectaculo immenso das aguas e do céo a representação grandiosa do infinito, para onde voejavam as minhas esperanças todas, e contemplando no meu humilde convento o abrigo perpetuo de meus cansados annos, quem me diria a mim que de tudo isto me caberia só a esperança em Deus, porque a casa do Senhor tinha de ser profanada, demolida e desamparada, e os seus servos expulsos d'ella, como ovelhas leprosas arremessadas para fóra do aprisco com ásco do seu contacto! Quem me havia de dizer isto, mancebo? E logo tudo para o humilde mosteiro ser concedido aos Cresos da época que, ou repletos das riquezas do mundo, ou simplesmente impios para com os infortunados monges, só quizeram a sua expulsão e indigencia, e a ruina e abandono da sua casa!

« E a magoa do infeliz frade era acerba ao proferir estas palavras, e a minha commoção não era menos intima ao escutar-lh'as.

— « E eu, proseguiu o idoso egresso, senti este infortunio duplicadamente, porque havia procurado o êrmo como balsamo de muitas feridas que os homens não curam, antes mais ulceram e empeçonham, se acaso as descobrem. O meu espirito precisava de arrancar-se ás tribuladoras lembranças do meu passado, e voltar-se para o seio da misericordia infinita. O grande peccador tinha graves culpas que expurgar, culpas que o turbilhão ruidoso dos folguedos da sociedade póde apenas afogar na memoria do homem mundano, mas jámais remir perante a sua consciencia. Não professei, com a alma pura e immaculada, conforme o requer a regra austera a que entreguei o meu destino ; não profesei, confesso-o ; foi um desejo de solidão, que me obrigou a entrar estas portas, foi antes a necessidade de um remedio efficaz. Aborrecia os homens, e carecia de me pôr bem com Deus, o que importa dizer, que precisava de suffocar os impulsos de paixões ruins e purificar o coração de toda a mácula. Se haviam sido os homens que me tinham assassinado os affectos nos mais sagrados recessos de alma, como poderia encontrar abrigo e conforto entre esses mesmos homens? Depois da perfidia viria o escarneo. Espanta-se da

minha linguagem? Não julgava vêr debaixo d'estes gelos tão proximos do frio do tumulo crepitarem ainda as chammas do vulcão das paixões? Foi a mão dos homens que me revolveu cinzas mal extinctas, e que lá bem ao fundo foi achar o que subsistia de fogo para o ateiar em indignação. A religião e o tempo já iam operando o seu milagre. O grande peccador tinha já quasi cicatrisado as chagas das antigas angustias; o seu pensamento, voltado para Deus, não curava, em seus vôos ardentes, senão de descobrir e entrar a patria dos justos; mas a iniquidade nem ainda n'este apartado e tranquillo repouso esqueceu o pobre levita. Elle tinha querido desprender-se das cadêas do mundo, e procurar, nos enlêvos da meditação, a cura de seus males, e os que governam o mundo expulsaram-no do seu êrmo, e atiraram-no, sem pão nem refugio, aos escarneos tumultuosos da impiedade do seculo! Agora aqui me vê. Sou a sombra dos antigos frades que divago pelas ruinas deste mosteiro. Sou o protesto vivo, que brada com a minha presença, com a minha velhice e com o meu desamparo, contra a cubiça dos chamados reformadores. Mas enganaram-se: julgaram apartar para sempre o triste monge da sua cella que era transitoria, como todas as coisas cá

debaixo, mas elle aqui persiste agora á beira da sua derradeira cella que essa pedra cobre. Que repulsem tambem deste extremo asylo os ossos do pobre frade!

«E dois fios de lagrimas correram ao desditoso velho pelas faces já avincadas pelos sulcos da desgraça.

«Quando vi tamanha dôr tive pesar de a ter acordado com as minhas observações e perguntas.

«Puz todas as forças em consolar o amargurado sacerdote e tratei de voltar-lhe o espirito abatido para Deus, porque a resignação, lhe disse eu, é o unico balsamo das almas desditosas.

«Depois disto, continuei a visitar as ruinas do mosteiro. O pobre egresso sempre lá persistia, encostado á haste de uma cruz sepulchral.

«A continuação de nos vermos e fallarmos, aproximou as nossas almas. Ao cabo de alguns dias já frei Jeronymo (que era assim o seu nome) não tinha segredos para mim. Aquelle peito abriu-se como a um irmão. E foi n'uma destas horas de intima e penosa effusão que elle me relevou a sua historia, que eu vou contar-lhe.»

III

O HOMEM DO MUNDO

John Lively avait dans le cœur toute la fougue d'un irlandais de vingt-quatre ans; mais à cet âge, il avait déja perdu un trésor d'illusions, parce que la pensée et le malheur précoces lui avait tenu lieu d'expérience.

Méry. — *Les nuits anglaises.*

Frei Jeronymo descendia de uma familia rica e nobre de Traz-os-Montes. No mundo profano chamaram-lhe Jeronymo Teive, ou queremos nós que assim o appellidassem, para resalvar melindres da familia, cujos particulares agora vamos devassar.

Jeronymo Teive havia ido para o Brazil, quando o sr. D. João vi retirou de Portugal, em 1807, fugindo aos francezes. Seu pae, que era capitão de mar e guerra, commandava então a nau *Principe Real*, onde elle tambem foi no seu posto de guarda marinha.

Um tio do nosso joven official, que era já falle-

cido a este tempo, fôra capitão general da Bahia, e á viuva e duas filhas, que deixou, legára grosso cabedaes.

Era com uma d'estas meninas que o pae de Jeronymo Teive, de combinação com o defuncto irmão, tencionava esposal-o. A distancia, porém, em que se encontravam as duas familias, e as alternativas por que então estavam passando as nossas coisas politicas, amorteceram de algum modo este projecto, que reviveu, todavia, com o apparecimento do pae e do filho no Rio de Janeiro. A convivencia das sobrinhas, enfeitiçou o velho capitão de mar e guerra, e houve quem affirmasse que mais o enfeitiçára ainda a boa dose de mil cruzados, em magnificas *louras* que, segundo era fama, haviam cabido em legitima a cada uma d'ellas.

Todos estes projectos e calculos eram feitos sem a audiencia de Jeronymo Teive, conforme o uso d'aquelles tempos normaes de exemplarissima obediencia a nossos progenitores, em que um pae dizia a seu filho : *ou hasde casar com D. Fulana, ou vaes pela barra fóra.* Por excepção, d'esta vez, não se podia realisar a ameaça completa com Jeronymo Teive, porque, pela barra fóra já elle tinha saido, viajando para o Brazil, só se odizer comina-

torio fosse invertido, e lhe dissessem que tornaria pela barra dentro. Mas por isso almejava elle, pois não engraçava nada com as terras do Brazil, nem com seus naturaes.

Todas estas circumstancias faziam o assumpto do dialogo do pae com o filho, na tolda da nau, ao avistar terra brazileira, na vespera do dia em que a esquadra entrou a enseada do Rio de Janeiro, e a familia real desembarcou.

— Olha, vem cá, já se vêem as costas do Brazil! Vê com o oculo. Se a nau almirante já tinha feito signal de se avistar terra.

Isto dizia com vivas mostras de alegria o velho capitão de mar e guerra, inclinando-se sobre a amurada, e apontando com o oculo ao filho a especie de nuvem escura, que vinha engrossando, das extremas do horisonte, e que, observada com o auxilio da lente, se distinguia já serem montanhas da America.

Jeronymo Teive deu dois passos para aquelle lado e olhou com sequidão.

— Pega no oculo, insistiu o pae. Olha para barlavento.

— Não preciso. É terra.

— Mas é o Brazil, homem!

— Pois se nós navegamos para elle, que maravilha que nos appareça? Meu pae não se lembra que saimos a barra de Lisboa em 29 de novembro do anno passado (1807) e que são 7 de março d'este anno? Salvo se não queria que nos apparecesse nunca o tal Brazil. Pois, para os que o appetecem, parece bem ter andado a fugir-lhes adiante!

— É verdade, uma viagem de mais de tres mezes! Mas chegamos. E então não te alegras?

— Meu pae já sabe que não gosto do Brazil, e que ha tres annos, quando estive na Bahia e em Pernambuco, podiam-se contar os dias que saltava em terra.

— É verdade, que assim m'o mandaram dizer tua tia e primas. Que estranho rapaz és tu! Que a esse tempo eras ainda creançola, nem estavas justo a casar com tua prima Elvira. Hoje, aposto que já estás a ancear por vêl-a? Deve estar uma rapariga guapa; com os seus dezoito annos... hein?... e muita *loura?...*

Jeronymo ficou calado.

— Então não dizes nada? gritou-lhe o pae, agastado do silencio intempestivo. Quem te vir assim macambusio, hade presumir por ahi que és tu o principe regente, que vens afflicto por te cons-

trangerem a deixar o teu bello reino de Portugal.

— Não sou o principe regente, mas sou um rapaz que posso ter saudades de Portugal, como outro qualquer.

— Diz muito bem, sr. Jeronymo Teive. Tenha lá as suas saudades á sua vontade. No emtanto isso era mais natural em mim, que estou velho, e que de repente me vi por estes mares fóra, quando mais carecia do conchêgo e tranquillidade da minha casa. Tu, não; tu, como rapaz, deves alegrar-te com estas viagens com que ninguem contava, porque a mocidade folga sempre com tudo que seja variedade. E outros quaesquer, que não nós, devem maldizer muito mais a sua sorte, porque, quantos officiaes da armada ahi veem que deixaram no reino mulheres e filhos? E nós não deixámos lá parentes proximos, antes vimos cá encontral-os, e bem co n sanguineos que elles são, porque são duas filhas de meu irmão, que é como se dissessemos duas irmãs tuas, e irmãs ricas, e proprietarias de vastissimas roças na Bahia. Só os escravos que minha cunhada traz n'essas roças e chacaras, isso não tem conto. É negraria como rebanhos de carneiros. Até aqui no Rio possue tambem duas vivendas, as mais lindas de quantas se avistam na praia do Botafogo.

— Mas o que é d'ellas, é d'ellas. Que temos nós com essas riquezas? Penso que meu pae não vem agora disposto a desfructar-lhes os bens?

— Desfructar-lhes os bens? Quem falla em desfructar-lh'os, meu pateta! Para mim não é nada d'isso, que não preciso, graças a Deus; o meu soldo, e algumas reservas da nossa casa, dão-me de sobra para vivermos. Mas eu não sou eterno, e tu és uma creança. Bem vejo que já estás guarda marinha; não estás atrasado para a edade, e contas com a protecção do conde da Barca e do visconde de Villa Nova da Cerveira, com quem eu andei nos estudos no Collegio dos Nobres, e que te querem como se foram eu proprio. Mas o principal é casar-te bem. Vir ao Brazil um rapaz das tuas condições, e não casar, é uma coisa que até o desacredita. Mancebo que vem a estas terras, casa logo e bem, ou deita má fama de si. Foi sempre isto o que ouvi dizer.

— Mas meu pae sabe que eu não tenho vocação para o casamento. Gosto da vida do mar mesmo por ser contraria ao matrimonio, e foi por isso que lhe pedi para a seguir.

— Qual? Eu cheguei a este posto e fui casado. E mais não me estavam a fazer negaças aquellas

bellas chacaras d'além, e a muita somma de mil cruzados que teu tio amontoou.

—Mas se eu não sou ambicioso. Desejo só as vantagens da minha carreira, mas tambem o desprendimento de outros laços, porque é d'esse desprendimento que me devem resultar aquellas vantagens.

—Ainda não vi rapaz mais testo. É preciso que intendas que fallas com teu pae e com o teu commandante. O que importa dizer-te que tenho direito e ao mesmo tempo a experiencia do mundo para te dirigir e obrigar a escolher o melhor caminho.

Este dialogo, que corrêra até aqui no tom lhano e affavel de amigo para amigo, de repente, azedado pela tenaz obstinação de Jeronymo Teive, mostrou que um dos interlocutores era pae, e que não tinha esquecido o direito de se fazer respeitar e obedecer.

Obrigações do seu cargo chamaram o commandante á camara, com o que rematou de todo a pratica dos dois, n'este dia.

No dia seguinte, a esquadra amanheceu a pairar em gavia a uma legua do Rio de Janeiro. Toda a costa podia então ser vista a olho desarmado. Vistosas e pitturescas perspectivas se desdobravam

aos olhos da familia real, sedentos de repousarem sobre alguma coisa mais do que sobre a eterna e solemne monotonia das aguas do Atlantico.

Era uma illimitada cinta, toda ella de cordilheiras de montanhas, ora de um azul diaphano como de opala, ora arroxadas, como escurecidas de pinceladas de sinopla, que se estendia pela amplidão do horisonte, e que vinha despontando detrás do véo de nebrina que os raios do sol matutino iam já adelgaçando e evolando.

Parecendo erguer-se quasi a pino do fundo do mar, apparecia o Pão de Assucar, como se fosse a sentinella perdida d'aquella phalange de penedias, que apertavam a foz em columna cerrada. Os cerros do Pico, da Cara de Cão, da Gavia e do Corcovado surdiam logo depois, bem parecendo gigantes de granito que mui intencionalmente alli pozesse a natureza para atalayarem, vigilantes e erectos sempre, a entrada do porto.

De repente, umas ligeiras nuvens de fumo branco ondularam pela costa acima, e logo após repetidas detonações mostraram que a frota portugueza havia sido avistada de terra. Eram as fortalezas de Santa Cruz e S. João que saudavam o pavilhão real portuguez.

A esquadra, aproximando-se, respondeu toda a esta saudação militar. Os echos d'aquellas ribas de granito, nunca acordadas por tão grandioso estrondo, como que o solemnisavam, exagerando-o, em multiplicadas respostas. Recordavam descargas de trovões, que reboassem ao longe, vomitadas por centenas de bocas de fogo.

Uma aragem tepida encrespou ligeiramente a superficie das aguas, e enfunou as vellas das naus e mais vasos da armada que singravam a bordejar por entre os muitos ilheos, que afloravam ao lume de agua, em toda a esteira da barra, marchetando-a de viçosa e esmaltada vegetação tropical.

Os vivas de terra já se ouviam. De bordo, a maruja, trepada nas vergas, respondia em clamores de jubilo a estas alegrias dos nossos irmãos de Santa Cruz.

Mal a esquadra aproou á barra e dobrou o pontal de S. João, os olhos depararam com o mais formoso panorama que poderiam apetecer. A enseada ampla de mais de cinco leguas, espelhada de mil reflexos, engolphava-se pela terra, como um ameno seio, formando uma praia circular sobrepujada de ribas, arvores e casarias. N'isto, as baterias e fortes de São Theodosio, Cimo do Pico, Praia Verme-

lha, Lage, Praia de Fóra, da Boa Viagem e Villagalhão, todas dentro ou em pontos marginaes da Bahia, romperam nova salva, e um denso véo de fumo toldou os ares em roda dos navios. Porém, quando este, erguendo-se, deixou a vista livre aos viajantes, divisou-se em roda como que correrem os aspectos a trasmudarem-se, como se fossem mutações scenicas operadas por scenographo e maquinista sublimes, para regalo dos olhos. Os morros do Castello, de São Diogo, da Conceição, de Santa Thereza, de São Bento, de Santo Antonio e da Gloria, o mais pitturesco e enflorado de todos elles, sordiram então com a magnificencia de vegetação das suas encostas vertentes para o rio, ensombreadas de palmares e coqueiraes, de guaiabeiras e caraçazeiros, cujas copas, como cocares e pennachos de vivissimos matizes, rescendendo aromas, galgavam por fragas e despenhadeiros acima, similhantes a vagas de um mar de verdura que se embravecesse e corresse a abraçar por todos os lados aquellas eminencias, que por serem de granito e cobertas de uma polpa vermelha, offereciam á vista um contraste singular com esta exuberancia vegetativa. E como redobrando o ataque, brotavam das areias da praia, alastrando pelo recosto das collinas visinhas, uma

porção immensa de mangues, arvores de viçosa e perenne folhagem que se propagam no *tejuco* ou lodo da agua salgada, com as sementes que o proprio mar arroja, e que pegam, grassam e inçam os terrenos a ponto de virem as tiges novamente beijar o solo, e ahi enraizarem e mais se multiplicarem.

A cidade do Rio de Janeiro estendia-se por entre este paraiso de formosas perspectivas. Já desde o pontal de São João as casas se começaram a ver pela praia fóra. Ao longe, porém, nas immediações da cidade, a vista de toda esta natureza, que aporfia em dar inculca da sua seiva primitiva nas graças vigorosas e esplendores severos de seus productos, toma a magestade grandiosa que o viajante só depara nas florestas do Novo-Mundo. Vêem-se grupos de arvores gigantes, de troncos arrugados e desmedidos, de copas que poderiam abrigar uma tribu. São os restos das florestas virgens que cobriam outr'ora todo aquelle solo. Nos valles mais longiquos, e nas abas dos morros menos escarpados, estes grupos convertem-se em bosques densos e extensissimos, fazendo lembrar esquadrões cerrados de indigenas, que espavoridos para longe pela conquista e pela civilisação, mas ainda tenazes, espreitam o momento de resistir ao inimigo de seus

lares, e por cima d'elles avultando os pincaros de rochedos descarnados, lembram outros tantos generaes que os vigiam. Á borda da bahia, as colinas e as gargantas completavam o quadro, apresentando chacaras dispersas, abrigadas por deliciosos floridos arvoredos e plantas dos tropicos, descobrindo-se áquem e além samambaias palmares, nogueiras da India, e casuarinas da Nova Hollanda altas e ponteagudas como os cyprestes da Europa.

A armada deu fundo, e uma alluvião de escaleres, botes e canôas coalhou aquellas aguas. A familia real recebeu a bordo todo aquelle dia os cumprimentos, e só no outro desembarcou. Novas salvas e novas acclamações festejaram este successo.

Singular mixto de jubilo era aquelle! Da parte dos portuguezes taes alegrias, se as havia, não podiam ser outras senão as tristes alegrias do homem que perde o refugio de seus progenitores, e se acolhe a casa de um parente affastado. Da parte dos brazileiros, não. Esses exultavam bem do intimo, porque n'aquellas salvas, e n'aquelle enthusiasmo estava a primeira solemnisação da sua proxima independencia. Os bons conselheiros do principe regente alvitraram-lhe, como melhor, aguardar

n'uma das nossas ilhas o desenlace continental. Elle, ou os seus privados, não quizeram. Acharam que ficavam proximos do inimigo, sem se lembrarem de que, indo para a America, ficavam afastados dos francezes, mas visinhos da perda d'aquella melhor metade do imperio portuguez, a que o soberano levou, pela sua propria mão, e sem o cuidar, a sua carta de alforria.

IV

A CHACARA DE OLINDA

> La jolie maison que Boudha — Ver appelait son habitation etait bâtie dans le goût indien, du moins quant à l'extérieur. La façon anglaise avait décoré l'intérieur.
>
> Méry. — *Les muits anglaises.*

A familia real accommodou-se toda no antigo paço dos vice-reis, pegado por passadiços, ao convento dos carmelitas cujos frades foram mandados sair para outros edificios.

Jeronymo Teive e o pae foram hospedados em casa de seus parentes. Esta casa era uma linda vivenda, ou chacara, fóra da cidade, no bairro do Engenho-Velho, na estrada que ia ter a São Christovão. Tinha-a mandado edificar a viuva do irmão do capitão de mar e guerra, dois annos logo depois do fallecimento do marido. O gosto reunia-se á riqueza n'aquelle pequeno paraiso. Era de construc-

ção á ingleza, como começavam a ser todas as residencias d'esta especie no Brazil, e já o eram, havia muitos annos, n'outras partes da America. A casa ficava retirada da estrada, no alto de uma pequena collina, coroada de alguns gempapeiros, cujas folhas luzidias, alvas flores, e fructos como os da romã, derramavam um suave aroma depois do pôr o sol. O jardim descia até á estrada, e ahi fechava com uma grade entrelaçada de rosas da China e balsaminas. O portão de ferro era ensombreado por quatro cafezeiros que ostentavam nos proprios troncos bardas de flores brancas, junto de outras de fructinhos vermelhos. Do portão até á entrada principal da casa, subia, serpeando, uma lameda, tapetada nas orlas de capim de Angola, e resguardada por tapiegos silvados, por onde se enroscavam varias leguminosas trepadeiras. Tinham posto a esta linda vivenda o nome de chacara de Olinda.

Escusado é dizer que a recepção n'esta residencia foi das mais hospitaleiras. A viuva do antigo capitão general da Bahia era uma fidalga hespanhola do Rio da Prata, que á esperteza da sua nação e finura da sua jerarchia viera accrescentar o trato exquisito da educação brazileira. Dona Constança era o nome d'esta senhora. As duas filhas repro-

duziam, com os seus defeitos e meigas seducções, inteiro o typo brazileiro. Estatura mediana e franzina, dengosas nos modos, falla requebrada e languida. Porém olhos e dentes, nunca os vistes nem mais perfeitos, nem mais expressivos. Não tanto Olympia, que era a mais nova, mas Elvira prendia cada vez que sorria, ou fitava a pessoa com quem fallava. Então aquelles olhos pequeninos, que não eram azues, nem verdes, nem castanho claros, mas os reflexos cambiantes de todas estas côres mergulhadas n'um fluido voluptuoso, volviam-se meigos e aveludados, que não havia resistir-lhes. E se aquella boquinha fina e breve se descerrava, e deixava entreluzir o vivo esmalte da fieira unida e perlada dos formosos dentes que se abrigavam n'aquella gruta de coral, ai! nem fallemos n'isso, que o encanto ficava completo.

Que pena vir aquella côr entre trigueira e pallida dos naturaes de Santa Cruz, côr que antes lembra a morbideza de uma raça definhando-se, do que a tez nativa de um povo indigena, que pena vir aquella côr, como um crepe de funda tristeza, amortecer o viço d'aquelles sorrisos, e o fulgor d'aquelles olhares! Mas ainda assim, a expressão insinuante de tão bonito rosto, como que redo-

brava com esta suave tinta de melancolia. E comtudo, Jeronymo Teive, que era um moço de vinte annos, de sentimentos ardentes e arrebatados, com o coração ainda a desabrochar para todos os affectos da vida, ousou encolher os hombros a seu pae, quando este lhe perguntou o que lhe tinha parecido a prima!

— Então que me dizes ás nossas parentas, exclamou o velho, voltando-se para o filho, depois de se ter recolhido ao aposento, que lhe haviam destinado:

— Que me parecem?...

— Sim, que te parecem?

— Parece-me uma boa familia.

— Só isso?

— E que possue uma linda vivenda, n'este sitio, tambem um dos mais lindos do mundo.

— E só isso, meu esturdio?

— Só.

— Então não achas tua prima mais velha uma formosura peregrina?

Aqui foi a tal occasião de Jeronymo Teive encolher os hombros, ajuntando-lhe a seguinte resposta breve e secca:

— Não digo que não.

— Sim, faze-lhe esse favor; concede-lhe o teu

voto por mercê especial do desembargo do paço. O mundo está perdido! Já um creançola d'estes torce o nariz a uma menina, que é aqui requestada por todos os franchinotes do Rio!

— Mas eu não sou franchinote.

— És um fatuo, é o que és. Quantos, no teu logar, andariam já a excogitar os modos de lhe agradar! E tu parece que andas a estudar diante d'ella o papel de homem enfastiado. E é tão feliz este senhor, que ella morre por elle! Agora mesmo a mãe me contou o casamento que desfez com um ricasso de Minas Geraes, e tudo por causa cá do principe.

— Fez mal: em tudo lhe poderei retribuir, menos em finezas do coração.

— Pois has de retribuir. Não se perde assim um partido d'estes. Eu, que sou teu pae, e que dou o devido peso ás coisas da vida, porque tenho a experiencia dos annos, entendo que te convém esta alliança, e quero que se realise.

— Então meu pae quer-me obrigar a um estado que me repugna?

— Não; quero assegurar o teu futuro.

— O meu futuro ainda não está definito, e parece-me temerario ir já sacrifical-o. Seguindo, sem

as prisões de familia, a vida aventurosa do mar, talvez ainda venha a ser um homem notavel. Assim, casado, o mais que posso ser é um bom pae de familia. O meu genio, as minhas inclinações reluctam com os habitos sedentarios do homem preso a filhos e a esposa. Talvez isto seja, por ora, a natural effervescencia do sangue ardente e irrequieto do rapaz, talvez não seja indole minha, mas que quer? Por ora é assim que me sinto.

— N'esse caso esperaremos. Eu conto o que acabas de dizer a tua tia, e peço-lhe a espera de um anno. Tambem vocês são ainda novos, e com essa espéra mais lucram que perdem. Bem, ficaremos n'isso.

E o capitão de mar e guerra despediu o filho, que se recolheu ao seu quarto.

No dia seguinte, os dois cunhados fallaram largamente ácerca da premeditada alliança, e a viuva do capitão-general da Bahia achou cordata a espera do anno, até para arranjos domesticos, e melhor se conhecerem os noivos.

Mas a verdade é que Jeronymo Teive não gostava da prima, e só a idéa de casamento aterrava-o, como se fosse a presença de um carcere privado. O mancebo tinha o coração livre, não era ambi-

cioso, e gostava da vida de mar, tres razões que todas combatiam de frente a perspectiva de qualquer casamento de vantagem. A bordo, o desejo do joven guarda marinha, era gosar o intraduzivel prazer do genio verdadeiramente maritimo, que é experimentar os jubilos e os riscos das viagens. Em terra, este moço conservava ainda a mesma natureza. Apraziam-lhe os entretenimentos e os prazeres da sociedade, mas sem constrangimento nem etiquetas. Parecia que a liberdade dos elementos que affrontava, entrava n'aquelle composto moral. O seu maior gosto era o theatro, e levar largas horas a rir e a motejar com os seus camaradas.

V

A CANTORA E O PAPAGAIO

Junto d'ella, o papagaio,
Mais verde que o prado em maio.

BULHÃO PATO. — *A condessa e o papagaio.*

N'este tempo havia dois theatros no Rio de Janeiro, e a companhia italiana, que tinha seguido a familia real ao Brazil, começou em breves dias as suas recitas.

Na companhia achava-se a celebrada Fortunata Dori, um dos primeiros tiples da época. Jeronymo Teive ouviu-a cantar no *Ouro não compra amor*, de Fioravante, e ficou enlevado.

Fortunata Dori era uma famosa toscana, em cujos olhos reluzia a pureza resplandecente do ceu da Italia. A fama, que a precedêra de Lisboa, recresceu no Rio de Janeiro, e o seu cortejo viu-se de

repente acrescido com uma nova ala de namorados e de ricassos brazileiros, que, não podendo competir no esbelto da figura e cortezania de maneiras com os casquilhos da côrte, se lhes avantajaram nas offerendas e partidos propostos.

A gentil italiana môrava na rua do Ouvidor, ao lado de uma hospedaria, onde haviam tomado quarto dois camaradas de Jeronymo Teive. Os jovens officiaes de marinha nunca se tiravam da janella, procurando todos os modos de se singularisarem aos olhos da encantadora syrene. Era quasi sempre de manhã, que esta diva da scena se deixava entrever, mas o recato mysterioso da poesia de bastidores envolvia de enigmas e perfumes esta apparição. A criada descerrava primeiro as persianas, depois corria a esteira de junco verde da India, que resguardava a janella dos ardores do sol, e pendurava a um lado a linda gaiola de um papagaio de Angola, como um arcano que começa a revelar-se. Em seguida viam-se sordir debaixo da esteira de junco os dedos alvos e esculpturaes de uma finissima mão de mulher, afagando a ave, que, resmuneando e encaracolando o pescoço debaixo das azas entrumphadas, cascalhava umas risadas escarnecedoras e espivitadas. Nunca a frivolidade feminina

excitara loquacidade de papagaio mais palreiro. Eram gargalhadas, motejos e replicas, que nem que o espirito da zombaria incitasse o animal. E isto todas as manhãs. A visinhança admirava o apropositado e repente dos ditos da ave, e a sua gentil dona deliciava-se com isso.

Era n'este momento que os mancebos officiaes de marinha, camaradas de Jeronymo Teive, procuravam trocar fallas com a prima-dona.

O esforço, porém, era baldado. O colloquio entretinha-se só entre a voz occulta e o variegado interlocutor. Mais ninguem era admittido a este meigo e provocador dialogo de requebros, affagos e queixumes. E se algum mais ousado insistia grosseiramente em intervir, a mysteriosa mão desapparecia, a esteira de junco caía, e o gárrulo habitador dos bosques da India, talvez sentido da despedida inesperada da ama, mettia o bico debaixo da aza e deixava-se dormir.

Uma manhã tinha Jeronymo Teive ido ver os amigos. Era ainda cedo. Estavam todos á janella a provocar o papagaio. A linda mão da dona lá se deixava ver. O mancebo quiz ser dos intromettidos, e chegou-se. Sentindo que a florentina fallava ao papagaio na lingua natal, aventurou tambem algumas

phrases. Jeronymo Teive exprimia-se em italiano como na lingua propria. Desde creança que sentia predilecção por este idioma, e em Livorno, nos oito mezes que ahi estacionara, quando ainda era cadete, lográra aperfeiçoar-se e adquirir a pureza de pronuncia que o distinguia.

O metal de voz e elegancia da dicção picou a curiosidade da cantora. Pensou que seria talvez um patricio, e arredou as persianas e olhou para se certificar. D'esta vez quebrou-se o encanto, e não foi só a mão e o braço que appareceram, foi tambem o rosto da formosa visinha. Jeronymo Teive cumprimentou, e ella patenteou-lhe a estranheza de escutar tão puras e bellas inflexões italianas em boca portugueza. A conversa foi rapida, mas animada. D'alli a pouco ouvia-se dentro o preludiar no piano, e logo em seguida a suave melodia : *Ah! charo mio Portugallo!* romance tanto em voga então, de Marcos Portugal.

Findo o canto, a Fortunata Dori chegou outra vez á janella e entreabriu a persiana. Todos os jovens officiaes de marinha a festejaram pela expressão pathetica que acabava de os arrebatar, porém ella agradeceu voltada sempre para o *gentile portuguese*, como ficou sempre chamando a Jeronymo Teive.

Os remoques choveram da parte dos camaradas. Já lhe davam os parabens da victoria obtida. Elle não se ensoberbeceu, mas á noite foi ao theatro, e pediu a um sobrinho do conde da Barca, que era dos peraltas já veseiros ás conquistas do palco, que o apresentasse no camarim da Dori.

— Olé! isso vae de mar em fóra! gritou o leão do proscenio. Ainda hoje lhe fallaste pela manhã, e já á noite queres apresentação no camarim?!

— Como sabes que lhe fallei?

— Como sei?! Sabe-o todo o Brazil. Ainda tu lhe estavas a fallar, e já m'o tinham vindo dizer.

— E posso contar com a apresentação?

— Não t'o devia fazer, porque tambem tenho pretenções, e, por que vejo, és rival temivel; mas quero ser adversario generoso. Apparece no theatro e serás apresentado.

Á noite Jeronymo Teives foi ao theatro de S. Januario, e, findo o primeiro acto, o sobrinho do conde da Barca apresentou-o á Dori.

Ella parecia já esperar esta visita. Seria presentimento da vaidade da artista habituada a tornar o seu camarim logar de audiencia de seus admiradores, ou seria o desejo ainda indefinido do coração da mulher que principia a gostar? Não sei. Aquelle

peito, sacrario inviolavel de mysterios, como o de todas as mulheres, ainda mais o cerrava o véu da dissimulação das paixões ficticias do theatro. No entanto, com a apresentação do mancebo guarda-marinha occorreu um phenomeno pouco trivial na Dori, e em quaesquer d'estas deslumbrantes soberanas do palco. Estas creaturas, fadadas pelo genio da harmonia e engrandecidas pelo enthusiasmo das platéas, fóra da scena como que as acompanham ainda os attributos do prestigio theatral. Um ambiente de graças e aromas envolve-as de eccos de gloria e rastos enebriantes, á maneira de uma ovação perpetua. As tradições de seus triumphos e a força irresistivel da arte, como o poder de um encanto que nos enleve os sentidos, exagera-nos e poetisa-nos as suas dimensões na phantasia, e a sós com ellas, mesmo frente a frente, aspirando as suas palavras e sorrisos, raro pensamos descobrir n'ellas a Malibran, a Pasta, a Grisi, senão as proprias Desdémonas, as Semirames, as Leonóras, essas divinas creações da intuição poetica e do talento musical.

D'esta vez, porém, a Dori, mal viu Jeronymo de Teive, assoprou para longe as nuvens do olympo da sua realeza theatral, e amostrou-se mulher. A diva encarnou em fórmas humanas; mas que fór-

mas! Bastavam as meigas e sonoras inflexões d'aquella voz, que parecia vibrar dentro de uma redoma de crystal, e, mais do que tudo, a languidez taliana com que se volviam aquelles olhos brilhantes de reflexos e ao mesmo tempo mergulhados em doçura, para o imperio ser grande e irresistivel! Todos a admiraram n'este seu adoravel desalinho. Nunca a sua conversação foi mais singela, e nunca as suas maneiras foram menos ajudadas dos artificios, que aquellas Circes da scena pedem ás combinações da arte e aos mil e inexplicaveis recursos do seu genio inventivo de mulher.

O camarim da Dori era frequentado pelos individuos que costumam ter a ventura de serem admittidos, n'esta *sancta sanctorum*, a contemplar em face estas divindades de bastidor. Casquilhos dos mais aperaltados da côrte do Rio de Janeiro, Lovelaces reputados por infaliveis aos olhos da belleza sensivel, enthusiastas clamorosos das excellencias musicaes, tudo se via n'aquella mythologica estancia da arte e da belleza. Nem lá faltavam os fanaticos d'estas syrenes, que guardam com o mesmo culto, e tambem com a mesma sinceridade, a lembrança de uma portentosa composição de Rossini, e o chapim, concedido n'alguma hora de malicia, á

idolatria d'estes melomanos, como reliquia de celebridade [1].

A Dori fallava a todos com a gentileza de rainha acostumada a ver perante si d'estas *côrtes de amor*; mas, n'esta noite, girando com a palavra em volta do camarim com a volubilidade da mulher galante, e acudindo facil com a replica a qualquer que, em acepilhados conceitos e repuxadas banalidades, lhe requeria a attenção, podiam-se contar os minutos que desfitava os olhos do lado em que se assentára Jeronymo Teive. E até, respondendo a um e a outro, parecia querer trazer a conversação sempre ao mancebo, accentuando no seu melodioso idioma as ultimas phrases, que este fallava admiravelmente, como pretexto natural para ser elle que lhe respondesse.

Não era preciso tanto para crear rivaes e invejosos, e mais se duplicaram elles, quando, á despedida, apertando a mão ao joven official de marinha, ella lhe disse em italiano, o que foi apenas

[1] Ainda de certo estarão na memoria do todos as porfias dos piatralistas e sicaristas, e o sapato que um d'estes monomaniacos trazia chegado ao peito, com o religioso fervor de quem possue o talisman de mais reconhecidas e mirificas virtudes.

escutado dos proximos, que desejaria recebel-o em local menos affrontado das importunas lisongerias destinadas á prima-donna.

O mancebo foi d'alli para a platéa. Ia como deslumbrado. Adiante de si não via senão a Dori, na irradiação esplendida da mulher bella e da cantora encarecida. Até então parecêra-lhe apenas um sonoro instrumento humano, mas d'alli em diante affigurou-se-lhe a unica e indivisa personificação do genio da musica no mais formoso corpo feminino. E o enthusiasmo d'este sentimento flammejou-lhe em todos os gestos. As palmas e bravos troaram a cada nota, a cada gorgeio, a cada volata saidas d'aquella garganta seductora.

Todos estavam com os olhos n'elle e na gentil prima-donna. Parecia que uma corrente electrica se havia estabelecido entre elles. Ella, inflammada pelos applausos, que lhe valiam n'aquelle momento os de um publico inteiro, elle, vendo-a assim inspirada pela fascinação da sua presença. Os andantes tiveram *bis*, e as cabalettas, *dá cappo*. Foi um acontecimento no theatro. Já não era um *diletante*, era um energumeno com os olhos faiscantes, a bocca aberta, a respiração suspensa, para em seguida rebentar novamente n'uma tormenta de in-

terjeições admirativas, de impetos arrebatados, de brados enthusiasticos. Por felicidade para elle, para os visinhos, que já receavam das suas faculdades mentaes, e principalmente para os amigos, que estavam absortos do que viam, a opera finalisou, e o panno de bocca, como sensato apasiguador de tão destemperada folia musical, correu-se entre o idolo e o adorador.

Mas, a paixão tinha concedido a vista lucida ao mancebo. Com o panno corrido, e talvez já entrado no camarim o objecto do seu delirio, elle julgou ainda vêl-o. Os brados e as palmas continuaram com o mesmo fogo.

Por infelicidade, ao lado do mancebo estava um espectador d'estes de genio insoffrido e motejador, que não póde ver os effeitos d'aquelle enthusiasmo sem se rir, e riu-se. Jeronymo Teive encarou-o, e elle teimou em rir.

Então o delirio musical tornou-se em cholera.

— De quem se ri o senhor? perguntou o mancebo.

— Ora de quem!

— Seguramente, de quem?

— Eu creio que não póde haver aqui equivocos.

— Mas póde haver insolentes.

— Se ha insolentes é porque ha tambem loucos.

— O senhor chama-me louco?

— Ha mais de meia hora que lhe noto symptomas d'isso.

— Bem; deixe-lhe então pagar o prognostico.

E uma rija bofetada retiniu na face do observador.

O insulto alvorotou os circumstantes, e a platéa amotinou-se. Tudo quiz saber o que era, e cada qual commentou a seu modo. O guarda marinha foi chamado ao camarote do visconde de Villa Nova da Cerveira, seu ministro então, e que estava no theatro. O individuo injuriado era um sobrinho do commendador e official da casa real, Elias Antonio Lopes, que havia mezes bizarramente offertára ao principe regente a sua magnifica quinta da Boa-Vista, no campo de S. Christovão, que depois tomou, tornada residencia real, a denominação de paço d'este mesmo Santo.

É facil de ver que o sobrinho do homem, que estava em tão boas graças na côrte, havia de ter logo quem se apresentasse a defendel-o e desaggravar a offensa recebida. O ministro viu-se n'um momento rodeado dos principaes ricassos, que todos instavam para que fosse punido o official insolente. Mas

o visconde de Villa Nova da Cerveira era amigo de infancia do pae de Jeronymo Teive, e affeiçoado ao mancebo. O apuro tornára-se critico para o homem que tinha deveres que cumprir.

Encarou com rosto severo o moço official, e perguntou-lhe se não sabia o que devia á disciplina e á farda que vestia. Elle desculpou-se e observou que havia sido o primeiro desairado. O visconde ordenou que se recolhesse a bordo, e, passando junto d'elle, dirigiu-lhe estas palavras em voz baixa, para que elle só as ouvisse:

— É por pouco tempo. Bem vê que não posso ser mais indulgente.

E logo d'alli expediu uma carta ao seu velho amigo, ponderando-lhe o motivo que tivera para ser rigoroso com o filho. Fôra na presença do seu proprio ministro que elle havia praticado o insulto. A severidade da disciplina e a importancia do offendido haviam compellido o amigo a ser n'aquelle momento unicamante juiz.

No dia seguinte todos fallavam na cidade do successo. A noticia chegou á chacara de Olinda pela missiva do visconde de Villa Nova da Cerveira, e inquietou toda a familia. O pae de Jeronymo Teive partiu logo para a secretaria da marinha, com o

designio de fallar ao ministro. Queria instruir-se de todas as circumstancias do occorrido, e ser ainda mais rigoroso que o mesmo ministro, se o caso o exigisse, porque, dizia elle em altos brados, nem o pae devia interceder em presença do superior.

Pelo caminho encheram-lhe os ouvidos de exagerações, em que a malevolencia, fingindo querer advogar a causa do filho, o incriminava insidiosamente. Asseguraram-lhe que elle estava amancebado com a Dori, que no theatro era o alvo da satyra publica, e que o ultimo episodio resultára dos excessos d'estas scenas ridiculas.

O velho capitão de mar e guerra caiu das nuvens. Elle então, que mal tinha ouvido fallar da Dori! Na propria noite dos annos do principe regente, que, pela etiqueta, fôra obrigado a ir ao theatro, dormira sempre em quanto a italiana cantava. O bom do official era dos taes que não concebia como se podesse morrer a *trilar*, e aborrecia o genero tanto, que lhe antepunha, com encarecidos gabos, uma boa tirada da Marianna Torres, na *Nova Castro*, ou as gaifonas do Sebastião, fazendo de Rebolo, no *Manuel Mendes*.

Mal se annunciou, o pae de Jeronymo foi logo admittido a fallar ao ministro. O que se passou en-

tre elles, não transpirou. Fallaram largo tempo, no gabinete privado, e ao cabo de uma boa hora, os curiosos só poderam perceber que a resolução tomada era grave, porque o velho official de marinha saiu sorumbatico e respondendo com monosyllabos seccos aos que o interrogavam.

VI

A PARTIDA

La main du peintre le plus suave ne dessinerait pas des contours plus arrondis, plus indécis et plus variés que la main creatrice a donnés á ces eaux et à ces montagenes.

LAMARTINE — *Voyage en Orient.*

Tinham volvido dois dias. A famila da chacara de Olinda havia acabado de jantar. Os ardores de agosto convidavam-na a procurar o refrigerio da viração, no terraço que deitava sobre a bahia. A tarde estava linda. Apenas um vapor tenue, emanação immensa d'aquella vigorosa natureza em fermentação debaixo dos raios do sol tropical, se condensava ligeiramente nos horisontes, similhando diaphanos e arrubrados véus estendidos sobre as cordilheiras longiquas. Para um lado, muito ao longe, avistava-se a serra dos Orgãos, cujos pincaros ponteagudos, e em descenso gradual, mostravam a configuração dos

tubos do instrumento, a que o povo, mais imaginoso e pinturesco que ninguem nas suas denominações, foi procurar o nome. Para o outro lado, quasi a fugirem diante dos olhos, descobriam-se os morros da Outra-Banda, em que surdiam, aqui e alli, as pequenas cidades de Nicteroy, Saco da Jurujûba e outras.

No seio d'este vasto panorama de montanhas afogadas n'uma vegetação perennemente florida e perfumada, engolphava-se a bahia, como um jorro enorme de argento, que igneas forças desconhecidas alli fundissem e arremessassem, tendo unicamente por limites, da parte da cidade, a praia, e ao longe, as ribas fronteiras vestidas de palmares e coqueiraes.

O quadro que offerecia o terraço, n'esta occasião, completava esta formosíssima scena da America. Quasi ao descer da escada que ia para a lameda principal, balouçava uma rede de seda de côres atada a uma pilastra e aos troncos de duas robustas paineiras que, surdindo debaixo, do jardim, deitavam os umbrosos e folhudos ramos por cima da balaustrada do terraço, e formavam um caramanchel matizado de lindas flores vermelhas e dos capulhos ou ouriços de finissimo algodão, alvo e

assetinado como sumauma, que produzem estas arvores. Em roda os ares rescendiam ao sumo acre dos pomos das mangueiras, que se agrupavam no fim da escada. Dentro da rede dormitava suavemente reclinada Olympia, a sobrinha mais nova do capitão de mar e guerra. Junto d'ella, uma creoula de poucos annos, e vestida com um bajú de linho listrado, acalentava a *senhora moça,* embalando-a na rede e abanando-lhe os mosquitos com uma enorme ventarola de pennas de arara.

Elvira, a mais velha das irmãs, encostára-se ao peitoril da balaustrada, e engolphára os olhos, ou antes o pensamento, na immensa superficie da bahia, como se no seio do vasto abysmo permanecesse o assumpto do seu scismar.

Não longe, sua mãe e o tio fallavam com calor, assentados n'um canapé de bambúm encanastrado de folha de palmeira. O capitão de mar e guerra tinha um oculo de ver ao longe na mão, e apontava para a enseada, indigitando á cunhada um navio, afastado um pouco dos outros, fundeado perto da Ilha das Cobras, e depois accrescentou estas palavras:

— Vê? lá está, mana... É aquella... é a corveta *Urania.* Já parte ámanhã.

— Já ámanhã ? ! acudiu D. Constança, sobresaltada. Então é já ámanhã ?

— Porque não ? É preciso que parta, e hade partir, retrocou o velho militar, com o gesto e o sobrecenho do homem habituado a commandar.

— Mas então é um desterro ?

— Desterro, não; é um affastamento. Queria-o ver antes perdido nos enleios que tecem, como ninguem, as mulheres de theatro ?

— Eu ? !... Deus me defenda. Por elle e por nós.

— Seria uma triste sorte, não é verdade ? Pois então o melhor é partir. Combinei já com o ministro. A *Urania* vae á Bahia, e talvez ao Rio da Prata. Será uma viagem de quatro a seis mezes. Jeronymo é uma creança, e os rapazes, em coisas do coração, deixam-se arrastar sempre pelas primeiras impressões. Por onde for tambem hão de haver mulheres que o distraiam e attraiam.

— E se nós, querendo desvial-o de um precipicio, o vamos chegar para outro ? !

— Pois quê? O rapaz hade agora pegar-se de paixão por toda a parte por onde ande?

— Mas como elle tem essa propensão...

— Nunca lh'a conheci. N'essas pieguices de amores, foi sempre secco como um pau. Não se lembra

d'elle quando cá esteve, ha annos? Não foi a mana a propria que me escreveu, dizendo-me que nunca lhe constou de inclinação d'elle?

— Fui; fui eu. Foi isso que me affirmaram.

— E que até por acaso vinha a terra?

— É verdade. Mas bem vê que as edades mudam.

— Em summa: o golpe de estado, em casos d'estes, é a ausencia. Jeronymo parte já. Talvez nem mesmo lhe custe, porque isto de rapazes teem a força da vida mais na imaginação que no coração. E elle gosta muito de andar no mar, de vêr novas terras, de...

— O quê? pois o primo Jeronymo sae do Rio? pergunta uma voz afflicta junto dos dois.

D. Constança voltou-se e viu sua filha Elvira lagrimosa, que lhe pegava das mãos com gesto magoado.

— Assim é necessario, filha, respondeu a boa senhora, acariciando-a. Mas será por pouco tempo. O primo Jeronymo volta breve.

— Ora breve! O mau é partir.

— Tens pena?

— Tenho muita.

— Tens, tens, que eu bem sei!

E D. Constança chegou a filha para si com meiguice, e deu-lhe dois beijos na face.

— Pobre creança! proseguiu, virando-se para o cunhado. Não lhe tenho eu dito, mano? Bem a vê. Não são encarecimentos o que lhe tenho contado.

— Pois eu sou cego? retorquiu o velho.

— E que tão mal paga é! acerescentou a mãe, abraçando ainda com mais ternura a D. Elvira. Não te amofines, minha querida filha. Teu primo vae por pouco tempo. Vae só á Bahia. Distrae-te, minha filha. Olha, vae regar as tuas magnolias, vae.

D. Elvira olhou para a mãe, abraçou-a, e depois tornou a ir encostar-se á varanda, com os olhos humidos de lagrimas.

— Parece impossivel que aquelle tolo não morra de amores por esta pequena, exclamou o capitão de mar e guerra, commovido pela ingenuidade da sobrinha.

— É verdade! affirmou a mãe.

— E ella já sabe de tudo? perguntou o velho baixinho á cunhada, apontando para a sobrinha.

— Quê? do caso do theatro?

— Sim.

— Soube-o logo.

— E affligiu-se?

— Muito. E sentiu-se ainda mais pelos motejos da irmã, que a escarnece a toda a hora pelo seu affecto tão mal empregado.

— O quê? A irmã mete-a á bulha?

— É o costume d'ella. Não parecem irmãs. Nunca vi genios mais oppostos. Olhe, alli as tem. Uma a balouçar-se na rede, sem haver magoa que a inquiete; a outra, alli, encostada a scismar. Quem lhe quizer conhecer o natural, é olhar para ellas agora.

O dialogo foi cortado pela entrada de uma escrava que annunciou a chegada á chacara de Jeronymo Teive.

— O quê! Jeronymo? clama o pae surpreso da nova. Já veiu para terra sem ordem?!

D. Elvira sobresaltou-se e correu a collocar-se atraz de sua mãe.

— Talvez recebesse ordem, disse esta.

Jeronymo Teive entrou.

D. Elvira fez-se rubra até á alva dos olhos e voltou-se para o lado da balaustrada do terraço, fingindo olhar para o longe, mas com os sentidos presos em tudo que se ia passar.

O capitão de mar e guerra fitou o filho com severidade, e depois perguntou-lhe:

— Quem lhe deu licença de vir a terra?

— Este officio que recebi do ministro, dando por finda a minha detenção. Tambem se diz aqui, que tenho dois dias para me apromptar, visto achar-me nomeado para immediato da *Urania,* que sae na semana que vem.

— É verdade.

— Desejava saber se... este desterro foi solicitado por meu pae, ou se é arbitrio do ministro.

— E quem o auctorisou a fazer essas perguntas?

— Os meus direitos como official. Não me pertence este serviço, segundo a escala.

— Mas não é arbitrio do ministro, é solicitação do pae.

— N'esse caso obedeço, sem reclamar. Bem vê que lhe dou uma inteira prova de submissão. Será, porém, a ultima d'este genero.

— A ultima! brada o velho official de marinha, irritado.

— A ultima, sim! proseguiu Jeronymo, tranquillo. A ultima, porque, n'esta abediencia, n'uma das situações mais melindrosas da minha vida, faço um grande sacrificio ao respeito que devo a meu pae. Mas é preciso tambem que o filho não ceda demais n'aquillo que pertence ao homem e ao official. Para que eu não seja uma coisa vil aos olhos de meus

camaradas, e aos meus proprios olhos, é necessario que meu pae não me trate eternamente como uma creança. De hoje em diante a creança acabou; aqui está só o homem, e com uma farda, o que importa dizer, com direitos a manter e com caracter a fazer-se respeitar.

— Isso é uma ameaça, ou uma fatuidade de creançola, que ainda agora deu pelas dragonas que traz aos hombros? brada o capitão de mar e guerra, erguendo-se e dando um passo para o filho.

— Nenhuma d'essas coisas. É uma prova de que me não tenho esquecido das lições de dignidade dadas por meu pae.

Esta resposta, delicada e digna ao mesmo tempo, conjurou a tempestade que estava imminente.

D. Elvira, com as lagrimas nos olhos, corrêra a segurar pelo braço o tio, e sua mãe, prevendo o embate da fortaleza d'aquelles dois genios, já se havia interposto, dirigindo a um e ao outro palavras suasorias e conciliadoras.

— Bem; recolha-se ao seu quarto, disse o velho official de marinha. Lá receberá as minhas ordens.

Dahi a tres dias, sahia a foz do Rio de Janeiro a corveta *Urania*, e, a seu bordo, Jeronymo Teive como immediato.

VII

A FUGIDA

> O theatro resplandecia de luzes: nos camarotes as senhoras agitavam os leques com ardor buliçoso de hespanholas, e os seus mil olhares dardejavam n'aquella noite mais vida e mais força.
>
> J. C. Machado. — *Em Hespanha.*

Durante o intervallo do successo do theatro até á partida do mancebo, as missivas da Dori correram umas atrás das outras, em demanda do moço official de marinha. O rigor por que elle acabava de passar, por seu respeito, inflammára mais o affecto da italiana. Todos, porém, julgaram que a separação acabaria com aquelle amor, mais nascido do enthusiasmo de duas almas ardentes e juvenis, do que de outros impulsos mais fortes, e que assim que Jeronymo Teive estivesse longe, se apagaria de todo a sua lembrança na memoria da prima donna. Mas um acontecimento que sobreveiu, passados dias, induziu a presumir o contrario.

Teriam corrido duas semanas, depois da saida da *Urania*, quando os cartazes do theatro italiano annunciaram que ia n'aquella noite *Ricardo e Zoraida*, opera em que a Dori arrancava lagrimas, com a maviosa expressão do seu canto pathetico, até aos ricassos mais pés de boi do bairro do Engenho-Velho.

A noticia da recita correu a cidade, e á noite encheu-se o theatro. Nem faltou o principe regente, e a familia real. Até, caso para estranhar! appareceu na tribuna regia a rainha mãe, a senhora D. Maria I, que nem mesmo em todas as noites solemnes era vista no theatro.

Mal as pessoas reaes chegaram, rompeu a symphonia; mas, com assombro geral, acabada esta os musicos tornaram-na a principiar. Todos ficaram a scismar em qual fosse o motivo por que se repetia a symphonia: não estava em uso, nem a peça musical, por notavel, o merecia; porém o pasmo ainda recresceu, quando, finda a repetição, houve alguns minutos de espera e depois, quando todos contavam com vêr levantar o panno, a orchestra tornou a começar de novo a mesma symphonia.

O respeito á familia real era grande, mas a impaciencia de alguns espectadores insoffridos tor-

nou-se difficil de conter. Varios signaes de pateada responderam a esta triplicação de symphonia. Os musicos, porém, imperturbaveis, executaram até ao fim o teimoso trecho. As ultimas notas expiraram, a ancia do publico augmentou, todos fitaram os olhos no proscenio, e comtudo o panno permaneceu descido, como um enigma impenetravel á curiosidade dos espectadores.

— Que será? diziam uns.

— Por que se repete hoje duas vezes a symphonia? ajuntavam outros.

— Será prerogativa d'esta symphonia do *Ricardo e Zoraida*, levar a paciencia de nós outros até aos ultimos limites? exclamavam ainda outros.

— Mas sobretudo, porque não sobe o panno? notavam os mais insoffridos. Será o espectaculo uma repetição obstinada da symphonia?

Os commentos eram infindos, e na platéa começavam já a sentir-se clamores contra a empreza.

De repente um *schio* prolongado intimou o silencio.

Junto do buraco do ponto appareceu um homem magro, de casaca preta, que fez signal de que ia fallar.

Era o emprezario.

Todos fecharam as boccas e escancararam os ouvidos.

O homem da casaca preta disse então as seguintes palavras n'um portuguez eivado de italiano.

— Meus senhores, a prima-donna Fortunata Dori desappareceu da cidade.

Um brado unisono de desapprovação rompeu de todos os angulos da sala. Uma descarga de pateada e silvos redobrou o tumulto. A indignação dos espectadores desafogou de diversos modos. As auctoridades tiveram que intervir, para restabelecer o socego, e fazer despejar o theatro, que, desfalcado tão inopinadamente de um dos seus melhores recursos, não podia substituir a opera por qualquer outra.

No dia seguinte não se fallava no Rio senão da fugida da Dori, e os iniciados nos segredos de bastidor explicavam o facto, como consequencia necessaria da saida repentina para a Bahia de Jeronymo Teive.

— Como não a pôde levar, foi ella ter com elle.

Esta insidiosa interpretação do successo espalhou-se, e a sagacidade dos commentadores de *boa-fé* teve a solicitude de a fazer chegar aos ouvidos da familia do moço guarda-marinha. Seu ape

não foi dos ultimos a sabel-a. Arrebatado e colérico, esteve a ponto de ter uma apoplexia de furor, quando lhe deram a noticia, e lhe fizeram entrever a possibilidade do que os commentadores asseveravam.

Apezar de ser quasi noite, chamou os escravos para lhe trazerem a liteira, e mandou que o levassem á cidade, ao palacio do visconde de Villa Nova da Cerveira. O ministro estava a jantar, e recebeu o amigo á meza. O capitão de mar e guerra expoz-lhe a occorrencia e juntou-lhe o que o publico dizia.

— Mas então o que havemos nós de fazer? replica o visconde, a sorrir da ira estrepitosa do amigo: isso a quem toca é ao emprezario, que póde reclamar a sua prisão, e que, segundo ouvi, já o fez.

— Não basta isso, acóde o pae de Jeronymo, é preciso perseguir essa mulher perdida. Então o socego das familias hade estar á mercê da primeira Messalina que lhe dê para gostar de um rapaz em boa posição? A justiça não serve para nada? Os direitos de um pae não devem ser attendidos?

— Sim; ninguem desconhece esses principios sagrados. Mas em primeiro logar, quem sabe para onde foi essa mulher?

— Dizem todos que foi ter com meu filho.

—Mas quem são esses todos?

—É o publico.

—Ora o publico! O publico diz agora uma coisa, e logo outra. Não temos portanto senão uma accusação vaga.

—Vaga! Pois se é mais que verdade que a italiana fugiu.

—Não contesto o facto. Mas para onde?

—Naturalmente atrás de meu filho.

—Isso é que nós não sabemos. Quem o certifica? Houve alguem que a visse? Não. Nem ainda se sabe por onde ella fugiu.

—Então não se sabe de nada.

—Não.

—Que policia! que policia! Foge a rapariga hontem á noite; já lá vão quasi vinte e quatro horas, e ainda um ministro da corôa me assegura que ninguem sabe para onde ella foi! Ah! meu caro visconde, já me não espanto de tudo que tem succedido desde que se annunciou a entrada de Junot em Portugal! As coisas andam assim ha muito tempo!

O ministro não póde deixar de soltar uma estrepitosa gargalhada, e depois accresccntou estas palavras com bonhomia:

— Está bom, meu velho rabugento. Vejo que é a inquietação de pae que falla. Desculpo-o, e faremos o possivel por descobrir a mulher. Vá descançado que se hão de dar as providencias necessarias para que a temivel Circe não encante de todo o nosso rapaz.

Com esta segurança, mais satisfeito se retirou o velho official de marinha.

No emtanto, entre a companhia italiana, e em toda a cidade, corria, como caso julgado, que a Dori havia partido para a Bahia a juntar-se com o seu novo amante.

Da parte das auctoridades houve toda a diligencia em averiguar o destino da prima-donna. O interesse do emprezario e a indignação do pae de Jeronymo Teive eram duas fortes instigações para se chegar a este fim. Mas baldadas foram todas as pesquizas. Havia quem asseverasse que a tinham visto partir n'aquella mesma tarde do desapparecimento, n'uma liteira, para o interior, na direcção de Petropolis, outros affirmavam que ella partira n'uma escuna que havia dias levantára ferro. Mas com certeza nada se sabia.

Assim correram tres semanas. No entretanto, uma scena, assás em contradicção com tudo que

occorria na côrte do Rio de Janeiro, se passava na Bahia. Jeronymo Teive, pelos passageiros da referida escuna, que effectivamente partira para a Bahia, soube logo da fugida da Dori, e das glosas com que os malevolos a acompanharam, e o seu animo de amante, forçado a tão penosa ausencia, lisongeou-se e acreditou na possibilidade d'aquella paixão, que compellia assim a cantora a esquecer os seus interesses reaes e as glorias das noites de applauso delirante, para ir, peregrina, procural-o ás incertezas de uma provincia distante. Tudo achou possivel, e até facil, aquella boa-fé de rapaz de vinte e tantos annos. E até, se lhe consultassem bem a vaidade, esta de certo punha os lucros da prima-donna n'um prato da balança, e o collocaria a elle no outro, entendendo que a balança iria abaixo de todo para o seu lado.

Porém, estes horizontes côr de rosa desvaneceram-se logo. A realidade appareceu logo e encheu de nuvens a mente exaltada do mancebo. Não se sabe como, mas passados oito dias de ter recebido estas novas do Rio, foi entregue de um bilhete em que um anonymo lhe dizia o seguinte:

« A tua Dori não te foi procurar. Representou comtigo mais uma *opera*. A estas horas caminha

ella para Nicteroy, onde o maior ricasso da cidade, que a viu e ficou a morrer por ella na mesma noite em que tu representaste tão desastradamente o papel de palmeador bolonio, lhe offerece n'este momento os seus haveres e propriedades no valor de mais de trezentos mil crusados.»

Jeronymo Teive ficou suffocado. Golpe tão imprevisto nunca o previra. Saltearam-lhe a cabeça mil pensamentos maus, ou simplesmente exquisitos. Mas não seria aquelle bilhete alguma pirraça de qualquer invejoso da sua ventura? Porém, logo depois os zelos davam-lhe a côr de certeza a tudo que se referia no bilhete, e novas idéas de vingança lhe tumultuavam na mente. A volubilidade da mulher, a sua perfidia, a facilidade com que ella trocava os seus affectos mais encarecidos e jurados pelo primeiro ricasso que lhe apparecesse, todo este conjuncto de pensamentos em tropel foram o largo thema de suas reflexões.

O peior foi por onde concluiu, ao cabo d'este reflexionar de uma noite inteira, ou antes de entregar a cabeça á luta de suas paixões. Assentou em partir para Nicteroy, e ahi, ou entregar-se em corpo e alma á sua bella, se a innocencia a purificasse das ultimas accusações, ou vingar na perfida o seu affecto trahido.

Elle bem sabia que atrás d'esta partida estava talvez a quebra da sua carreira, uma mácula para o seu nome, e quem sabe se até um motivo de desgraça para toda a sua familia, porque licença de seus superiores para partir não a tinha, e a ausencia, sem esta formalidade militar, era considerada deserção. O perigo tornava-se inevitavel, mas elle nem sequer lhe mediu o alcance. Decidiu partir, e partiu.

A falta do mancebo, a bordo, foi logo notada. Desejando contemporisar e attribuir a motivos innocentes tal ausencia, o commandante da *Urania* estimou a principio ter apenas que desculpar uma irregularidade, todavia os dias foram passando e Jeronymo Teive sem apparecer. Porfim tornou-se indispensavel dar parte do occorrido, e o official fêl-o, como devia, segundo os deveres do serviço, mas ao mesmo tempo acompanhou o officio de uma carta para o pae do seu immediato, onde o prevenia, e ao mesmo tempo lhe entregava nas mãos o officio, para elle ser o proprio portador ao ministro.

Faça-se idéa da angustia do velho capitão de mar e guerra, quando soube da deserção do filho?! Na carta do commandante da *Urania*, não vinha

escripta a palavra *deserção*, mas o seu pundonor militar havia-a lido bem expressa e nuncia de opprobrio para o seu nome. As debeis forças d'aquella edade não poderam com tão duro golpe, e a familia foi achal-o caido de bruços, leso de uma parte do corpo, com a bocca cheia de espuma, apertando um papel na mão.

Chamaram facultativos, e o papel foi lido, e encontrada logo a explicação d'aquelle accidente.

A consternação estendeu-se a toda a familia. D. Elvira pediu á mãe para se recolher ao convento de Santa Thereza, logar solitario de contemplação visinho da poetica egreja de Gloria. A mãe oppoz-se-lhe a principio.

— Não, minha mãe; é em vão que se oppõe. Não professarei, por ora. Não desespero ainda da emenda de meu primo. E até presumo que aquillo nelle, seja antes uma allucinação, que uma paixão. Mas a tranquillidade do claustro, e a presença dos serenos aspectos que rodeiam aquelle mosteiro, serão lenitivo para esta alma, que se debate entre tantas tribulações.

D. Constança cedeu, e a filha partiu n'aquella mesma tarde para Santa Thereza.

A situação d'esta familia penalisava todos que a

conheciam. Sabia-se geralmente que Jeronymo Teive fôra sempre um mancebo d'altos espiritos, bem comportado, e cujo talento sem jactancia, e brio sem alardo, grangeavam entre seus camaradas bastantes admiradores. Vêl-o, portanto, assim perdido, por uma paixão insensata, e o motivo de tamanhos infortunios para a sua familia, não podia deixar de ser assumpto de viva magoa para todas as almas bem formadas. O proprio ministro, apezar de conhecer a gravidade da falta, estava inclinado á indulgencia. Evitar a desgraça de uma familia, indultando o mancebo até ao ponto em que as coisas se podessem compadecer com a severidade da disciplina militar, era o seu desejo. Mas o crime de Jeronymo Teive não era de simples deserção, havia tambem abandonado um posto, que sobre si tinha encargos severos. Era o immediato n'um vaso de guerra; e quem, carregando com similhante responsabilidade, dava passo tão louco e temerario, provava irremessivelmente incapacidade inteira para a carreira militar.

Era este o lado feio da questão.

Mas que certeza havia de que elle tivesse desertado? Nem seu pae, nem o governo sabia mais, senão o que communicara o commandante da *Urania*,

isto é, que tinha desapparecido. Nenhuma circumstancia esclarecia esta noticia. Tanto podia ter desertado, como ter sido assassinado ou retido por um sentimento perfido de vingança.

Todas estas considerações tornavam o ministro perplexo.

O velho capitão de mar e guerra, arrancado pelos esforços da sciencia apenas do estado mais grave do insulto apopletico, que o teve por quinze dias á beira da sepultura, mal começava ainda a avaliar a triste sorte de seu filho. A sua edade, os seus serviços, o seu affecto de pae e o pundonor de antigo e brioso militar, que sempre o distinguira, interessavam vivamente na côrte, e o principe regente chegou até a fallar no paço ao visconde de Villa Nova da Cerveira, mostrando sincero empenho, por que o procedimento com o moço guarda-marinha não fosse ferir de morte o consternado pae.

VIII

ALEGRIAS DE FAMILIA

..................Es possibil
Qui quien tanto su honor guarda,
Como yo, engendrase um hijo
De inclinactiones tan bajas?

ALARCÃO. — *La verdad suspechosa.*

Emquanto se passavam estas coisas, que fazia Jeronymo Teive?

O mancebo chegara emfim a Nicteroy, pequena cidade da provincia do Rio de Janeiro, para onde lhe affirmavam, no aviso anonymo que recebêra, haver-se dirigido a Dori, em companhia do seu opulento adorador.

Jeronymo Teive não conhecia pessoa alguma n'aquella cidade, mas facil lhe foi informar-se do que desejava. Ninguem lhe deu noticia, nem da italiana, nem do seu possuidor. Pesquisou, inqueriu, investigou tudo que lhe pareceu um rasto, ou um indi-

cio da passagem do mysterioso par, mas tudo baldado. Foi só depois de conhecer a inutilidade d'estes esforços, que começou a desconfiar da carta que recebera. Quem sabe se a carta seria de um inimigo, em vez de um amigo? Podia ser, não um aviso, mas um ardil. Designando-lhe falsamente uma povoação do interior, o fito podia mui bem ser chamar-lhe a attenção, e a presença tambem, para um logar distante do verdadeiro theatro da scena. Esta suspeita entrou-lhe no espirito, e foi só então que conheceu a insensatez do passo que dera, e as consequencias que naturalmente d'elle resultariam. A degradação do seu nome, a sua desauthoração militar, a magoa de seu pae, e quem sabe se a morte por golpe tão imprevisto, e em roda de tudo isto a consternação de toda a familia e o desconceito publico, este afflictivo quadro desenvolveu-se-lhe diante da imaginação com as negras côres que lhe ministrava um animo alvoroçado.

O seu primeiro impulso foi fugir para Portugal, e apresentar-se a Junot. Mas lançaria elle sobre a mancha de desertor, que já lhe alastrava na farda, a outra ainda maior de traidor á patria?! A imagem de seu pae moribundo adejou-lhe pela mente. O desditoso velho estendia-lhe as mãos supplices e

as lagrimas da angustia regavam aquellas faces cadavericas e venerandas. Era um pae, no leito da morte, rogando a seu filho, que não fosse o opprobrio da patria e da familia.

Esta visão dissipou-se, como um sonho mau, mas as idéas do mancebo tomaram nova direcção. Deliberou partir logo logo para o Rio, apresentar-se á sua familia e narrar tudo a seu pae. A sua falta não passaria assim de uma leviandade de rapaz, e nunca degeneraria em erro condemnavel de homem.

Perplexo e afflicto chegou á chacara de Olinda. O alvoroço jubiloso foi grande em toda a familia, mal annunciaram a sua chegada. O primeiro impeto do pae, foi repellil-o com indignação. Não viu no filho senão o desertor: a nodoa no seu nome, e a amargura do resto de seus dias. Mas tão ingenuas foram as explicações do pobre moço, tão sinceras as suas lagrimas, que o velho militar sentiu-se commovido, e os choros e rogos da familia conseguiram o mais.

— Perdôo-te, disse-lhe por fim seu pae, mas fica-me o receio de que tornes a dar outro passo insensato. Quem me assegura que essa loucura, que te estonteou a ponto de esqueceres o que devias a

ti e aos teus, quem me assegura que esteja curada ou extincta?

—Asseguro-lh'o eu, meu pae. A lição foi grande e a vergonha ainda me escalda as faces. Mas onde está minha prima Elvira? Será tanto o seu resentimento comigo, que nem me queira apparecer? Sempre suppuz que não fosse mais inexoravel com o meu erro que o não foi meu pae. Meu pae perdoou-me, e...

—E ella tambem, interrompeu D. Constança. A pobre menina não lhe tem senão effecto, meu sobrinho. Então ella, que não tem fel no coração para ninguem, havia de tel-o para o primo, a que estima tanto! E o que melhor lh'o prova é a propria causa porque está ausente. Logo que soube do seu desapparecimento, pediu-me ara se recolher ao convento de Santa Thereza, onde ainda persiste. É n'aquella santa casa que está curtindo a sua saudade, e o seu...

A extremosa mãe não proseguiu: a dôr afogou-lhe a voz.

—Então que dizes a isto? Sim, que dizes a isto, meu doudivanas? exclama o pae, querendo chamar Jeronymo a um terreno, d'onde elle se lhe não podesse escapar.

—Digo que serei eu mesmo que a vá buscar, em

companhia de sua mãe. Faz-me isto, minha tia? proseguiu o mancebo, apertando nas suas as mãos de D. Constança.

—E porque não, volveu esta. Até o desejo.

—Mas não é só il-a buscar, atalhou o capitão de mar e guerra. É indispensavel desdar este nó gordio. O teu dever agora é outro.

—Sei qual elle é, meu pae. Dentro de alguns dias, conte que estará satisfeito de mim.

—Ora pois, vamos lá. Esperaremos esses dias, retrocou o velho, sorvendo mui gostosamente uma pitada de princeza.

Effectivamente, passados quinze dias, annunciavam-se os preparativos do consorcio de Jeronymo Teive com sua prima Elvira. A familia toda andava alvoroçada com a noticia do successo. Affixou-se o dia, e o esplendor e o jubilo encheram a bonita residencia do caminho de San Salvador.

IX

UM PERSONAGEM ESQUECIDO

Eis vastos salões pomposos
de oiro e seda ataviados,
eis jardins rasgando a noite
vastamente illuminados.

Castilho. — *Amor e melancolia.*

São dez horas de uma tepida noite de agosto. O lindo palacete da chacara de Olinda resplende ondas de luz, de regosijo e de harmonia por todas as janellas e portas. Descerradas as persianas e erguidas as cortinas de cabaia da China, é possivel transver o bulicio que lá vae dentro, bulicio agitado pelos estimulos da conversação, alegrado pelo impeto volteador da dança, e multiplicado pelos mil e cambiantes reflexos dos crystaes e douraduras realçadas pelo fulgor esplendido da illuminação. Os terraços e o jardim estão illuminados com fogos fatuos e coloridos, como os usam os naturaes

de Calcutá e do Madrás n'estas saudosas e poeticas festas nocturnas. Os lagos reflectem os trémulos luzeiros em phosphorescencias vagas, e os bosques de anduzeiros e tamarinheiros, lançando as perfumadas frondes sobre os balões transparentes e as simuladas cascatas que espadanam fogos côr de opala, de amethista, de esmeralda, de rubí, envolvem tudo n'uma especie de toldo de ramadas, que ora se condensa e absorve a luz, creando mysterios no animo do curioso scismador, ora se aparta e arregaça em apanhados, como magestosas cortinas que mão indiscreta fosse alli descerrar. Uma brisa mareira traz ao olfato o conjuncto enebriante das emanações, que se respiram no seio d'esta natureza que parece ainda guardar em si, com soffreguidão, como um thesouro de virgindade que debalde o egoismo da civilisação moderna tenta arrancar-lhe, os deslumbrantes segredos da vegetação primitiva.

Era esta a noite em que a familia da chacara de Olinda celebrava a desejada alliança de D. Elvira com seu primo.

N'um momento em que a joven esposa o deixára para ir dançar um minuete, Jeronymo Teive sahiu para um dos terraços a conversar com varios camaradas e amigos.

No grupo a que se chegou fallavam varios mancebos, e o sobrinho do conde da Barca, amigo de Jeronymo, parecia ser escutado com attenção. De vez em quando algumas risadas cortavam esta attenção, e o interlocutor proseguia.

Jeronymo Teive aproximou-se e ouviu distinctamente pronunciar o nome da Fortunata Dori. A curiosidade attraiu-o. Aquelle nome ainda era um poder para elle.

— Não se riam, continuava o sobrinho do conde da Barca, foi roubada, roubada! Se lhe affirmo que foi roubada! Apurou-se tudo agora. O intendènte geral da policia já o sabia, mas o depoimento d'ella hoje confirmou tudo melhor ainda.

— O depoimento d'ella? exclama Jeronymo Teive. Porque, a Dori está no Rio?

— Chegou esta tarde.

— O quê? A Dori no Rio?! insistiu o mancebo fóra de si.

— Está, sim, homem. Que ha n'isso de extraordinario?

— E não fugiu, foi roubada, tornou um camarada de Jeronymo, dirigindo-se a este.

— Como roubada?

— Um novo rapto de Proserpina. O Plutão, d'esta

vez, foi um mulato de Matto-Grosso, que levou dez annos em Africa a amontoar ouro no commercio do coral, para lh'o vir depôr aos pés, aqui no Brazil.

— Mas contem-me isso, exclama o mancebo, entre absorto e lisonjeado, por saber que a sua antiga amante não se entregára ao ricasso. Não foi ella que fugiu? Não foi um acto voluntario? Houve então violencia? Contem-me como succedeu a historia: bem vêem que isso sempre interessa.

— E a ti sobretudo, acudiu d'alli um malicioso.

— Como a outro qualquer; mas desejo sabel-a, replicou Jeronymo Teive, encrespando as sobrancelhas.

Todos se chegaram, e o sobrinho do conde da Barca começou n'estes termos:

— O caso contam-n'o assim, e, segundo ouvi, é esta a propria narração da Dori. Na noite em que se deu pela falta d'ella, faltou-lhe a liteira á porta, ás horas de ir para o theatro. Era por volta das sete que a liteira a ia buscar. Presume-se agora que os dois cabindas, que a levavam, foram comprados para não apparecerem. E isto tudo combina com o que se passou depois, porque em casa d'ella estava o tal mulato de Matto-Grosso, importuno requestador da diva de bastidor, a quem ella correspon-

dia apenas com sorrisos de desdem. Vendo que a hora passava, e a liteira não apparecia, queixou-se da demora, e o adorador aproveitou logo o lanço para lhe offerecer a sua, que estava á porta prompta ao primeiro chamamento. De boa fé e naturalmente aceitou a Dori. Como havia ella de prever que era um laço que lhe armavam? Entrou para a liteira, e os escravos caminharam. Passou-se um quarto de hora, e os escravos continuavam a andar. Agastou-a a demora. Bateu nos vidros da portinhola, para advertir de qual fosse o caminho, mas a liteira não parou, nem houve resposta. Os escravos continuavam a andar. N'isto espreitou e viu que as ruas eram diversas d'aquellas que conhecia. Então a suspeita entrou-lhe no espirito. Tentou abrir as portinholas, mas estavam fechadas por fôra. Bateu n'ellas, nas vidraças, gritou, esbravejou, mas a liteira cada vez corria mais. Não pareciam dois pretos que a levavam, pareciam dois genios maus que voassem. Que era uma traição que lhe faziam, já ella não duvidava ; mas porque ? com que fim ? e quem ? Passada uma hora, conheceu por dentro dos vidros que já ia fóra da cidade. Eram arvores que descobria de um lado e do outro. Assim a foram levando, toda a noite, por en-

tre florestas e cannaviaes, até que chegou a Matto Grosso. Ahi o enigma decifrou-se, e tudo ficou claro. A liteira atravessou uma roça que parecia não ter fim, e deteve-se diante de uma bella casa. Abriram-lhe então a portinhola, e conduziram-na ao interior da mesma. O proprietario appareceu. Era o mulato que havia tanto tempo representava o papel de serpente do paraizo. Á tentação dos pomos de ouro tinha ella resistido, mas não podera resistir á traição urdida nas trevas. D'aqui por diante segue-se um combate renhido de resistencias e imprecações da parte d'ella, e de supplicas e tenacidade, da parte delle, em que, segundo ella assevera, a sua castidade, a castidade d'aquella Pucelle de Orleans, ficou incolume. Vá, sem commento. Acreditem piamente, que eu faço outro tanto.

— E porque não poderá ser assim? brada Jeronymo Teive, irritado da chufa grosseira.

— Ah! estavas ahi? Não tinha reparado, replicou o narrador em tom zombeteiro.

Uma gargalhada geral coroou a resposta.

Jeronymo disfarçou. Não era aquella a occasião, nem o local de correr lanças pela Dori.

— E como quebrou ella essa especie de captiveiro? insistiu o mancebo.

— Subornou um escravo com promessas, o qual veiu á cidade e foi contar tudo ao emprezario. Este queixou-se á justiça e a justiça deu as providencias. Aqui está tudo.

A conversação foi interrompida por um criado que entregou uma carta a Jeronymo Teive. Este pediu licença e entrou n'um gabinete.

Olhou para o sobrescripto e pareceu-lhe conhecer a letra.

Abriu, e olhou para a assignatura.

Era a assignatura da Dori.

— Será possivel?! exclamou o mancebo. É ella que me escreve! Que me quererá? Esta carta será uma justificação do que lhe attribuiram, ou uma arguição do passo que dei? Na minha posição, não devia abrir, e ainda menos lêr esta carta. Mas de que tenho eu medo?

Depois lançou-lhe os olhos, e leu o seguinte:

« Sei agora mesmo do seu consorcio. Foi uma vingança, ou uma perfidia? Um d'estes sentimentos lhe dominou por força o coração, quando deliberou unir o seu destino a uma menina, que jámais amou, nem amará, se é verdade tudo que me affirmou. Se foi vingança, já a estas horas saberá que a não mereci; se é uma perfidia, fique-lhe ao

menos o remorso de similhante acto. Em todo o caso desejo vêl-o. Quero fallar-lhe, e já. Eu deixo o Brazil ámanhã, mas antes de o deixar, preciso que me escute algumas palavras. Não me objecte com o seu novo estado, e com a natureza d'esta noite, porque nenhuma desculpa acceitarei. Se dentro de uma hora não vier, serei eu que ahi appareça.

FORTUNATA DORI.»

Jeronymo Teive ficou atordoado. Pois elle havia deixar o baile, n'aquella noite e áquella hora, e attender ao chamamento da Dori? Seria isto um acto de loucura ainda maior que o primeiro já praticado na Bahia.

Mas se a italiana, exasperada, alli apparecesse, a sua presença, bramindo arguições e ameaçando vinganças, não seria muito maior escandalo? A ida do mancebo a sua casa, podia ser ignorada, mas a apparição n'ella no meio dos salões do baile, não podia ser senão uma scena em que Jeronymo ficasse desacreditado.

Não havia que hesitar. Jeronymo resolveu-se a partir. Entre dois males, escolheu o menor.

Partiu.

Fóra da chacara já o esperava uma liteira. Entrou n'ella e os escravos voaram.

A rapidez da marcha, a hora, o conjuncto de circumstancias, tudo isto emfim que um mysterto ou um perigo enchia de trévas e suspeitas, levou-o a achar analogia entre o que lhe succedia agora e o que se passára com a propria Dori. Haveria tambem um ardil n'este convite?

Ainda o espirito se lhe espraiava n'estas conjecturas, quando a liteira parou.

Olhou, e reconheceu a rua e a residencia da cantora.

As desconfianças desvaneceram-se.

Entrou.

A Dori esperava-o, já vestida de viagem, porque ás seis horas da madrugada tinha de estar a bordo.

Era meia noite.

O semblante da italiana traduzia o tumulto que se passava em sua alma. Havia alli a ira da mulher despresada, mas ainda mais a dôr do peito ferido por fundos e excruciantes golpes. A indignação cedia ao affecto.

Jeronymo Teive permaneceu silencioso e timido até diante d'aquelle vulto, que á natural formosura de fórmas juntava a magestade dos gestos theatraes,

que o habito da scena quasi identificára com a propria indole.

Era como um réu perante uma soberana.

A Dori foi quem rompeu o silencio.

— Agradeço-lhe ter aqui vindo, disse ella. Poupou-me talvez o maior desgosto da minha vida.

— Não a intendo, replicou o mancebo.

E nunca me intendeu. Sim, o maior desgosto da minha vida; porque, se não viesse, iria eu.

— E com que fim e com que direito?

— Com o direito e o fim da mulher esmagada nos seus mais puros e santos affectos. Ultrajaram a mulher, porque julgam a mulher de theatro uma machina de prazeres, sem se lembrarem de que a actriz, se não possue o pudor, essa segunda virtude do caracter feminino, possue a maior força moral da mulher e aquella que a póde livrar das grandes ignominias e eleval-a ás primeiras grandezas, que é a vaidade. Sou vaidosa, sou altiva, e o sr. Jeronymo Teive, pelo menos, que parecia ter devassado os seios de minha alma e vêr bem de perto os sentimentos que lá ardiam, o sr. Jeronymo Teive tinha obrigação da me fazer justiça.

— Fiz-lh'a, esquecendo os meus deveres, e expondo-me até a todos os riscos de uma deserção in-

sensata, só para acudir ao ponto onde a suppunha.

— Mas, se não me achou, porque não continuou ainda a fazer-me justiça?

— Porque o coração amante é desconfiado, e infelizmente o bilhete anonymo que recebi coincidia com os precedentes triviaes nas mulheres de theatro.

— Deixou então o sr. Jeronymo Teive de ser amante desde ahi para ser publico? Só viu a mulher venal? Não acreditou que a pobre cantora, por ser uma cantora que qualquer póde applaudir ou patear, esteja sujeita ao mesmo genero de perigos a que está exposta a mais infima rapariga? Commigo não podia haver uma traição, um ardil, um laço armado á minha boa fé; nada d'isto. Tudo que acontecesse de ruim, devia partir da minha indole, da minha condição, porque nenhum sentimento bom se póde abrigar no peito da mulher que sobe ao palco. Entrada alli, a sua perversão é certa. Nenhuma deve escapar d'esta sentença. Tanto basta dizer caixa de theatro, como inferno, porque os individuos alli entrados estão do mesmo modo incluidos na reprovação eterna. Mas Deus perdoou á Magdalena, que fôra grande peccadora. E porque lhe perdoou? Porque viu que o seu arrependimento

era sincero, e que n'aquella alma subsistia uma essencia sublime apenas ligeiramente deturpada pelas tentações do seculo. Só eu não mereço este perdão, nem me é permittido suppôr que n'este peito subsista tambem uma scentelha d'essa virtude que rehabilita a mulher perante a religião. Até o sr. Jeronymo Teive foi commigo mais cruel do que o seria qualquer juiz com um grande scelerado! Elle sempre desconfiaria da accusação, partisse ella d'onde partisse, e só condemnaria, depois de colligidos e averiguados os indicios. O senhor, não. Ao senhor bastaram-lhe os simples boatos de uma fuga, e um bilhete anonymo. Pois bem: formou de mim o conceito que quiz. Saiba, porém, a minha resolução. Esta resolução tomei-a hontem mesmo, logo que pude combinar as minhas coisas com o emprezario. Ainda me não constava do seu casamento, nem o suspeitava sequer, e não o suspeitava porque reputei verdadeiros os protestos que n'outro tempo me fez. Disse-me que jámais casaria com sua prima; jurou-m'o até; e eu acreditei, porque vi diante de mim a ingenuidade do mancebo e o pundonor do homem que tinha um posto que obriga a tudo que é digno, sob pena de infamia para aquelle que o invilece. Não sabia pois, do seu

casamento, quando tomei a resolução que vae saber agora. Pediu-me que deixasse o theatro, porque o seu amor não soffria vêr-me exposta ás idolatrias dos estranhos, e que partissemos os dois para onde podessemos viver do nosso affecto, sem as arguições dos parentes. Cedi a esses rogos. Rompi por tudo que me prendia ás illusões, embora deslumbrantes, da carreira theatral. Haviam-me ellas sido lisonjeiras, bem lisonjeiras para o desvanecimento da mulher vaidosa! Não importa. Tambem o sr. Jeronymo Teive calcou as leis da disciplina, só para me vêr. Annullou talvez o seu futuro. Estamos pagos. É sacrificio por sacrificio. Agora parto para a Allemanha. É o paiz que tinhamos escolhido nos arroubos de nossos sonhos delirantes. Ha dois logares a bordo. O navio levanta ferro d'aqui a sete horas. É uma da noite. Quer cumprir os seus antigos desejos? Quer partir?

E com o relogio na mão, os labios entre-abertos, e os olhos interrogativos, fitou o mancebo, que suspenso e calado, por solução tão adversa á sua situação presente, mal atinava com a resposta.

—Então? O tempo corre, prosegue ella com anciedade. Hesita? Seria tudo uma mentira o que me supplicou n'outro tempo? Serei eu uma mulher

sacrificada até no mais ardente e puro de meus affectos?

— Somos dois os sacrificados, replica o mancebo com os olhos pregados no chão.

— N'esse caso, parte?

— Não; fico.

— Então onde está o sacrificio?

— Mesmo em não partir. O meu coração vae n'esse navio que logo sae a barra; aqui fica apenas o corpo vasio, como é vasio o sentimento de dignidade que me ordena aqui ficar.

— Vãs palavras que só encobrem um calculo despresivel! Asseguram-me que sua prima é rica...

Jeronymo Teive sentiu o fogo de indignação chammejar-lhe nas faces.

— Já o era antes de eu conhecer a cantora Dori, replica o mancebo, com expressão acerba.

— Bem; mas á cantora Dori mentiu-se, e não se quer mentir ao dinheiro da menina opulenta. O mundo é sempre o mesmo. Seja assim. Agora nem mais uma palavra a este respeito. Adeus; fique. Escuso de lhe ambicionar venturas, porque os homens d'esse genio costumam ser ditosos sempre.

E com um aceno de mão imperativo intimou o mancebo para sair.

O acto era supremo. Jeronymo não pôde resistir. Caiu-lhe aos pés, exclamando:

— Que queres de mim, mulher? Já fui desertor, já infamei a farda que visto, e o nome de uma familia digna. Queres agora que á deserção ajunte o perjurio? Farei tudo. Aqui estou; dispõe de mim.

A italiana levou com violencia a mão ao peito, como para suffocar as palpitações daquelle coração, depois passando-a pela fronte, pareceu querer expellir as idéas más que a arrebatavam. Mais asserenada, mas da serenidade apparente, que encobre abysmos de agonia, dirigiu estas angustiosas palavras ao mancebo:

— Desculpe-me, senhor. A vehemencia da paixão tornou-me egoista. Julguei que era um dever corresponder á sinceridade do meu affecto, sem me lembrar de que a sociedade determina outros deveres que arremessam para longe a mulher, que allega como direito unicamente os sentimentos de seu coração. Agora sou eu já que exijo que me não acompanhe. Peço perdão ao esposo de D. Elvira de o haver distrahido alguns momentos da sua noite de noivado.

E proferindo estas palavras, inclinou a cabeça, mais com o peso da dôr, que por satisfazer ao simples dever da polidez, e desappareceu.

O mancebo correu á porta por onde ella se sumiu, mas haviam-na fechado por dentro. As lagrimas rebentaram-lhe dos olhos, como se o coração se liquidificasse em pranto.

N'este momento appareceu uma criada, que o avisou de que o esperava á porta a liteira que o tinha conduzido.

Não havia alli mais que fazer.

Jeronymo desceu a escada como quem se arremessa a um abysmo.

IX

O REVERSO DO QUADRO

> Les abords du cottage étaient déserts et silencieux. Il descendit de cheval, avec inquietude; ce calme l' effreayait.
>
> MÉRY. — *Les nuits anglaises.*

Seriam tres horas, quando chegou á chacara de Olinda. Esperava encontrar ainda o baile na sua vivacidade doudejante, e, á sombra d'ella, penetrar nas salas, sem que a sua ausencia fosse notada. Enganou-se. O silencio e a solidão dominavam o jardim e o palacete. Nem uma janella aberta, nem um reflexo de luz broxeleava nas vidraças, nem um som sequer acordava os éccos comvisinhos. Parecia tudo êrmo. Ninguem diria que havia algumas horas apenas toda aquella residencia exultava com os rumores festivos de uma grande alegria de familia.

O coração de Jeronymo estremeceu.

Chegou á porta. Os escravos tocaram, e foi-lhes aberta.

Entrou.

Na primeira sala aguardava-o o seu escudeiro, que lhe disse que a senhora o esperava no seu gabinete.

O mancebo dirigiu-se para alli.

D. Elvira estava de pè, encostada a um bofete. Não a enfeitavam já as galas do baile, nem os distinctivos do noivado.

Sem esperar que seu marido fallasse, mal elle entrou, apontou-lhe para um papel dobrado que se via sobre o bofete.

Jeronymo olhou e conheceu a carta da Dori, que o alvoroço com que deixára o baile lhe fizera perder, e que um criado, encontrando-a, e vendo-a subscriptada para seu amo, a entregára a D. Elvira.

Negar o que alli estava escripto, seria loucura, e dissimular a sua ausencia, hypocrisia ridicula. Nem o intento do mancebo era esse, nem D. Elvira lh'o consentiria, porque, assim que elle pegou na carta e deu mostras de ir fallar, ella antepôz-lhe a mão erguida, como se lhe quizesse deter as palavras, e disse-lhe o seguinte:

— Toda a desculpa é escusada. O nosso destino está determinado.

— Não busco desculpas, acudiu Jeronymo. Não careço d'ellas, nem similhante meio asseguraria melhor a nossa sorte.

— Diz bem. Então confessa que esta carta?...

— É da pessoa de quem leu o nome. Mas eu não a provoquei. O seu mesmo contheudo o prova.

— Não o nego. Porém a sua ausencia?

— Foi para evitar um escandalo.

— Para evitar um escandalo?! Não percebo que a maneira de evitar o escandalo fosse esmagar-me o coração. O escandalo puniam-n'o dois ou tres dos seus escravos, expulsando essa mulher das nossas salas.

— Quiz evitar isso. Os sentimentos, embora insensatos, d'essa mulher, não me davam o direito de ser brutal.

— Então escolheu ferir n'alma a esposa?

— Não escolhi: vi dois males, e corri a conjurar o menor, para evitar o maior.

— Primo Jeronymo, não percamos o tempo. Sou nova, uma creança quasi, mas os desgostos de alguns mezes, tem-me aberto uma larga estrada de experiencia. Não o culpo do que fez; agradeço-lh'o

talvez até. O passo que hoje deu, entregou cada um de nós ao seu destino. No seu peito não ha amor, ou, se o ha, não é para mim. O primo casou commigo por commiseração para com este sentimento tão mallogrado, que me tornou infeliz. Bem vê que a commiseração não póde ser o nó de um consorcio nem a base de um futuro. Esqueçamos, pois, tudo que se passou, e, se as leis o permittem, quebram-se estes mesmos laços que não chegaram a apertar-se.

O mancebo deu alguns passos e ia para lhe pedir perdão. Nunca annos tão verdes se exprimiram com mais isenção e dignidade. A força d'esta virtude predominou-o, e se não era o amor, pelo menos um culto de admiração venceu-o. Mas a desditosa menina repelliu-o brandamente com o gesto.

—Não nos illudamos, primo Jeronymo. A sympathia, nem a propria estima, não é amor. Trate-se do nosso futuro, e seria desgraçado, e indigno até, cedermos agora a algum movimento generoso, para d'aqui a mezes, a dias talvez, vir a fatal mão da experiencia rasgar o véo d'estas illusões, e descobrir a negra verdade que diz, que não somos um para o outro. Pensei bem n'isto. O primo deu-me duas largas horas para eu resolver por todas as fórmas

o problema do meu destino. A minha resolução está tomada. Esperei-o, não para discutirmos, e ainda menos para nos convencermos a respeito de uma felicidade que nos foge, mas para lhe communicar o meu designio. Recolho-me ao convento, d'onde nunca devêra ter saido. Fui uma louca de ceder a essa tentação. Não me queixo do primo: o primo não me enganou; enganou-se a si, indo lá buscar-me. Agora volto, e não tornarei a sair. É esta a minha determinação definitiva. Adeus!

E apertando as mãos ao mancebo, que lh'as estendia tremulo e consternado, saiu da sala.

Jeronymo Teive caiu sobre um canapé. Sentiu que o cerebro se lhe esbraseava, e as arterias batiam-lhe com tanta violencia e precipitação como se o accommettesse uma sezão.

O dia já raiava, quando acabou este dialogo.

Entrou no seu quarto. A luta de sensações d'aquella noite, havia-lhe espedaçado as forças. Atirou comsigo, quasi n'um estado de marasmo, para cima da cama.

Saiu apenas d'esta lethargia com a entrada de um escravo, que pela manhã lhe apresentou uma carta de seu pae.

A carta era em termos breves e seccos. Dizia-lhe

que se apresentasse ao seu ministro, que tinha ordens para communicar-lhe.

Antes de partir, Jeronymo Teive quiz despedir-se do velho official de marinha, mas este recusou fallar-lhe, e o resto da familia tambem não pôde receber as suas despedidas, porque tinha toda saido a acompanhar a infortunada noiva ao mosteiro de Santa Thereza.

XI

O DESTERRO VOLUNTARIO

De dégoûts en en dégoûts il va traîner sa vie.
Victor Hugo. — *Odes et balades.*

Alguns annos depois, os militares que encontraram Jeronymo Teive em Montevideo, diziam que elle era um official de uma valentia que degenerava por vezes em temeridade, mas que repetidos ataques de hypocondria o affastavam da concorrencia de seus camaradas. O general em chefe, Carlos Frederico Lecor, havia-o nomeado seu ajudante, e mostrava-lhe verdadeiro affecto, mas nem mesmo isso o attrahia. Depois de cumpridos os seus deveres militares, ninguem mais o via. Affirmavam uns que se entretinha á caça, internado pelos sertões, outros que refugia simplesmente das vistas estranhas por

desgostos profundos que lhe lavravam no coração.

Quando o sr. D. João VI regressou a Portugal, Jeronymo Teive voltou tambem.

A este tempo já seu pae tinha fallecido.

Em Portugal veiu Jeronymo Teive encontrar o paiz debatendo-se entre as convulsões das lutas civis. Ainda militou por alguns annos. Em 1823, servindo em Traz-os-Montes, debaixo da bandeira hasteada pelo conde de Amarante, foi ferido. A melancolia que o minava ainda lhe exacerbou mais o padecimento.

Passava-se isto em Chaves.

Soube do seu estado um tio, que era provincial da ordem arrabida n'aquella provincia. Chamou-o ao convento. Se um mosteiro não é o céo, porque o não ha nem cabe na terra, é um santo e bemdito refugio, onde muitas penas se atalham, e muitas se adormentam, diz o inspirado cantor dos *Ciumes do Bardo*. Jeronymo Teive entrou a fundo n'esta verdade. As agonias intimas da sua alma já lh'o tinham revelado, e as instigações e conselhos do velho provincial fizeram o resto. A profissão seguiu-se de perto.

Passados annos, veiu a Lisboa, e foi n'esta cidade que o encontrou a restauração liberal.

O decreto da abolição das ordens religiosas, privou-o do seu abrigo e do conforto moral para onde haviam appellado, como consolação extrema, as intensas mágoas do seu coração.

Nem o refugio da casa de Deus pôde afinal achar aquella angustia!

Como elle desafogava a sua dôr, nos derradeiros dias da amargurada existencia, já nós o vimos nos primeiros capitulos d'este livro. Depois d'isso ninguem mais soube d'elle.

É de presumir que a estas horas o esconda a cova, que foi a unica coisa que lhe não tiraram, e junto da qual elle orava sempre, como querendo poupar o trabalho de o arrastarem á ultima guarida de seus cançados annos.

PERO ESTEVES

TRADIÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA

POR

EDUÁRDO COELHO

AO EX.mo SR.

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

DECANO DOS JORNALISTAS PORTUGUEZES

Em testemunho de sincera estima
e respeito

O. E D.

O AUCTOR.

PERO ESTEVES

TRADIÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA

I

A DESPEDIDA DO BÉSTEIRO

— «Acommettem castelhanos nossa terra, vamos outra vez mostrar a esses perros quanto valem garruchas portuguezas. Eia, querida mulher e filha, acercae-vos, que o osculo de amor quero deixar-vos, pois me parto para a lide. Senhora *De mil-um* guiae-me os passos, e que nunca em balde eu vergue o arco á bésta quando o pendão das Quinas tremular em nossa az. Não fôra eu bésteiro de conto, não reclamaram senhores as gentes d'armas, e vieram mouros vís ou castelhanos pizar a nossa terra, que mil garruchas que eu tivera as empregára todas nesses cães. Anda prestes, Maria Annes, e tu, formosa Ignez, ministrae-me as minhas so-

lhas, aprontae-me o gorjal e o morrião, que já soou a voz de alarma!

Porem vós choraes... porque choraes?... porque o pobre lavrador se vae para a guerra? Pois para que valem homens portuguezes senão para defensão de sua terra?... Se algum ferro de lança, algum virote ou pedra de engenho a vida arrancar a Pero Esteves no campo das batalhas, finarei alegre por haver cumprido quanto deve cumprir o homem honrado... Alquebrado já pelo affan do meu labor, tanto me vale a mim finar-me em paz, como em guerra. Em ambas partes virão as andas da Misericordia buscar o corpo do misero peão, que não tem cabedaes para outro sahimento. E, depois, que vale mais uma cova rasa e sem lettreiro, que uma sepultura de relevos e coberta de fallazes inscripções? A terra é sempre a mesma; e quer seja de cavalleiro ou de peão, quer de villão, quer de nobre; o corpo morto é sempre corroido pelos vermes. Se ha brazão que ao homem sobreviva, é esse a historia de um viver sem mancha; e ao triste lavrador, vós o sabeis, nunca lhe caiu nodoa no pellote que não fosse a de alguma baga de suor, que a poeira alastrasse. Tal é a só herança que vos deixo; pois tal foi a que me deixou meu velho pae, que

se morreu matando mouros nas margens do Guadalamexil, quando se deu a batalha do Salado. E essa herança crente sou que não a esperdiçareis; pois ella é na terra o unico haver que o tempo não devora. Pesa-me não vos deixar fazenda e cabedaes... mas para que serviam elles?... para vir algum incendio consumil-os, como inda ha quatro annos andados foram feitas cinzas todas as riquezas dos mercadores das ruas da Ferraria e rua Nova em a mui nobre e leal cidade de Lisboa [1]. Herança infallivel, pois, vos deixo que, se vos não der mantença, vos dará ao menos gloria.

«E tu, filha minha, candido lyrio que ora começas a desabrochar aos ardores do sol da adolescencia, que a modestia e a virtude sejam sempre o teu adorno; que te não cegue o fausto cortezão, nem as sedas e os brocados, nem as desvairadas riquezas que por ahi tentam tantas mesquinhas; que o sol da virtude sempre allumie a tua alma creada para o bem. Quando o furacão da desventura rugir em torno de ti, abriga-te, singela violeta, á sombra do arbusto maternal que te creou, que ahi te animará, ao menos, o calido orvalhar dos seus olhos.

[1] **Historico.**

« Vaes entrando na quadra da ardencia... se alguma vez te palpitar de amor o coração, que seja por homem honrado, peão como teu pae, e que não tente desfolhar-te a virgindade longe do leito marital. Teme a negra desventura das refeces barregans, a quem cegam com um punhado de dobras; e nunca imites, filha, essa infeliz do teu nome [1] que se deixou perder de amores pelo pae de sua mercê el-rei, para ter tão misero fim, nem essa vil Leonor Telles que esmagou a fé jurada ante o altar, com o peso de um sceptro. Sê pura e casta como tua mãe o ha sido, e segue sempre seus conselhos. Se o mesquinho de teu pae se finasse na guerra, e tu lhe enodoasses a memoria, certo o seu cadaver, alevantando-se da cova, viria pela calada de sinistras noites buscar-te ao logar onde estiveras, e amaldiçoar-te para sempre; e, se vivo te viesse topar manchada e torpe, o teu sangue lavaria a sua affronta, e o punhal que te ferisse tambem seria cravado no peito ao seductor! Mas tu, luz dos meus olhos, juras sobre a cruz [2], finar-te pura, não é assim? Promettes deixar dormir asso-

[1] D. Ignez de Castro.

[2] Era uso jurar sobre uma cruz, ou sobre uma hostia consagrada.

cegado, lá na cova, o corpo fatigado do bésteiro? deixal-o dar á terra puras estas honradas cans, adquiridas nos trabalhos da virtude?»

— « Prometto, senhor pae; podeis partir, que nunca Ignez Pires manchará o nome aos seus. »

Bem tardia era esta promessa; a mente da coitada da donzella já andava alucinada pelo amor; o seu pobresinho coração já pulsava e se incendia por um mancebo. Todavia, o bésteiro, satisfeito, proseguiu com voz sentida:

— « Vinde pois estreitar-vos em meus braços, e que este abraço não seja o ultimo que vos dê. Que ao Senhor aprasa de volver-me são ao nosso lar, para poder, no instante da extrema despedida d'este mundo, dar-vos as bençãos que vos ora dou. »

Pero Esteves envergou sua armadura, tomou a fiel bésta, e saiu da moradia com as engelhadas faces molhadas pelas lagrimas; não lagrimas covardes e effeminadas, nascidas do horror da morte ou do receio das tormentas da vida, que por essas havia elle atravessado sempre incolume; mas lagrimas nobres arrancadas a uma alma de pae, encanecida na virtude, pelo temor de que viesse algum torpe reptil com sua baba pestilente crestar a pureza ao formoso lyrio que alli deixava abrigado pe-

los carinhos da esposa, que, ainda que mãe, era mulher, e por ser tal fraca e indefesa.

Assim o bom do ancião, com saudade e passos retardados, deixou o seu tegurio, e foi reunir-se a um troço de homens que da sua villa de Veiros devia de partir-se para Torres Novas com alguns cavalleiros do joven mestre d'Aviz, que alli ia aguardar as ordens de el-rei D. Fernando, seu irmão, o qual, enfeitiçado e esquecido nos braços da adultera Leonor Telles, não cuidava de impedir a marcha ao resentido D. Henrique de Castella, que se lhe ia impunemente assenhoreando do reino, e destruindo-o, e marchava sobre Lisboa, dirigido por um dos perjuros assassinos de D. Ignez de Castro [1]!

A velha Maria Annes e a pudibunda Ignez, vendo affastar-se de ao pé dellas seu esposo e pae, tambem deixaram regar suas faces por lagrimas abundantes.

Lagrimas eram a mais duravel herança que lhes restava. A honra e o pudor moram no coração, e o coração desvaira ás vezes, para deixal-os fugir esses nobres sentimentos — os mais ricos dotes da pobreza. E Ignez era mui joven, e Maria Annes já mui velha!

[1] Foi Diogo Lopes Pacheco, dizem os chronistas, quem induziu Henrique II a vir sobre Lisboa.

II

O RAPTO

Vae em meio um rigoroso inverno, e escura noite começa a destender-se pelo espaço, forrado de opacas nuvens, que despedem sobre a terra abundantes golphadas. De quando em quando, parece descerrar-se a abobada para alumiar com clarão breve e sinistro a villa de Veiros, uma das terras do mestrado d'Aviz, deixando ver, pallidas e de aspecto melancolico, as oito erguidas torres do seu castello, e a fachada gothica da sua bella egreja, em que alguma ave agoureira jaz acoitada, soltando seu piar assustador. Lá em baixo, ao longe, sussurra, escorregando sobre as pedras, a ribeira de

Anna-Loura, parecendo, em seu correr ruidoso, revelar ternos mysterios.

Por entre o estridor do trovejar, se ouve o estrepito de dois ginetes, que transportam, em seu dorso dois habeis cavalleiros, os quaes havendo franqueado a baixa porta praticada na muralha que cinge a villa, domam a fogosidade dos folgados animaes, fazendo-os andar a passo lento. Dois longos capeirões de barregan, que lhes occultam as demais vestes, lhes evitam os insultos da chuva, cujos furores elles parecem despresar; pois atravessando vagarosos as lamacentas ruas, não se apressam em demandar pousada, e, ao que parece, querem pernoitar na villa.

A taes deshoras, tão extraordinarios visitantes a um povoado que jaz em repouso, seria extranho caso, a não ser tempo de guerra,— e guerra alborotada. E os cavalleiros virão de paz ou de guerra? Vel-o-hemos.

De quando em quando, param como querendo descubrir, atravez da tempestade, alguma coisa; de novo proseguem seu caminho; lá tomam por uma viella tortuosa; no seu extremo param, e retomam sobre seus passos; até que emfim, pondo termo ao vago caminhar, estacam ante uma casinha, que al-

veja ao clarear da electricidade como phantasma feminil por noites de luar.

— Eil-o, o ninho da canora philomela, meu senhor — exclamou o mais velho dos cavalleiros.

— Deus: que bem! Fernão Martins, meu fiel aio, já sinto acceso no intimo um fogo intenso e tão ardente, como esses relampagos que além brilham.

— Acalmal-o irá em breve vossa mercê, já que apagal-o não póde n'esse peito, que bem melhor isso fôra ; pois perdidas levamos já quatro noites para obrar esta visita; e outros feitos, senhor, mais importantes reclamam nossas pessoas e espadas.

— Não ha feito que valha, amigo, quando o coração afflicto nos demanda algum conforto; e dizia meu santo avô, escrevendo para Castella, que «*portuguezes nuqua deixarão dusar tres coisas, lutar pellejar com castellãos e demãodar com boa vomtade molheres;* [1] assim, cumprâmos nós agora o segundo preceito que para o primeiro não nos hade fallecer ensejo. Apertemos os nossos acicates, e, pois tudo prevenistes, deixae-me ir ver se colho essa gentil flôr dos campos.

[1] Palavras de el-rei D. Affonso IV.

Vencido o espaço que da casinha os separava, foi levemente aberta a porta por mão grosseira, e o joven cavalleiro penetrou cauteloso na moradia, ficando o mais velho, como em guarda, acoitado debaixo de um telheiro, que havia ao lado.

A casa em que entrou o mancebo era um rectangulo formado em base terrea por quatro paredes de argilla, que serviam de esteio a um tecto de telha-van. Alguns utensilios do mester de carpinteiro, uma grande ucha, uma mesa, e alguns bancos constituiam seus adornos. Cummunicava com outras duas casas, cujas portas interiores haviam sido cuidadosamente cerradas pela mão que déra accesso ao cavalleiro. Mal este foi entrado, uma velha dona lhe appareceu, e lhe disse lisongeiras palavras de saudação, concluindo por esta guisa seu venal discurso:

— Tudo se ordenou em boa maneira; a velha Maria Annes jaz dormindo; e a vossa bella Ignez, que é um anjo em formosura, em breve será comvosco, dom cavalleiro. Se esquivar-se quizer ao vosso affecto, sabereis persuadil-a, como amador ousado e nobre que sois.

E a vil Eumenides, cuja repugnante missão o leitor perceberá claramente, tendo aceitado seis bar-

budas [1] que o joven hospede lhe arrojou, retirou-se da scena, dizendo para dentro, e consummando assim o seu papel:

— Vinde, menina, minha joia ; o moço *peão* por por quem se vos abrasa o peito vos aguarda.

A este enganador reclamo, entrou no aposento o ser formoso que alli attraia o cavalleiro a taes deshoras.

Era uma singela rapariga, de meã e bem fornida estatura. Sobre o rosto de alvura fascinante, onde realçava a rosada côr de brandas faces, e o scintillar de uns olhos negros, innundados da mais terna languidez, pousavam com desdem duas camadas de cabellos acastanhados, que a simples natureza se comprazia em conservar lustrosos e levemente encaracollados. O nariz delgado e breve, tinha aquella significativa mobilidade que parece traduzir-nos os excessos da paixão ; e os labios, da côr das rosas, mostravam ter a puresa dos lyrios. O alvo seio se lhe escondia sob um grosseiro gibão de panno de Inglaterra, sobreposto a uma saia de burel, por baixo de cuja orla se descobriam uns pequeninos pés, que furtivamente denunciavam um

[1] Moedas mandadas lavrar por D. Fernando. Cada uma valia 36 reis, o que n'aquelle tempo era um dinheirão.

corpo de formas tão graciosas, que só o habil escopro de Canóva as copiara. Esta singeleza natural de seu vestir lhe redobrava o valor da formosura.

Ao encarar seu joven hospede, Ignez estremeceu visivelmente. Era aquelle o rosto que a encantava, aquelles eram os olhos que a haviam fascinado; porém, o trajar d'esse mancebo era de nobre, e o seu amador sempre ella o crêra um peão, emquanto que este vestia arnez de cavalleiro. Attonita e confusa, assomou-lhe ao rosto uma côr afogueada, e, como que arrependida de ter cedido ás suggestões da fallaz dona, chegou ainda a dar dois passos para fugir áquelle precipicio... mas não poude fugir... era já tarde... a voragem attraía-a impiedosamente... os olhares do cavalleiro tinham iman.

— Que fazeis, donzella? pois quereis fugir-me? — lhe disse elle com ternura, enleiando-lhe na cintura um dos braços. — Pois não vêdes que, vencendo a tempestade, venho a esta hora aqui só para adorar-vos? Oh! não busqueis fugir a quem ha muito é vosso!

— Por quem sois, dom cavalleiro, não tenteis manchar minha pureza; não constranjaes a mesquinha de mim.

— Não te arreceies, Ignez, que não é de caval-

leiro offender o pudor a uma dama. Escuta o que te digo. Tres mezes são andados dês que, na egreja de S. Salvador [1], pela festa da Senhora das Mercês, entre outras se achava uma donzella. No meio de tantas damas que ornavam o templo com seus trajes de arraz, de setim e de brocado, aquella sobresaía pobremente com suas vestes de grosseiro estofo, e coberta de um çurame [2] de burel. Sobresaía por duas nobres coisas — a pobreza e a formosura; uma que é dos anjos qualidade; outra que é dos mesmos anjos attributo. No meio da vastidão do templo, parecia uma divindade. Um moço cavalleiro ahi se achava, rodeado de honras e grandezas, que, por serem venaes, as despresava. Deu subito com a vista na donzella; um suave tremor lhe percorreu o corpo, e dês hi não mais teve quietação; e seu independente coração, que jámais cedera aos lampejos da belleza, ficou desde então rendido, avassalado. Nunca mais lhe saiu da mente a imagem da donzella: velando, dedicou-lhe seus pensares; dormindo consagrou-lhe os sonhos. Muitas vezes, suspirando enamorado, buscou rever essa formosa; mas esta, por ser pobre, mais que as mais

[1] Egreja que creio ainda existe em Veiros.

[2] Capote ou capa grande que cobria as demais vestes.

se recatava na singela morada da virtude. O peito do mancebo mais e mais se abrasava em amor; e como este não conhece fossos nem muralhas, nos dias consagrados ao repouso, o mesquinho amador, largando esporas e arnez de cavalleiro, e trocando sua rica jornea por um gibão de Valenciana, ia por desvairadas guizas disfarçado de peão, misturar-se á tarde com os burguezes do povoado para ter ensejo de mirar secretamente a sua bella, que então saía a folgar, como soia, em brinquedos juvenís com as moças da villa. Não lhe perdia assim uma passada, buscando encontrar com as d'ella suas vistas, e até o misero julgou não ser despresado. Mas esse affecto era mister manifestal-o livremente, longe da vigilancia do paternal carinho que incessantemente velava a linda moça. O engenhoso amor, porém, encontrou emfim um meio; perigoso, é verdade, e não legal, mas d'elle lançou mão por lhe fallecerem outros. Agora, pois, o nobre cavalleiro da egreja, o pobre peão dos folgares domingueiros, esse que em segredo se enebriava mirando o rosto da filha do burguez, eil-o aqui prostrado aos pés d'ella, confessando o seu amor.

— Pois ereis vós, senhor, aquelle guapo moço que me seguia sempre com seus olhos bellos, que

em toda a parte me apparecia, que tão occultos mimos me enviava, que ha seis dias se acercou do meu postigo e me aventou um tão lindo annel de pedraria?

—Esse eu era, meiga Ignez, esse coitado que não póde já viver sem teu affecto. E negal-o-has tu a quem tão vindo d'alma t'o dedica?

—Ah! senhor, sois um nobre cavalleiro, e eu a pobre filha de um peão que só conta por seu um nome honrado, mas que não tem joias, nem oiro nem galas...

—Mas em vez d'essas louçainhas, obra de homens, tens outras galas que só veem de cima: lindeza e virtude. E tens um coração votado a amores. E amor é tambem uma virtude divinal; coração onde ella poisa fica martyr de seus dictames. É sentir tão dado a pobres como a ricos, senão ainda mais áquelles que a estes, sentir que sobre a terra não conhece distincções. Talvez, que o cavalleiro que aqui vês altivo e senhoril seja um fructo dos caprichos d'esse affecto, que identificou, segundo as leis da natureza em terna união dois nobres seres, ante homens bem differentes, mas eguaes perante Deus. Se te fallecem haveres e cabedaes, posso d'elles abastecer-te. Se aceitares este amor

que te consagro, em vez d'esses pobres trajos que te vestem, terás saias e gibões de arraz e de velludo, fraldilhas de sarjas coloradas, pantufos e chaspins entretalhados, camaras lindamente guarnecidas, e joias de tal preço, que has de ser rival e inveja de muitas. Mais valioso, porém, que tantas galas, dar-te-hei meu amor e meus carinhos.

— Um sonho me parece o que dizeis, pois um senhor de tão grã conta póde acaso amar uma peã?

— Á fé que sim, formosa Ignez, aqui t'o juro sobre o punho d'esta espada que me cingiu el-rei D. Pedro!

— Oh! quão ditosa sou, feliz de mim! Então virei ainda a ser noiva de tão guapo cavalleiro?

— Noiva..? sel-o-has, talvez...

Vacillando ao dizer isto, o enamorado moço córou visivelmente, e escondeu a bom recado sob seu capeirão sua armadura, onde havia o que quer que fosse de terrivel. Em seguida proseguiu, incendido em amor e confiança, enlevando-se na lindeza da donzella que, posta em suave convulsão, tambem parecia extasiar-se em contemplal-o:

— Pois que n'esta morada todos jazem, e a tempestade vae mais branda, segue-me, Ignez, que nunca deplorarás o teu destino.

— Ir comvosco, senhor, e minha honra que jurei a meu pae manter sem nodoa, quando ha pouco se partiu para a lide?

— O fogo do amor não cresta a honra quando é nobre, e não prostra a mulher na perdição.

— Mas minha velha mãe, meu pae e meus irmãos, deixal-os hei de assim, sem que lhes diga onde me vou?

— Ainda hão de bemdizer por ti o seu futuro.

— Pelo que dizeis, senhor, sereis meu esposo?

Esta ingenua pergunta da donzella rasgou os seios d'alma do mancebo que se prezava de ser leal; mas o affecto que lhe o peito incendia lhe turvava a mente, onde a reflexão e a razão jaziam abafadas. Quasi louco de ternura, com voz tremula, proferiu esta resposta:

— Oh! sim, sel...o...hei, anjo de amor.

— Que grã ventura a minha! Eia, partamos!

Sofrego o joven, abraçou convulsivo sua amada, e um primeiro e demorado beijo, sellou esta promessa; porém ao largar a pobre Ignez, um acaso traidor fez com que a bella lhe descobrisse, pendente do pescoço, um pequeno escapulario negro, sobre o qual se divisava uma cruz verde que bem

podiam dizer-se a esperança e a fé trajando lucto. A donzella ao miral-a afflictiva exclamou, com voz tremente:

— Porém, que vejo eu, dom cavalleiro!... esse escapulario e essa cruz annunciam que sois...

— Um desgraçado! — concluiu o amador em tom de angustia.

— Cavalleiro de Aviz...?

— Mestre da ordem!

— O nobre infante D. João?! Oh! misera de mim! E vindes vós para enganar-me... para deshonrar uma familia inteira... vós que jurastes cumprir a vossa regra, que vos manda guardar castidade em toda a parte?! [1]

— A minha regra cruel foi feita para homens que não houvessem coração ardente. Não te arreceis, Ignez; eia, fujamos! Na estrada, por fóra da muralha, umas andas estão para te levarem a uns paços senhoris.

— Oh! não, senhor...

— Recusas?... não me amas?... és falsaria?...

— Falsaria não sou, senhor infante, mas a honra de meus paes?...

[1] Vide a regra da cavallaria da ordem militar de Aviz por Jorge Rodrigues.—Lisboa, 1631.

— Ser-lhes-ha paga. Não podes recusar, nem senhora aqui ficar do meu segredo. Mas ouve, escuta, não sentes rumor de homens ahi dentro?

— Ai! mesquinha de mim! são meus irmãos... ouviram-nos, senhor, estou perdida!

— Salva-te e salva-me... fujamos!

Ignez não resistiu. O joven Mestre de Aviz precipitado a tomou nos braços, arrebatando-a da morada e, collocando-a ante si sobre o ginete, transpoz com ella a toda a brida o espaço que os separava da estrada, seguido do seu aio fiel que o aguardava.

Ao amanhecer do novo dia, entravam na villa de Aviz umas ricas andas, suspensas em duas gordas mulas, precedidas por um velho cavalleiro que segurava a redea de um ginete. Atravez, porém, do cortinado transparente de um dos lados do vehiculo poder-se-hiam divisar o infante D. João e Ignez Pires, em cujas almas se formavam bem extraordinarias tempestades, tão bravias e enfurecidas como aquella que os rodeiara com seus lumes e trovões durante o curso da jornada.

III

HERANÇA DE FAMILIA

As represalias com que Henrique II de Castella respondia ás offensas de D. Fernando I de Portugal haviam tomado vulto á sombra da indesculpavel indolencia d'este nosso monarcha e dos seus aulicos, a ponto de, pelos annos de 1372-73, chegar grande parte do reino a ser dominio de Castella. Depois de Henrique nos haver tomado varias terras, viéra assentar seus arraiaes sobre Lisboa, e aquartelar-se no convento de S. Francisco, deixando obrar ás suas gentes toda a sorte de odios e violencias contra os nossos. E posto que o zelo e amor da independencia de alguns senhores portuguezes os levára a jun-

tar suas gentes de armas, e solicitar as ordens de el-rei, para as oppor á devastadora torrente, elle dormia rodeiado das enormes riquezas, legado de seu pae el-rei D. Pedro, e dos mentidos affagos da rainha Leonor, por cuja causa o reino estava oppresso. O pontifice Gregorio XI, porém, que ainda um anno antes separára com seu baculo os dois combatentes imperantes, de novo se apiedou do misero estado da patria de Affonso Henriques, que em epoca alguma podia haver sido mais feliz, e conseguiu applacal-os, levando-os a um tractado de paz.

Volvidas a suas terras as gentes de armas, com ellas se volvera Pero Esteves. Alegre ao avistar sua casinha, seu rosto já rugoso, parecia rejuvenescer. Ao scismar nos ternos amplexos que devia de dar-lhe a linda Ignez, nas ledas saudações de sua esposa e de seus dois filhos, que volvendo á noite das campestres lidas, com alvoroço, viriam abraçal-o e tomar-lhe a benção paternal; o nobre ancião sentia o coração pular-lhe de ledice. Mas como o coração nos mente ás vezes! Ao transpor a porta de seu lar, extranhou não topar logo ahi Ignez ou Maria Annes. Mais alguns passos deu apressurado... não viu ainda ninguem... até que assombrado, enxergou, encostada a uma arca, sua pobre mulher,

que, escondia seu rosto com as mãos e, exhalava fundos suspiros bebendo amargas lagrimas que dos olhos lhe caiam. E o honrado ancião tremeu. Arrojou para longe a bésta e o morrião, e correndo a mover um dos braços da esposa, assustado perguntou:

— Que mingua te afflige, Maria Annes? Ignez onde é?

— Nossa casa deixou!...—respondeu ella, depois de haver hesitado alguns instantes.

— Morreu... acaso?

— Não prouve tal a Deus... Ignez...

— Oh! dize-me que morreu, que jaz na egreja! — disse Pero a tremer, entrevendo já sua má ventura. Não me mates mulher... Ignez morreu!

— Não, Pero, não morreu... Ignez...

— É morta!... não me enganes, não podia deixar o nosso lar, senão para ir para o ceu, que ella era um anjo!

— Foi um anjo tentado pelo demonio!

— Desgraçado; senhor: oh! deshonrado! Quem me tira esta vida que não presta! Quem dá cabo a esta vida já sem pejo! — exclamava o triste ancião, puxando a punhados seus cabellos grisalhos e rojando-se no chão desesperado.

Maria Annes, que primeiro havia padecido o embate do golpe, e já casára sua alma com a dor, correu a ver se lhe abrandava a angustia; mas o misero emmudecido e convulsivo, lutava com um terrivel accidente. Como poude, o arrastou para uma enxerga, e ahi o velou e confortou.

Quando Gil e João, irmãos de Ignez, volveram, á noite, do trabalho, o mais velho, sentado ao pé da enxerga de seu pae, referia-lhe assim o triste caso — que o pobre ancião ouvia com essa terrivel placidez que precede as iras da vingança, e que só se desmente no olhar:

— Eram tres dias andados da partida de meu pae. Mui depois da hora de completas, fazia noite escura e tormentosa, e todos em casa jaziamos, quando nos pareceu ouvir vozes desconcertadas. Com presteza nos alevantámos, e, chegados ahi fóra, não vimos viva alma. A tocha na candeia estava accesa; a porta descerrada; e Ignez era ida! Mas, mau grado o rouquejar da tempestade, que removia tudo, escutámos, affastando-se para longe, tropel de alguns ginetes. Corremos para a rua, e só uma pobre mal trapida se ia caminho de casa a taes deshoras; e, perguntada por nós se vira alguem, de nada nos deu conta. Toda a villa alborotámos a de-

mandar Ignez, até ser sol levado... topal-a não pudemos. Porém, pela tarde d'esse dia, ao querer anoitecer, nos foi contado por uma velha pedinte, ao ouvir nossos lamentos, que um senhor de mui gran conta levára comsigo Ignez, e que, posta a bom recado n'um castello, cercada de riquezas, inda um dia havia de alevantar os seus. Não mais soubemos.

— Alevantar os seus! — clamou Pero, recobrando seu vigor — para os ir pôr na picota, expostos ás vaias dos passantes! D'ora ávante todos dirão que Pero Esteves tem uma filha barregan, sem pejo e sem pudor! — ella, que era a querida filha de sua alma, manchou o nome de seu pae; — de um pae que provára tantas vezes o amargor da mingua e da desgraça para ser homem honrado! Oh! meus filhos, que o pejo vos cubra essas faces! Deixae de apparecer perante os homens, e vingae a deshonra de meu nome. Vingança, só vingança será de hoje ávante meu pensar. E rogae vós ao céo que me eu não fine, sem que a haja levado a cabo! Mas, olhae: sabeis vós quem seja o seductor?

— Seu nome, senhor pae, não no sabemos.

— Sabel-o-hei eu para vingar-me! Mas creio me fallastes n'uma pobre, que vos fallou de Ignez: sabeis quem seja?

— Não longe d'aqui, mora.

— Quero ir vel-a!

— Agora, senhor pae, são horas mortas. Melhor fôra ámanhã.

— Hoje será; que a honra não espera, a vida passa, e eu não quero deixar-vos infamados!

Animado o misero peão por um fogo horrivel, desvairada a vista, eriçadas as cans e queimados os labios pela febre, se alevantou subito na cama; e correndo a apoderar-se de um punhal, já occidado, que pendia da parede do recinto, o mostrou a Maria Annes e seus filhos, exclamando vehemente:

— Eil-a aqui, a arma querida da vingança! Não vedes, atravez d'esta ferrugem, bem distincta a côr de sangue?... é sangue de uma vil com que o avô de meu pae tingiu a nodoa que lhe ella puzera no seu thalamo. É uma herança de nossos avoengos, que meu pae me entregou, ao ir-se para a guerra, fallando-me esta falla: — «Toma filho, o nome que te dou é pobre e honrado: se alguem alguma vez t'o deshonrar, já sabes para que serve este ferro.» E eu sei-o, bem no sei, meus tristes filhos, minha triste mulher... para derramar o sangue do meu sangue, — sangue que inda ha pouco eu tanto queria, — que inda ha pouco era puro, — e ora é turvado!

E Pero Esteves desatou n'um triste pranto, que cortava o coração. Depois, retomando vigor, e fusilando ira nos olhares, proseguiu:

— Porém o tempo some-se... e a honra não soffre tardanças. Vem, meu pobre João, vem apontar-me a pedinte que te deu a nova infame.

Maria Annes, absorta e taciturna, escutára as agitadas magoas do esposo. Vendo-o agora a sair da moradia, tentou inda embargal-o, e perguntou-lhe:

— Que fazes, Pero Esteves? mau aviso é o teu, saindo a taes deshoras.

— Vou-me ás lides da vingança!... adeus mulher!

E, seguido de seu filho, quasi louco de dôr e ira, saiu da moradia e caminhou, fendendo as trevas, o nobre e aviltado velho.

IV

O FIM D'UMA ALCAIOTA

— Ora bem vindo seja o lusco-fusco, mana, que só então te posso enxergar.

— Se eu passo negra vida a lidar dês a manhã até sol posto!

— E eu como vós, mana; por isso é de razão que agora taramellemos um nadinha. Estava estallando por te fallar: não viste hoje a vesga da Briolanja como ia toda alfanada?

— Não vi, por vida minha. Ia de gala?

— Saiu de casa cedo com seu çurame fino, sua mantilha de Avila, sáia nova de Bristol, fraldilha alva com girões entretalhados... parecia uma noiva em dia de boda.

— Devéras! Ora a mal amanhada!

— Cal'-te que ainda ahi não fica. Foi á tavolagem do azemel emborcar um quartilho de vinho e meia fogaça triga. Que perra cadella! Se souberas o que por ahi se diz!...

— Conta lá, meu amor.

— Sabes que fugiu a filha do Pero bésteiro?

— Sim, sei.

— Elle é homem bom, e a mulher é tambem boa alma... pois a coitada da moça, a Ignezinha, enamorou-se ahi não sei de quem para a levar á egreja, e vae como ahi andava outro não sei quem que a queria, que lhe andava na pista e que avesava boas dobras [1], peitou aquella grandissima alcaiota para ir desinquietar a mesquinha da moça; e d'ahi vem a outra andar agora tão vistosa.

— Pois isso é verdade?

— Tal m'o contaram, valha a verdade; mas ouvi que d'isso se gabára. E olha que se não colhem trutas a bragas enxutas; cá a gente lida a bem lidar e não lhe chegam os salarios, siquer, para comprar tres *alnas* [2] de burel para um gibão novo, agora que o trigo se vende a 15 reaes o alqueire,

[1] As de el-rei D. Pedro valiam 147 réis e tres quintos de real.

[2] Medida linear. Cada *alna* correspondia a um covado.

e o azeite a 65 reaes [1]; e ella deita tantas louçainhas, sendo a mais refinada preguiçosa cá da villa?... Deus me perdoe, mas aquella alma está no inferno.

— Maldita alcaiota! Dôr de *lavadigas* [2] a mate, já que tantas minguas tem causado. *Lidas roxas lhe caiam de cima*, que ha dois annos a esta parte tem feito abarregar quatro pobres donzellas!

— Fosse no tempo de el-rei D. Pedro, que elle lh'o dissera; que este senhor rei de agora cuida pouco da gente das terras dos senhores. Mas tempo virá, que Deus vê tudo.

— Certo que vê.

Já antes de principiar este dialogo, que se travou tres dias depois dos ultimos succedimentos que o leitor observou, entre duas mulheres da villa onde se passam as scenas principaes d'este pequeno drama, se via, não longe da porta onde ellas se achavam conversando, escondido entre as ruinas de um edificio derrocado, um homem de cincoenta annos, pensativo e silencioso, sem desfictar a vista d'uma velha casa que lhe ficava fronteira.

Ouvira elle com interesse o dialogo das duas visinhas, que similhavam muito ás dos nossos dias

[1] Preço da epoca.

[2] Era uma dôr procedida de tumores e por isso praga terrivel.

no assoalhar das coisas alheias, sem que as boas das mulheres dessem por tal; e quando elle chegára ao ponto em que o cortâmos, pareceu tomado de subita dôr, e levando as mãos á fronte, a apertou entre ellas, murmurando:

— Enganada, meu Deus! illudida por um infame! Vingança!

E apertou convulsivo o cabo do punhal.

Era Pero Esteves.

O honrado ancião, ao ver manchado seu nome, ficára quasi louco de dôr: dôres d'aquellas endoidecem; e se fôra indulgente e bom até então, agora estava mau e vingativo; não tinha perdão para ninguem. E seria isto acaso um crime? Creio não o ser. O homem que, como elle, supportou o rigor das mais revoltas tempestades sociaes para chegar no seio da pobreza e da mingua, honrado e sem labeo aos cincoenta annos, e vê, n'essa quadra em que devia ao menos no repouso do lar mastigar tranquillamente o pão mesquinho como premio de tanta lida, polluida a sua honra—patrimonio consolador dos pobres,— deve arremeçar á sociedade que assim o insulta a luva reptadora, e com ella travar luta de morte até desaffrontar-se, porque só assim poderá acabar seus poucos dias satisfeito.

Tal o sentia Pero Esteves. E intentando começar essa missão de sangue, devia, como o leão raivoso, seguir o rasto do reptil que o mordera em quanto descuidoso estava. Assim o fez.

Uma mulher mal trajada se ia caminho de casa em a noite e á hora da fuga de Ignez; no seguinte dia uma pedinte dissera a João o destino da misera; não seriam estes dois vultos uma só mulher? e, sendo-o, quem era essa e de onde sabia taes novas? Era o que cumpria averiguar. Por isto o bésteiro saira de casa, como vimos, com seu filho João, que lhe viera ensinar a morada da pedinte. Chegado ahi, por ordem de seu pae, João deixou-o, e Pero Esteves ahi passou uma friissima noite de janeiro, sem que a pedinte volvesse á pousada. Havia já quasi tres noites que elle para alli se encaminhava sem obter successo. Agora, porém, o dialogo que ouvira lhe viera explicar quem era a pobre, e como sabia o que contára a seu filho. Ainda que — o leitor viu — a missão de Briolanja não fôra tão odiosa como as duas vizinhas a julgaram; — porque ella nada mais fez do que conservar ante a donzella occulta a nobresa do *peão* que a enamorava, para que o projecto do aio do mestre sortisse o effeito que sortiu; todavia, a velha era ca-

paz de mais temerosas empresas; e se Fernão Martins a escolhera para representar o papel em que a vimos, é porque não encontrou outro meio para levar o Mestre de Aviz á presença de Ignez; e bem sabia o experiente velho que o infante não havia de violentar a donzella, e que só convencionalmente a raptaria.

Havia, pois, Pero descoberto a primeira cumplice; era mister aguardal-a. Aguardou-a. Quando toda a villa jazia, Briolanja reentrou em casa. Segundo seu costume, poz a porta na aldrava de madeira, e, depois de haver ferido fogo n'uma pedra, e accendido uma vela fixa n'um tosco castiçal, tirou da algibeira uma bolsa de ouro, que continha seis das tentadoras dobras de D. Pedro, vinte barbudas, poucos reaes e algumas *pogeias* [1], que começou a contar com tal sofreguidão, que nem percebeu que se lhe abrira a porta e tornára lentamente a fechar-se. Um vulto entrou pé ante pé e caminhou para ella, segurando-a violentamente por um braço. A velha ergueu a cabeça e viu brilhar sobre si a lamina de um punhal. Era o do besteiro — não occidado e rombo, mas puído e afiado. Briolanja juntou as mãos supplicante, e elle disse-lhe:

[1] Dinheiro quebrado em fracções para compras miudas.

— Nem chus! vil alcaiota! Conheces o foral que condemna quem como tu mette a barato a honra alheia. Se clamas, vae-te mal.

— Por Deus, homem bom, não vos intendo.

— Não juntes á infamia a hypocrisia, que de nada te vale. Venho propôr-te um contracto simples, mas horrivel. Fiz voto a Satanaz de assassinar-te: duas maneiras, porém, tenho para o fazer: ou embeber-te este ferro de um só golpe no coração; ou martyrisar-te com cruciantes dores e terriveis tratos, dando-te uma agonia longa e infernal. Mato-te da primeira sorte, se me confessares, de prompto e sem refolho, quem foi esse poderoso senhor que me roubou a minha filha por tua intervenção; padecerás o supplicio da segunda, se não o quizeres dizer.

— De força estaes louco, senhor. Não vos conheço, nem conheço vossa filha. Deixae-me por Deus.

— Attenta, odiosa mercenaria, que essa engelhada pelle presto se rompe; e vê teu julgador n'este punhal! Confessa que esse ouro que ahi tens é o preço por que vendeste o pudor de uma filha linda que eu tive!

O grupo era medonho. De um lado a virtude, desvairada pelo opprobrio, sustinha imminente o raio

vingador; do outro o crime e a torpeza, encanecidos, buscavam, na mentira, a impossivel salvação. A velha e o ancião tremiam; uma de susto e terror, outro de odio e magoa. Pero tinha segura pelos cabellos Briolanja, sobre cujo seio o punhal estava erguido. A tela do quadro eram umas negras paredes.

— Perdão! — exclamou ella ajoelhando, transida de horror — Perdão!

Pero repetiu, raivando impaciente:

— Confessa quem foi o vil, que a vida que vive n'este corpo é curta e a vingança ha de ser longa.

— Nada sei, senhor. Deixae-me pela Senhora de *Mil-um*, que veneraes [1].

O velho encarou-a com impassibilidade feroz. O rosto da falsa pedinte era medonho, contrahido pela afflição.

— Vou deixar-te — respondeu o bésteiro, com voz sumida, rojando no chão o corpo da velha, e espesinhando-o. Confessa, vil, que deshonraste Ignez Pires e que aviltaste os seus!

[1] O sr. José Martiniano da Silva Vieira asseverou-me ser tradição em Veiros que Pero Esteves tinha grande devoção pela Senhora de *Mil-um*, Senhora que sendo invocada contra mouros ficava de cada mil, um.

Briolanja fez um esforço para erguer-se, e exclamou, banhada em lagrimas:

— Mas não me haveis de assassinar...

— Deixar de assassinar-te, oh! isso não, que tu sem dóm e espedaçaste o coração: se, porém, confessares quem é o infame, terás mais breve o supplicio — retorquiu elle, levantando-a de novo pelos cabellos.

— Perdão! — disse a velha outra vez, erguendo as mãos. Enganei vossa filha, mas não quiz desgraçal-a; foi para a entregar a um cavalleiro que muito a amava, e a quem ella queria tambem... Mas perdão, senhor.

— E quem era o cavalleiro?

— Seu nome não no sei!

— Hei de eu sabel-o — concluiu Pero, cravando o punhal junto ao coração da sua victima. Perdeste minha filha, malvada! Tornaste-a barregan!... Ignez Pires barregan, e eu seu pae! oh! é falso!... Quem era o cavalleiro? dize...

— Era... o mestre de Aviz... Meu Deus! valei-me!... clamou Briolanja com voz sumida caindo no chão, contraindo os musculos e lançando o sangue a golfadas pela fenda aberta pelo ferro.

— O Mestre de Aviz? é impossivel. Tu mentes, mulher... isso é mentira!

— O Mestre... Jesus... que me mataram!...

Foram as derradeiras palavras da promotora da desgraça do bésteiro.

Pero Esteves assistiu indifferente aos ultimos paroxismos da agonia da velha; e, depois de um instante de mudez, tremeu, reflectindo no seu crime, e disse para si estas palavras, que bem patenteiam a desvairada situação do seu animo:

— Pero, és um vil assassino!... e... és pae de uma barregan!... És um infame sem vergonha e sem honra!

Depois, fitando o cadaver, exclamou:

— E foi este o negro instrumento da minha perdição! Hei de vingar-me!...

Removeu o corpo com o pé, escarrou-lhe e saiu espavorido d'alli, segurando o punhal ensanguentado, e proferindo estas palavras:

— O Mestre... assassinar o Mestre!

Na manhã seguinte, foi encontrado pela visinhança o cadaver de Briolanja com o ouro espalhado em torno de si, e com a mão collada com sangue á ferida. Ninguem suspeitou, siquer, que podiam haver assassinado a velha; porque não se acreditava que lhe poupassem o ouro arriscando-se a matal-a. Algumas das visinhas, que conheciam a avareza e ve-

nalidade da triste alcaiota, eram capazes de jurar sobre a hostia em como a velha era a imagem de Judas que se suicidára pelo remorso de haver vendido, não a vida do Filho de Deus, mas a pureza de alguns anjos.

V

ESPINHOS DO AMOR

Quasi dois annos são andados desde os successos ultimos. O sol nascente, ornado de todas suas pompas, enfeita de ouro e purpura as creações da natureza, e vem reflectir-se nas coloridas vidraças das esguias janellas do castello de Aviz. Ahi, no interior de uma nobre sala, cujo pavimento assim como o tecto são feitos de excellente til, se vêem sentados em duas bordadas *estadellas* [1], junto de um bofete, sobre o qual está um lindo tinteiro de prata com seus *estillos* [2] e algumas folhas de per-

[1] Cadeira nobre de braços.

[2] Penna de ferro com que então se escrevia.

gaminho, — duas interessantes creaturas. Um esvelto moço cavalleiro, cuja physionomia altiva e distincta assegura que não lhe foi injustamente confiada a espada que lhe pende da cinta; e uma joven, cujos trajos de seda e brocado se ageitam primorosamente ao seu airoso corpo. Pelas faces coloridas de rubor, lhe deslisa, furtiva, indiscreta lagrima, que, mau grado seu, denuncia a magoa que, no meio de tanto amor e felicidade, lhe vae n'alma.

— Ainda prantos, Ignez?... — lhe diz o cavalleiro, beijando-a na face, e haurindo-lhe, soffrego, a acre lagrima. — Pois não bastam dois annos de amor desvelado, de affagos e carinhos para te seccarem as lagrimas? Que magoas pode ter quem tanto ama e tão amada é? Falta-te acaso algum mimo, algum cuidado? Não vês que és tu o sol que aquece esta alma? o archanjo que me vela n'este mundo? a dama por quem o pobre cavalleiro desceria ás mais perigosas estacadas a romper cotas e arnezes, a quebrar lanças e espadas? Que, pois te falta? Dize, falla, que o filho de D. Pedro I fará por Ignez Pires o que seu pae obrou por Ignez de Castro; se essas são rivaes em formosura, seus amadores serão rivaes em extremos de paixão! — Além de um tal amador que mais te falta?

—Falta-me... um esposo, senhor, para ser aventurada! — respondeu a moça, envolvendo a fronte na capa do joven cavalleiro.

—Esposo!... sempre esse titulo terrivel a turbar-te o socego d'alma,—a passar como um phantasma ameaçador na tua mente!

—Não é por o titulo, senhor,— que vós sois para mim mais que esposo; é por vêr a triste mingua dos meus,—por ver que meu misero pae e minha santa mãe, a quem a vergonha definha lentamente, se finarão de angustia ao saber que Ignez, sua filha innocente e estremecida, traz em seu seio o criminado fructo de um amor sem esperança!

—Sem esperança?—Pois não esperas no futuro? Não confias n'aquelle sonho de meu nobre pae, em que se lhe afigurou ver abrasar-se Portugal n'um fogo ardente, e vir um seu filho João com uma vara extinguil-o [1]?—Esse filho, que elle cria havia de montar mui alto, Ignez, sel-o-hei eu: um sentir que n'alma sinto m'o dá por fé, e me annuncia que hei de ainda cingir uma corôa e empunhar um sceptro para salvar este solo de um extranho jugo.—Ao presente, a ti nada te falta; os teus hão de ser bem amparados—eu t'o fio; e se não possuem já os

[1] Historico.

haveres que lhes offertei, devem-no á sua louca pertinacia. Mas quero ainda tentar uma vez o allivio de seus males; e serás tu que, escrevendo a tua mãe, — pois que teu honrado pae não cede a vêr-te, lhe has de rogar que aceite meus presentes. — Traça ahi sobre um d'esses pergaminhos as lettras que tu'alma te dictar, e invoca o doce amor de tua mãe para que hajam de affastar de si a negra persuasão de que tu és uma mulher refece.—Eu serei portador d'essa mensagem, e juntando aos teus meus fervorosos rogos, talvez que bem asinha consigamos arrancar teu velho pae e tua mãe á triste ideia que os martyrisa.

Ignez apressou-se em escrever o que lhe dictava a consciencia.—Resava o escripto assim:

« Meu senhor pae, minha senhora mãe.— Ha tres annos vós havieis uma filha pura e innocente na alma e no corpo. Veio o fogo da paixão incender-lhe o peito, e a innocencia do corpo queimou-se na fogueira. A alma, porém, ficou-lhe pura; e a misera espera resgatar ainda um dia perante os homens, com actos religiosos, e perante Deus com lagrimas e preces, o bem perdido com esse erro. Ignez Pires era moça,— tinha um coração sensivel e amou; eis o seu crime: vós que tanto vos amastes e a

amastes tambem, apiedae-vos d'ella,— perdoae-lhe esse crime e dae-lhe a vossa benção paternal.»

A filha do bésteiro, ao escrever isto, soluçava e arfava-lhe o lindo seio, onde se agitava o primeiro fructo de seu terno affecto. Dobrou o pergaminho, e depôl-o nas mãos do seu amador, que, dando-lhe na face um beijo, a confortou d'esta maneira:

— Não te carpas, Ignez, que espero lançar-te presto nos braços de teus paes. Vê que por teu amôr e tua honra vae o Mestre de Aviz — o filho de reis — o cavalleiro altivo e orgulhoso, prostrar-se aos pés de um pobre lavrador de suas terras — de um peão ignorado. Anjo, assocega-te.

Não era o Mestre de negar o que devia. Despediu-se da sua terna amante, e, montando seu ginete, acompanhado de seu aio,— partiu-se a longa brida pela estrada que de Aviz seguia a Veiros.

VI

PROTOTYPO DA HONRADEZ

Era ao descair da tarde. O sol afogueava as nuvens que se oppunham á passagem de seus raios, e essa côr quasi de sangue vinha banhar o dorso das montanhas, e reflectir-se nas comas dos arvoredos. O bulicio das lidas campesinas havia cessado, e raro era ver algum ente racional pelas planicies, a não ser o pegureiro acoutado no cavado de algum tronco velando o seu rebanho. No meio, porém, d'esta quasi solidão, jazia encostado a um rustico penedo, á borda de uma estrada, um ser provecto. Pela immobilidade do corpo julgal-o-hia, quem n'o visse embevecido na mais tacita tranquillidade, e,

apesar d'essa enganosa apparencia, que de tormentas lhe alborotavam o animo! Povoavam-lhe a cabeça alvissimas cans; e mal poderiam definir-se-lhe as feições atravez da espessa barba que lhe encobria o rosto, e vinha pousar-lhe no peito. N'esses cabellos reluzia mais que o brilho natural—era o das lagrimas. Dir-se-hiam aquellas alvejantes barbas as messes da honra offendidas pelo furacão da desgraça, e as lagrimas o orvalho consolador que em vão tentava fazel-as reverdecer.

Junto de si o alquebrado ancião tinha o arco de uma bésta com algumas garruchas, e pensava comsigo:

—Ha tres annos ainda eu era Pero Esteves, um dos homens honrados da minha bôa villa, que todos veneravam e estimavam; agora sou o louco,—o barbarrão—o pae da barregan, a quem se apupa e cobre de vaias e insultos! Oh! mas em quanto esse sol que vae fugindo me allumiar estas escarnecidas barbas, hei de vingar a affronta de meu nome.—Vingança, Pero Esteves, e depois... que venha a morte... tu nunca a arreceaste. Antes os vis espectros dos que te insultaram a honra te peçam ontas no paiz dos mortos pelo seu sangue derramado,—que sobre a tua sepultura possam os vindouros escrever a palavra—«infamia!»

Ficou absorto um instante, e após, limpando as lagrimas com a manga do pellote, proseguiu:

—Elle... ha de aqui passar, ou tarde ou cedo, se me não enganaram as minhas averiguações.—Oxalá que a pontaria me não falhe... e me colham depois para degolar-me!...

Pensando n'isto, o ancião pareceu assocegar-se.

A noite vinha a cerrar-se lentamente quando Pero viu ao longe uns cavalleiros, e, depois de os haver fictado attencioso, se escondeu por detrás do penedo.

Approximaram-se estes. O bésteiro retesou o arco, assestou a garrucha, fictou na pontaria o mais moço, e despediu o ferro.

Desvairado pela angustia, o misero velho julgava livrar-se de uma affronta, commettendo um crime. Fizera este proposito, e dois annos de lagrimas e angustias não haviam sido bastantes para desvial-o d'elle. Por caminhos escusos embuscado, seguia como uma sombra de morte o joven cavalleiro, e só agora consummára seu designio;—consummára-o na acção, não no effeito. Crendo-se desaffrontado, e ambicionando a morte, largou a arma, ergueu-se energico sobre o penedo, e, com a lealdade natural do seu caracter, exclamou:

—O assassino fui eu... tirem-me a vida!

Tinha errado a pontaria. Os cavalleiros tão entretidos iam conversando e mirando as variegadas côres crepusculares, que a garrucha da bésta lhes passara zumbindo por detrás, e nem deram por tal. Attentando, porém, no velho que ficou enleiado ao ver são e salvo o amador de sua filha, — o Mestre de Aviz reconheceu logo Pero, — que depois de se ver ennodoado levára o desgosto a ponto de não mais fazer a barba, e deixal-a creser de tal maneira, que o povo começava de chamar-lhe — o barbarrão; — e caminhou para elle, dizendo-lhe com sua usual galanteria:

— Não havemos de já acabar com esta melancholia [1]?

Ao que elle respondeu com firmeza:

— Sim, quando eu acabar comvosco [2]!

— Ora, deixae-vos d'essas desvairadas idéas, Pero Esteves, e pensae como homem são e assisado que sois. Alegra-me o ver que tanto assim presaes a vossa honra; mas deveis de perdoar as loucuras juvenis.

— Perdoar loucuras juvenis, dizeis vós, senhor infante?... Como pode um homem bom perdoal-as, d'essas que lhe sujam a honra que era o seu unico

[1] É Textual esta phrase, unica que a tradição conserva desta lenda.
[2] Textual.

haver, — a herança dos seus? Se foreis pae de uma filha innocentinha, presarieis vel-a abarregada e infamada? Soffrerieis que ao passardes pela rua vos apontassem com o dedo como infame? Oh! senhor infante, o Mestre de Aviz nunca devia de assim perjurar aos santos juramentos feitos ao tomar o habito da ordem. «Como cavalheiro, — jurastes vós — defenderei a religião catholica na guerra; como religioso exercitarei a caridade na paz e guardarei castidade em toda a parte!» Boa religião, boa caridade e castidade que vos faz roubar o socego a uma familia, — illudir uma pobre moça insciente, e matar de dor um pobre velho. Oh! nobre Mestre de Aviz, sois um... impio!...

— Cala-te, homem, recupera a razão, abranda a magoa que te cega o espirito, e ouve o que te digo: — Eu amava com ardor e firmeza tua filha, e esse ardor turbou-me a mente; tu que amaste tambem, avalia quanto pode esse sentir n'um peito de homem. — Podia violental-a, aviltal-a, porque era poderoso senhor, e não o fiz por ser amador sincero e cavalleiro leal. Ella amava-me tambem. — Propuz-lhe a fuga, e resistiu; offereci-lhe valores, não a cegaram; porque a virtude de tua filha era tão austera como a dos seus. — Pometti-lhe mais que

amôr... a mão de esposo, e só assim me seguiu. Hoje sou Mestre de Aviz; mas o futuro ha de collocar-me em logar mais elevado — em Deus o espero — onde então possa reparar a affronta que te fiz; e o santo padre, concedendo-me um breve de dispensa, deixar-me-ha dar a Ignez a mão de esposo. — Se t'o eu prometter, estás satisfeito?

— Satisfeito, senhor, só ficarei ao vel-o; que é facil quebrar-se a fé de um cavalleiro; e d'aqui até lá o labéo me irá cavando a cova.

— Tem mais confiança em Deus; e perdôa a tua filha.

— A ella perdoarei; mas a vós...

— Has de vir abraçal-a ao castello em que jaz; consentes?...

— Quando fôr vossa mulher á face do altar.

O infante não insistiu, por ver tão nobre austeridade de caracter. Resolvendo tentar mais algum meio para leval-o a aceitar suas offertas, deixou o barbarrão. — O velho alimpou as lagrimas, e seguiu caminho da villa. A magoa, porém, com quanto se abrandasse, não se dissipava em sua alma. Apesar da esperança vaga de uma tardia reparação, — da affronta já ninguem o libertava.

D'ahi a alguns dias, Maria Annes e seus filhos abraçavam Ignez Pires. Seu pae é que não cedeu

a rogo algum. E passados poucos mezes, a filha de Pero Esteves dava á vida um lindo menino, primeiro fructo de seus amores com o Mestre de Aviz. — Nascia n'elle o primeiro duque de Bragança. Amparados Maria Annes e seus filhos pelo Mestre, foram a pouco e pouco acostumando-se á sua situação, e lançando no olvido as passadas desgraças.

O bésteiro é que a nada se dobrou. O experiente velho sabia como as transformações sociaes fazem esquecer aos homens seus passados erros. Annos depois, o Mestre de Aviz era acclamado rei, e as conveniencias politicas que elle, como esperto estadista, tanto respeitava, faziam-no trocar o anne de noivado com a nobre Dona Philippa, filha do duque de Lencastre.

Todavia, deu á sua sincera amante a possivel reparação. Nomeou-a commendadeira do mosteiro de Santos em Lisboa — uma das maiores dignidades das senhoras nobres de então, que, fugindo ao mundo, iam, na casta reclusão do claustro, dedicar-se com fervor á penitencia e á oração. Aos seus cubriu-os de honras e mercês, conferindo-lhes a posse de alguns bens terrenos.

Quem não participou d'esses presentes foi Pero

Esteves. O honrado velho, vendo perdida a esperança de uma reparação, em que nunca acreditára, perdeu a rasão, e deixou definhar a pouco e pouco aquelle martyr corpo. Nos ultimos annos de sua mal arrastada vida fugia aos homens, buscava os logares solitarios, recusava o alimento, e meditava a sós comsigo em sua desventura, impetrando da senhora de *Mil-um*, que muito venerava, o termo da existencia. As alvas e honradas barbas chegavam-lhe á cintura, e a vida escoava-se-lhe lenta no meio de crueis torturas. Os homens assisados, ao vêl-o passar meditabundo e embranquecido, murmuravam:

— Ahi vae o barbarrão; — venerae-lhe aquellas cans.

Ao expirar do seculo XIV terminou o infeliz martyr da honra a sua carreira mundana, e começou a viver para a posteridade. Jaz na egreja de Veiros, para eterna gloria dos seus, que muito lhe veneram a memoria.

AGONIAS OBSCURAS

POR

PINHEIRO CHAGAS

AGONIAS OBSCURAS

I

Era uma casa humida e sombria, pobre de agasalho, rica de tristezas e de desconforto. A chuva caía por entre as fendas do tecto, e a janella sem vidros abria franca passagem ao vento, que entrava assoviando insolentemente, como se viesse lançar o ultimo insulto ás faces dos desgraçados.

É noite de janeiro, negra como o desalento, e triste como a soledade. Ao pé de um berço pobre e quasi nú de roupas, está ajoelhada uma mulher joven e bella... bella se a belleza não traz comsigo a idéa de felicidade, bella se ha belleza n'umas faces emmagrecidas, n'uns olhos encovados, n'uns

labios pallidos e tremulos, n'um rosto em que o infortunio estampou o cunho indelevel e magestoso do martyrio. Anjos extraviados nas trevas da desventura, anjos pela virtude, mulheres pelo sentimento, pobre d'aquelle a quem não deslumbra mais o vosso rosto empallidecido pela vigilia do trabalho, do que o rosto das outras enrubescido pelo esplendor do baile.

— Pobre anjinho, dizia ella com o olhar desvairado, e embalando o berço junto ao qual ajoelhára; porque me deixaste tão cedo? Já sabias que no mundo se soffria tanto? Estendeste as mãosinhas, e logo encontraste espinhos, que depois te haviam de rasgar o coração! Eram os anjos que te chamavam! Os teus olhos, deslumbrados com a luz dos céos, tiveram medo das trevas d'esta vida! Oh! se eu podesse morrer tambem! A morte é a consolação, porque a morte é o esquecimento! Se eu pudesse esquecer! Como tu és feliz ao pé de Deus! Deus! Oh! pede-lhe que me leve para si! Dize-lhe o que tua mãe soffre! Dize-lhe que tenho tres filhos nas garras da miseria, e um marido... nas garras... da deshonra! Faz tanto frio aqui! Ha mais calor no sepulchro! No sepulchro ha o nada, ha a soledade, ha as trevas, ha os vermes, mas não ha o verme da

miseria, que me roe o coração, nem as trevas do infortunio, onde não brilha nem uma luz de esperança.

E a pobre mãe rompeu n'um choro convulso e silencioso que fazia horror. Lá fóra só se ouvia o sibillar do vento, o monotono ruido da chuva, e de vez em quando a tremenda voz da trovoada.

— E tu deixaste-me, filho! Oh! como eu soffro! Alegrava-me quando me sorrias, e esquecia-me dos tormentos da existencia, se te via suspenso do meu seio, ou se contemplava em teus olhos o puro azul dos céos! E morreres assim ao desamparo! A febre a devorar-te, e eu sem poder afugentar o demonio invisivel que te escaldava as entranhas! E tu soffrias e sorrias-te! Tinhas a innocencia do anjo, e já possuias a resignação do martyr! Pobre creança! Sem agasalho, sem mimos! Se as caricias e o immenso amor salvassem, oh! tinha-te eu salvo! Mas não! O teu corpinho, que escaldava, esfriou subitamente; nos olhos, que me fitavam, apagou-se a luz; chamei-te e não me ouviste, affaguei-te e não me sorriste; beijei-te, quiz insufflar-te a vida, collando a minha boca á tua, e ficaste frio, inerte, e gelado! Roubaram-me o meu filho! Roubaram-me o meu filho! Mataram-m'o! Deixaram-n'o morrer de fome! Miseraveis! Meu filho! Meu filho!

E, n'um paroxismo de dôr, a joven mãe caiu ao pé do berço, gemendo e arrancando do peito soluços dilacerantes.

A um canto do quarto dormiam tres creanças, pallidas, magras, cadavericas; o sopro da desgraça tinha passado por ellas, e tinha-lhes desbotado as rosas da saude; nos labios descorados apagara-se o sorriso, e a voz, que ia a erguer o cantico infantil, terminava pedindo o pão da caridade.

Infancia e fome! Que monstruosa reunião de palavras! A aurora a fulgurar nos abysmos do infortunio; os effluvios da innocencia a rescenderem das palmas do martyrio; o roseo botão, afogado em abrolhos, quando vinha a despontar ridente, sem ar, sem luz, sem viço, sem os beijos da brisa, nem as caricias do sol da primavera, tendo nas lagrimas o orvalho, o perfume na desventura, o alegrete no leito da miseria.

Os soluços da juvenil mulher acordaram uma das creanças, que se levantou da enxerga, e veio a chorar para junto do berço.

— Ó minha mãe, tenho fome, balbuciou a innocentinha; queria pão.

— Deixa-me, bradou asperamente a mãe, quasi louca de desespero; não tenho que te dar.

E como a creança, espantada da insolita aspereza, se retirava lavada em lagrimas, a pobre mãe agarrou-a, e, apertando-a ao peito, e beijando-a, e affagando-a, disse-lhe entre soluços:

— Não te zangues commigo, filha! Olha, vês? a desgraça torna a gente má. Tens fome, pobre anjinho? O sopro da miseria estancou as fontes da vida no meu seio. Queres o meu sangue? Rasga-me as veias, mata-me, se a minha agonia póde prolongar um instante só as horas da tua existencia, filha!

N'este momento abriu-se a porta, e um homem appareceu no limiar. Trazia um capote, em que se embrulhava, ensopado em agua, e as abas do chapéo tinham-se transformado em depositos de chuva.

— Bons dias, Mariquinhas, bradou elle entrando e dirigindo-se á infeliz mãe, como querendo-a abraçar.

Ella recuou, e disse-lhe friamente, com um sorriso de ironia a volteiar-lhe nos labios:

— Tu por aqui! Julguei que tinhas morrido!

— Tenho tido que fazer; mas creio que tu e os pequenos teem passado bem?

— Perfeitamente, como sempre se passa n'esta casa!

Succedeu a estas palavras o silencio de alguns instantes. Rompeu-o o recemchegado.

— Ó Mariquinhas, disse elle, tu não tens por ahi algum dinheiro? eu precisava muito de...

— Pede á vontade! Bem sabes que o cofre é inexgotavel!

— Estás com um tom de zombaria! Estranho-te Mariquinhas!

— Oh! por amor de Deus! A escrava atrever-se a zombar do seu senhor e amo, que lhe faz a honra de lhe conceder uma entrevista de alguns instantes, instantes preciosos roubados aos seus amigos, que o esperam impacientes? Eu devo beijar o chão que pizas, Adolpho! Pois não devo agradecer a preferencia, que me concedes, sempre que precisas de dinheiro! Para alguma coisa te has de lembrar de que sou tua mulher. Que te importa o saberes, se eu, doente ha oito dias, tive de vender ou de empenhar tudo o que valia alguma coisa n'esta casa para satisfazer as primeiras necessidades d'estas creanças, que as minhas não as satisfaço... illudo-as! Que te importa o saberes se, ardendo em febre, me levantei do leito da miseria, para acudir ao meu pobre filho que me ia morrer nos braços! Pobre creança! teve por medico e por enfermeiro uma mulher devorada pela doença, prostrada pelo desalento! Morreu ao desamparo! Que te importa isso a ti? Fu-

tilidades, ninharias! Na alta esphera, em que vives, não te dignasa baixar os olhos para os mesquinhos interesses d'este mundo! Anda, vil escrava, depõe o tributo aos pés do teu senhor, e não soltes um só queixume, porque podes incommodar os ouvidos do sultão!

— Minha senhora, tornou Adolpho com os labios tremulos de colera, veja o que diz.

— Porque não me bates, Adolpho? Não sou eu uma coisa que te pertence? É verdade, ainda não encontraste comprador para mim? Sou ainda bella bastante para merecer a algum dos teus amigos um punhado de libras, que tu vás apanhar de rastos á lama aonde t'as atirarem? Quando chega o meu novo proprietario? Dize-lhe que se apresse, senão quer encontrar um cadaver. Cadaver! Olha, alli tens o de teu filho, continuou Mariquinhas, agarrando-lhe na mão, e levando-o até junto do berço, foste tu que o mataste, miseravel! Que miras tão attento? As roupas que o envolvem? Ainda lhes achas algum valor? Ah! continuou ella rindo convulsamente e fincando os dentes com uma expressão de raiva indescriptivel, não tenhas receio, anda, vae vender a mortalha de teu filho, e vae jogal-a, infame!

II

— Vae a noite tormentosa, Alberto? Historias, homem! Isto de tempestades é uma peta que os autores dramaticos inventaram! Não ha relampagos e trovões senão no *Rigoletto* e no *Roberto do diabo*, com acompanhamento d'orchestra. Eu cá vejo a natureza atravez de um copo de vinho de Champagne, passo a observal-a atravez de um copo de vinho do Porto, e termino finalmente servindo-me, para o mesmo fim, de um copinho de cognac, e vejo-a sempre côr de rosa. Quem diz o contrario é algum misanthropo, que tem feito tanto mal á humanidade como o *oidium tuckery*. Isto de chuva foi inventado

por um hydropatha, que nunca tinha bebido senão agua fresca. Rapaz, salta uma garrafa de cognac. Que diabo de mania tem aquelle candieiro de gaz da esquina, que está dançando a polka de braço dado com uma patrulha da guarda municipal? Hei de me queixar á excellentissima camara! A companhia do gaz sae dos limites. Os candieiros dançantes são prohibidos. Não é verdade, ó Eduardo? Ha um artigo na carta constitucional que prohibe a dança dos candieiros, sim senhor, e a accumulação de empregos. Bem sei o que digo. Eu não estou bebedo. Sou eleitor da minha freguezia; e retiro o mandato a todo o deputado, que não fizer passar na camara um projecto de lei, abolindo a dança dos candieiros. Á urna, amigos! Proclamem-me dictador, que vou fazer reformas. Prohibe-se o uso da agua fria no reino de Portugal e ilhas adjacentes. Fica revogada toda a legislação em contrario.

Estas palavras eram pronunciadas n'um dos gabinetes reservados do Café Central por um rapaz em visivel estado de embriaguez, de casaco desabotoado, chapéo deitado para traz, e rosto illuminado pelos clarões da orgia. Á roda da mesa, semeada dos restos d'uma ceia, e ornada com uma formidavel bateria de garrafas, sentavam-se outros rapazes, que,

ainda que não tão embriagados como o que primeiro apresentámos em scena, mostravam comtudo visiveis tendencias para serem fieis observadores do decreto extravagante, que o seu companheiro queria promulgar.

— Este diabo do Frederico, tornou rindo um dos convivas, tem a bebedeira pittoresca. Vae buscar a inspiração no fundo das garrafas. Cada copo que despeja dá em resultado uma dissertação profunda como a que elle agora nos apresentou. Venha mais! Salta um prato de paradoxos! Queres absyntho, Musset? Queres um craneo humano para beber vinho do Porto, ó Byron portuguez?

— Não, tornou o interpellado com dignidade, basta um copo de quartilho.

— Bebe pela garrafa, bradou immediatamente uma voz.

— Um monumento ao auctor da idéa! Quero fazel-o conhecer á posteridade. Proclamo-o benemerito da patria. Não se apresenta? Pois bem, lá vae á saude do generoso desconhecido, que preferiu ás ovações dos seus concidadãos as doçuras da obscuridade. Disse.

— Basta de palavriado, bradou um dos convivas cujos olhos encovados, e fogo sombrio do olhar de-

nunciavam o homem devorado pela terrivel paixão do jogo. Começa-se o monte ou não?

— Espera pelo Adolpho.

— Leve o diabo estes paes de familia, que sáem no melhor da festa, para irem discutir em casa com a mulher uma verba do orçamento domestico. Quem tem mulher e filhos joga o burro com a esposa, o gamão com um tio padre, e não se mette em folias de rapazes. Não esperem por elle tão cedo; está a fazer o rol da roupa, e a embalar o menino mais novo. Diabos o levem!

— Ahi vem elle.

Sentiram-se com effeito passos apressados, e Adolpho, pallido e transtornado, appareceu no limiar da porta.

— Bravo, sô Adolpho, bem apparecido seja, salta dinheiro e vamos jogar.

Adolpho passou pela testa humida a mão tremula e gelada, e respondeu, com um tom de voz pausado e triste:

— Eu não venho jogar, meus senhores, venho pedir esmola.

III

Estas simples palavras fizeram correr um calefrio pelas veias dos circumstantes.

Frederico, que ia levar o copo á bocca, deixou descair o braço vagarosamente, e olhou para Adolpho com um modo espantado.

Lembram-se d'aquella magnifica scena da Lucrecia Borgia, em que os fidalgos venezianos, ebrios de vinho e de amor, vêem, na hora em que a orgia chega ao delirio, esmorecer a pouco e pouco a luz dos candelabros, ouvem no meio da canção bachica as notas lugubres de um officio de defunctos, que lhes sôa aos ouvidos como um do-

bre funebre no meio das harmonias da festa, e sentem finalmente, elles, os bravos que tinham affrontado mil vezes a morte nos campos de batalha, um vago e mysterioso terror, que os arroja prostrados pelo desalento aos pés d'esse demonio da Italia, personalisação monstruosa d'um seculo pervertido?

Pois assim ficaram os nossos convivas, ha pouco tão alegres, ao escutarem as tristes palavras do marido de Mariquinhas.

— « Meus senhores, disse este sentando-se e tirando o chapéo e a capa, vou-lhes contar uma historia terrivel. Se o tom d'essa historia afinar mal com o tom alegre de uma reunião, como a sua, desculpem-me, ou antes desprezem-me, zombem de mim, cuspam-me nas faces, que eu aceitarei resignado a injuria, que não será para mim senão o começo de uma longa expiação.

« Quando fui a casa buscar dinheiro, encontrei minha mulher louca de dor, meus filhos quasi mortos de fome, e um d'elles morto ao desamparo.

« Tal foi o espectaculo que se me deparou a mim, reprovado de Deus, que, em vez de levar a essa pobre casa a alegria e o consolo, ia pelo con-

trario tornar mais pungentes as tristezas, fazer trasbordar a taça da amargura, que minha pobre mulher tem bebido com resignação.

— « Não ha dinheiro para enterrar teu filho; disse-me ella com modo sombrio.

— « Não tem dúvida, respondi friamente; eu me encarrego d'isso.

« Tomei nos braços o cadaver da pobre creança, escondi-a debaixo da capa, e parti.

« As ruas estavam desertas; não se ouvia um só ruido que não fosse o cair da chuva nas lages dos passeios, e a bulha do meu passo, que eccoava lugubremente, quando atravessava algum largo, onde os muros collocados a maior distancia podiam reflectir o som.

« A pouco e pouco, a solidão das praças e das ruas, o mysterioso pavor, que envolvem em si as sombras de uma noite tempestuosa, começaram a exercer em mim uma influencia extraordinaria. Principiou o coração a bater-me apressado, as fontes latejaram com violencia, e senti que uma febre desconhecida se apoderava de mim. Visões terriveis passaram como relampagos ante os olhos do meu espirito, e comecei a vêr, como n'uma lanterna magica interior, desenrolar-se lentamente

a meus olhos o quadro medonho do meu viver passado.

« Vi minha mulher com toda a frescura da mocidade e da belleza, quando eu, fallando-lhe de amor, a fui tirar do ninho maternal com promessas de protecção e de affecto, promessas que tão mal cumpri.

« Vi-a depois pallida, magra, quasi morta de trabalho, reunindo a muito custo a diminuta somma, que devia pagar o aluguel da mesquinha agua-furtada, que apenas nos abrigava, e vi-me a mim, abutre insaciavel, caindo sobre a presa, dissipando em alguns minutos de orgia o fructo de tantas noites de vigilia, de tantas lagrimas derramadas, de tantos soffrimentos devorados em silencio.

« Então tive medo, medo da minha consciencia, medo do Juiz Supremo. Pareceu-me que o cadaver, que levava nos braços, se erguia para me lançar a maldição. Olhei para trás receioso, e a minha sombra, que se estendia immensa no chão da rua, projectada pelos clarões do gaz, pareceu-me a sombra do remorso, que se collava incessantemente a mim, e que me havia de perseguir até á sepultura.

« Finalmente cheguei á igreja da Misericordia. Entrei; o templo estava deserto; deserto e som-

brio; depuz a um canto o cadaver de meu filho, e involuntariamente ajoelhei ao pé d'elle. A amplidão do templo, que ainda augmentavam as trevas da noite, fez-me frio; frio e pavor. As figuras dos quadros, diante dos quaes bruxuleava a luz de uma lampada, entrevistas apezar d'isso n'uma vaga penumbra, pareciam destacar-se da tela, e estender para mim braços ameaçadores.

« Fugi.

« Cedendo a um terror extraordinario, quanto mais corria, mais esse terror augmentava. Comtudo ás vezes tinha tentações de voltar atrás, de ir beijar o cadaver de meu filho, de o inundar com as lagrimas do meu arrependimento, e de pedir a esse anjo, recemnascido para o céo, que intercedesse por mim aos pés do throno do Omnipotente.

— E agora, continuou levantando-se, pegando no chapéo, e estendendo-o para os convivas com a humildade de um pedinte; agora venho dizer-lhes: « Meus senhores, minha mulher e meus filhos morrem de fome. Uma esmola para salvar aquelles desgraçados. Por alma de teu pae, Frederico; pela saude de tua mãe, Alberto; pela boa sorte de tua irmã, Eduardo; por amor de Deus, meus senhores!

Todas as bolsas se despejaram; todos os convivas, em quem esta scena tinha dissipado os vapores do vinho, levantaram-se silenciosamente, e vieram a um e um deitar o dinheiro, que tinham, dentro do chapéo de Adolpho, e depois, sem se consultarem sequer com o olhar, sairam no mesmo silencio.

Adolpho, de cabeça curvada, de braços pendentes, nem forças tivera para agradecer; sómente d'aquelles olhos, que nunca tinham chorado, duas lagrimas de reconhecimento se desprenderam e cairam pelas faces frias e descoradas. Aquellas lagrimas diziam tudo.

Quando saiu o ultimo conviva, Adolpho pegou no chapéo, e, de cabeça descoberta, sem se importar com a chuva que continuava a cair em torrentes, foi n'um pulo até casa. Entrou, e, chegando ao pé de Mariquinhas, que, sentada com a cabeça entre as mãos, nem dava accordo de si, lançou-lhe o dinheiro no collo.

Ella olhou para elle espantada.

— Foi ganho com honra, disse Adolpho gravemente; esse dinheiro é o obolo da caridade. Pedi-o com os olhos no chão e com o remorso gravado nas feições. Deus me leve em conta esta humilha-

ção! Não te peço que me perdões, Mariquinhas. De hoje em diante serei eu quem ha-de pedir ao trabalho a nossa subsistencia. No dia, em que te deitar no collo o dinheiro ganho com o suor do meu rosto, n'esse dia, se o coração te não disser o contrario, has de depôr nos meus labios o beijo do perdão.

Mariquinhas lançou-lhe o braço á roda do pescoço, e inundou-lhe o rosto de beijos e de lagrimas, murmurando ao mesmo tempo:

— Oh! obrigado, meu Deus!

— Sim, agradece ao Todo-Poderoso, mas agradece tambem á sombra do filho que nos morreu.

Ella ajoelhou, e obrigou suavemente o marido a ajoelhar tambem. Depois, estendendo o braço para o berço vasio, disse-lhe:

— Vê como são insondaveis os designios da Providencia! Nós... perdemos um filho na terra, mas ganhámos um protector no céo.


LIBRARY OF CONGRESS
0 024 329 437 A
